

O MISTERIOSO CASO DE STYLES
Agatha Christie

Formatado pelo Grupo Papirolantes

INTRODUÇÃO

Poirot é um nome francês. Pronuncia-se "Poarrô".

Eu Vou Para Styles.

O intenso interesse despertado no público pelo que ficou conhecido na época como "Caso Styles" está, de certa forma, esquecido. Todavia a opinião pública ainda dá certa atenção ao assunto; eu tenho pedido tanto para meu amigo Poirot quanto para a família, para que pudesse escrever um relato sobre a história. Isto, nós acreditamos, silenciará os rumores sensacionalistas que ainda persistem.

Vou expor, resumidamente, as circunstâncias que fizeram com que eu tivesse certa ligação com o incidente.

Eu estava internado em uma casa de saúde e, após passar vários dias lá, consegui uma licença de saúde de um mês. Não tendo relações próximas e nem amigos tentava manter minha mente ocupada, quando me encontrei com John Cavendish. Tinha conhecido ele quando era apenas um garotinho, mas de fato nunca o havia conhecido particularmente bem. Ele era uns bons quinze anos mais velho, mas não aparentava já estar na casa dos 45. Quando garotinho lembrei, às vezes passava uns tempos em Styles, morada de sua mãe em Essex.

Nós tínhamos boas lembranças do passado, e isso resultou num convite para que eu fosse passar minha licença na cidade.

- Minha mãe ficará feliz em revê-lo, após todos esses anos. - disse ele.

- Sua mãe está bem? - perguntei

- Ah, sim! Suponho que você saiba que ela casou de novo.

Deixei transparecer minha surpresa. A Sra Cavendish casou com o pai de John quando era muito nova, mesmo ele já sendo viúvo e tendo dois filhos. Ela não deveria ter menos de setenta anos agora! Eu a conheci com uma personalidade enérgica, autocrática, bondosa para com os outros; muitas vezes abria bazares para arrecadar dinheiro para obras de caridade. Era uma mulher de bom coração, e possuía uma boa fortuna.

O seu cantinho verde, o sítio em Styles, fora comprado pelo Sr Cavendish assim que casaram. Ele era completamente louco pela esposa e, com a morte, deixou para ela o sítio enquanto sua mulher vivesse, e também um bom dinheiro em um testamento que, de certa forma foi injusto com seus dois filhos. A madrasta, de qualquer modo, sempre foi generosa para eles; esses eram ainda muito jovens quando o pai casou de novo, então a consideravam como sua própria mãe.

Lawrence, o mais moço, teve uma juventude delicada. Formou-se em medicina, mas logo desistiu da profissão; vivia em casa escrevendo, e acreditava que seus versos alcançariam sucesso de fato.

John exerceu por algum tempo a profissão de advogado, mas logo decidiu viver no campo. Ele havia casado dois anos antes, e trouxe a esposa para viver no sítio.

Penso eu que o que o trouxe ao sítio foi a possibilidade de "engordar" a sua renda. A Sra Cavendish gostava de fazer seus próprios planos; talvez esperasse outra pessoa para morar com eles e, nesse caso, certamente estaria no controle da situação.

John percebeu minha surpresa ao receber a notícia do casamento de sua mãe, e deu um sorriso sarcástico.

- Um podre de um aproveitador, - disse, ele rudemente - ele perturba a gente. Também Evie, lembra de Evie?

- Não.
- Oh, suponho que ela tenha aparecido depois de sua época. Ela é o braço direito da madrasta. Mão para toda obra. Um grande apoio boa Evie! Não precisamente jovem e bonita, mas sabe fazer todos dançarem conforme a música.

- Você estava dizendo...

- Ah, este homem! Ele surgiu do nada com a desculpa de que era primo segundo ou algo assim de Evie, mesmo que Evie não conseguisse encontrar uma relação de parentesco entre eles. Esse homem é um estranho, qualquer um vê isso.

Ele tem uma perpétua barba longa e negra, e sempre que chove usa as mesmas botas de couro, como se fossem as únicas que existissem. Até que um dia mamãe simpatizou com ele e o tornou seu secretário; você sabe como ela sempre anda correndo entre uma centena de associações!

- Realmente. - pensei.

- Bem, a guerra transformou as centenas em milhares. Sem dúvida ele foi muito útil para ela. Nós poderíamos tê-lo suportado, não fosse o que aconteceu há três meses atrás: ela surpreendentemente anunciou que estavam comprometidos!

Sem dúvida que esse homem está apenas atrás do dinheiro dela; mas ela decidiu por si mesma, e eles casaram. Ele deve ser no mínimo 20 anos mais novo!

- Deve ser uma situação difícil para vocês.

- Difícil? É quase que desastrosa!

E assim parti três dias depois. Abandonei o trem na estação Styles St Mary, uma daquelas estações absurdamente pequenas, sem razão aparente para existir, empoleiradas entre pradarias e florestas. John Cavendish aguardava-me na plataforma, e dirigiu-me até o carro.

- Consegui um pouco de gasolina, veja só. - disse ele - Mas isso graças à influência de mamãe.

A vila de Styles St Mary localizava-se a uns dois quilômetros da estação, e o sítio Styles um quilômetro após ela; era um dia quente e calmo, pelos idos de julho. Peguei-me a observar os campos de Essex, perfeitamente nivelados, tão verdejantes e pacíficos sob o sol da tarde! Quase impossível de acreditar que não muito longe se desencadeava uma grande guerra. Senti como se estivesse perdido em um outro mundo. Quando entramos no sítio, John disse:

- Estou com medo que você ache o lugar muito monótono e quieto, Hastings.

- Ah, meu velho amigo, paz é o que mais desejo atualmente.

- Bem, com certeza aqui é um lugar ideal para se levar uma vida sossegada. Eu trabalho com os voluntários duas vezes por semana, e dou uma mãozinha aos trabalhadores da fazenda no resto do tempo. Minha esposa também ajuda. Ela levanta todas as manhãs às 5 horas para ordenhar as vacas, e se mantém trabalhando até a hora do café. É uma ótima vida, levando-se em consideração toda a beleza e paz que se tem ao redor. Logicamente não se considerando Alfred Inglethorp!

Ele olhou rapidamente pelo carro:

- Eu ficaria agradecido se nós tivéssemos um tempinho para pegar Cynthia... Não, ela já deve ter deixado o hospital há essa hora.

- Cynthia! Sua esposa, não?

- Não. Cynthia é uma enteada de minha mãe, filha de uma velha colega de escola dela, que acabou casando com um advogado corrupto. Ele morreu, e elas foram deixadas à mercê da sorte. Minha mãe correu em seu socorro, e Cynthia está com a gente há dois anos. Ela trabalha no hospital da Cruz Vermelha, em Tadmindster, cinco quilômetros adiante.

Enquanto ele pronunciava as últimas palavras, nós nos aproximávamos de uma casa muito bem conservada, mas que deixava à mostra sua arquitetura antiga. Uma senhora corpulenta que estava inclinada sobre um canteiro de flores, veio em nossa direção.

- Oi Evie, aqui está o nosso herói ferido! Sr Hastings – Srta. Howard.

A Srta. Howard saudou-me com um firme - quase doloroso - aperto de mão. Notei seus olhos azuis que contrastavam com a pele queimada pelo sol. Ela era uma mulher atraente de mais ou menos 40 anos, com uma voz profunda quase masculina no seu tom grave; um corpo quase bem definido e pés largos, encaixados em botas macias.

Sua conversa, logo percebi, dava-se em um tom telegráfico: frio e contínuo.

- As ervas daninhas crescem muito rápido melhor ter cuidado, senão elas acabam lhe vencendo.

- Se precisar de alguma ajuda, pode contar comigo.

- Não deveria ter dito isso! Logo estarei perturbando você.

- Não seja boba, Evie!- disse John, sorrindo. Onde será o chá hoje? Na sala ou na rua?

- É um dia muito bonito para ficarmos engaiolados dentro de casa.

- Venha, então; chega de jardinagem por hoje. O trabalho é recompensado quando se recebe o pagamento, você sabe.

- Certo você venceu!- disse Evie tirando as luvas de jardinagem. Ela dirigiu-nos até onde o chá estava sendo servido, sob a sombra de uma grande árvore. Uma mulher de pele rosada levantou de uma das cadeiras e veio a passos largos para encontrar-nos.

- Esta é minha esposa, Hastings!- disse John.

Nunca mais esquecerei minha primeira visão de Mary Cavendish.

Uma mulher impressionante; altura ideal, corpo bem definido contra os raios de luz, o vívido e deslumbrante senso que firmava expressão em seus lindos olhos; olhos marcantes, diferentes dos de qualquer outra mulher que eu já havia conhecido. Correu-me a impressão de estar frente a um espírito selvagem, esquisitamente moldado em um corpo civilizado. Tudo isso ficou marcado em minha memória. Com certeza eu nunca mais a esqueceria.

Ela saudou-me com algumas palavras de boas-vindas em um tom de voz suave e um tanto agradável; então fui me sentar na roda do chá, satisfeito por ter aceitado o convite de John. Mary serviu-me um pouco de chá, e o seu jeito quieto e prudente veio a reforçar meu conceito sobre ela, o de uma mulher extremamente fascinante. Um ouvinte atento é sempre agradável e estimulativo, e eu descrevia de maneira bem humorada alguns fatos ocorridos enquanto estava na casa de saúde; isso fazia com que eu me distraísse e ainda agradava consideravelmente minha ouvinte.

John estava claro, passava longe de ser um bom conversador. Então ouvi uma velha conhecida voz através de uma das janelas próximas:

- Você escreverá à princesa após o chá, Alfred? Eu escreverei novamente para Tadmindster. Depois já não temos a Duquesa a par da situação da escola?

Houve um murmúrio de uma voz masculina e após a Sra. Inglethorp disse em resposta:

- Sim, com certeza. Após o chá discutiremos isso mais a fundo.

Uma porta se abriu e uma velha senhora de cabelos brancos, de aparência marcante e respeitável, saiu para o gramado. Um homem a seguia, igualmente com jeito respeitável e com boas maneiras.

A Sra. Inglethorp saudou-me com alegria.

- Ora! Estou muito contente em vê-lo de novo Sr. Hastings, após todos esses anos. Alfred querido venha cá. Sr. Hastings; meu marido.

Eu olhei com certa curiosidade para "Alfred querido". Ele certamente se parecia com um forasteiro ou algo assim. Tive de concordar com John sobre a longa barba; uma das mais negras que eu já vi. Ele usava um broche de ouro e parecia ter um caráter impassível, como se nada o atingisse. Parecia estar com o papel perfeito na encenação, mas no lugar errado na vida real. Sua voz era profunda e deixava transparecer a falta de sinceridade. Ele colocou a mão no meu ombro e disse:

- É realmente um prazer, Sr. Hastings!-

Depois, virando-se para a esposa

- Emily, querida, acho que esta almofada está um pouco desconfortável, não?

Ela sorriu carinhosamente para ele, enquanto ele substituía a almofada com toda a demonstração de carinho. Estranha paixão de uma mulher sensivelmente diferente.

Na presença do Sr. Inglethorp, o pressentimento de falsa hospitalidade parecia me acompanhar. A Srta. Howard, em particular, não escondia nada nem trazia desconfianças. A Sra. Inglethorp, mesmo assim, demonstrava algo diferente. Sua volubilidade, como eu lembrava dos velhos tempos, não havia se perdido com o passar dos anos, e ela deixou escapar uma enxurrada de conversa, principalmente sobre o 4º bazar que ela vinha organizando e que ainda não tinha nem data e nem lugar definido. Ocasionalmente dirigiu-se ao marido para perguntar sobre dias e datas. Ele nunca variava suas maneiras atentas e desconfiadas, e então firmei minha antipatia por ele e constatei que minha primeira impressão estava correta.

A Sra. Inglethorp saiu para instruir Evie sobre algumas cartas, e seu marido virou-se para mim e perguntou com sua voz poli da:

- Você não foi convocado pelo exército, Sr. Hastings?

- Não, antes da guerra eu estava em Lloyd.

- E retornará quando a guerra acabar?

- Depende. Ou isso ou irei começar minha vida novamente.

Mary Cavendish inclinou-se para frente lentamente:

-se você pudesse escolher uma profissão, o que escolheria?

- Bem, isso depende.

- Nenhum hobby secreto? Não há nada que você gostaria de fazer?

Alguma coisa há, com certeza, mesmo que seja absurda.

- Você vai rir de mim.

Ela sorriu.

- Quem sabe...

- Bem, eu sempre desejei ser um detetive!

- A coisa real tipo Scotland Yard; ou apenas Sherlock Holmes?

- Sherlock Holmes. Na verdade estou muito atraído por isso. Lembro-me de um homem na Bélgica, uma vez, um famoso detetive, ele que despertou esse interesse em mim. Ele era um sujeito brilhante, afirmava que para cada tipo de caso havia um método a ser empregado. Meu sistema é baseado no dele, só que eu estou muito mais longe de ser promovido. Ele era um homem muito divertido, grande humorista, mas absurdamente talentoso e inteligente.

- Como uma das minhas próprias histórias de detetive. - mencionou a Srta. Howard

- Um monte de escritos sem sentido, penso. O criminoso descoberto no último capítulo. Todos são suspeitos, você quer saber o que realmente aconteceu.

- Existe um grande número de crimes não desvendados. - retruquei.

- Isso não se deve à polícia, mas às pessoas que estão diretamente envolvidas nisso: a família. Você não poderia enganá-los realmente; de algo eles desconfiariam.

- Bem, - eu disse - você pensa que se estivesse envolvida em um crime, digo, um assassinato, você saberia ou teria quase certeza de quem seria o assassino?
- Com certeza. Talvez não tivesse como provar para os advogados, mas certamente eu saberia. Se ele estivesse por perto, eu sentiria isso na ponta de meus dedos!
- Poderia também ser "ela" - sugeri.
- Poderia. Mas assassinato é um crime violento, associa-se muito mais a um homem.

- Não no caso de envenenamento.

A Sra. Cavendish surpreendeu-me

- o Dr. Bauerstein estava dizendo ontem que devido à ignorância geral por parte do povo em relação aos mais variados tipos de venenos que circundam a medicina, um caso de envenenamento sem fortes suspeitos é mais difícil.

- Nossa, Mary! Que conversa mais esquisita!-argumentou a Sra. Inglethorp - Isso me faz sentir como se eu estivesse cavando meu próprio túmulo. Ah, Cynthia chegou.

Uma moça jovem usando um uniforme cruzava o gramado.

- Cynthia, você chegou tarde hoje. Sr. Hastings, Srta. Murdock.

Cynthia Murdock era uma criatura admirável, cheia de vida e energia. Livrou-se do boné, e assim pude admirar seu belo cabelo ondulado; também não pude deixar de notar que suas mãos eram pequeninas e brancas. Ficaria ainda mais bonita com olhos e cílios escuros.

Ela sentou-se na grama ao lado de John, e quando eu alcancei a ela o prato de sanduíches, ela sorriu para mim.

- Sente-se aqui na grama, é muito melhor.

Abandonei a cadeira e sentei na grama.

- Você trabalha em Tadmindster, não é?

Ela concordou.

- Pelos meus pecados!

- Eles maltratam você lá?- perguntei sorrindo.

- Gostaria de vê-los fazerem isso!-argumentou Cynthia com dignidade.

- Eu tive uma prima que foi enfermeira, e ela se apavorou com as irmãs.

- Não estou surpresa. As irmãs simplesmente estão lá e pronto, Sr. Hastings. Elas simplesmente estão lá! Você nem sabe ao certo para quê. Mas eu não sou enfermeira, agradeço aos céus, eu trabalho em uma espécie de depósito de produtos químicos. Parecido com um almoxarifado.

- Quantas pessoas você já envenenou?- perguntei, sorrindo.

Cynthia sorriu também.

- Centenas!- ela disse.

- Cynthia!- chamou a Sra. Inglethorp - acha que pode tomar nota de algumas coisas para mim?

- Claro, tia Emily.

Ela levantou-se prontamente, e alguma coisa em sua maneira lembrou-me que ela estava na posição de dependente, e que a Sra. Inglethorp, bondosa como sempre foi, fazia com que ela não se sentisse bem ao recusar uma ajuda.

Minha anfitriã dirigiu-se a mim.

- John mostrará o seu quarto. O jantar será servido às 07h30min. Nós temos jantado cedo por essas épocas. A Sra. Tadmindster, esposa de um de nossos membros e também a última filha do Lorde Abbotsbury, faz o mesmo. Ela concorda comigo no fato de que alguém tem que dar um exemplo de economia. Nós estamos encarando uma verdadeira guerra doméstica; nada é desperdiçado aqui, cada pedaço de papel é recolhido e enviado em sacos.

Eu expressei meu reconhecimento, e então John levou-me para dentro de casa; subimos uma ampla escadaria que no meio dividia-se em duas, indo uma parte para cada lado da casa. Meu quarto era do lado esquerdo, sobre a garagem e estacionamento dos carros.

Logo depois de John ter saído, eu o vi caminhando pela grama lentamente de braços dados com Cynthia. Ouvi a Sra. Inglethorp chamar por Cynthia impacientemente; a garota abandonou John e voltou correndo. Na mesma hora um homem saiu debaixo de uma árvore e seguiu na mesma direção. Ele aparentava uns 40 anos; era moreno, e com a barba bem aparada. Alguma emoção violenta parecia tomar conta dele. Enquanto caminhava olhou para minha janela, então consegui reconhecê-lo; como havia mudado em 15 anos! Era Lawrence Cavendish, o irmão de John. Fiquei curioso para saber o que havia causado aquela expressão em seu rosto.

Logo esqueci dele e retornei aos meus afazeres.

A noite foi suficientemente agradável, e eu acabei sonhando com a mulher enigmática: Mary Cavendish.

De manhã acordei sob um sol radiante, um dia perfeito; eu previa uma bela estadia. Não vi Mary até a hora do café da tarde, quando ela convidou-me para caminharmos um pouco; gastamos a tarde a caminhar e conversar, e retornamos próximo às 5 horas.

Quando entramos, John chamou-nos até a sala dos fumantes. Vi pela expressão em seu rosto que algo o atormentava. Nós o seguimos e ele fechou a porta logo após entrarmos.

- Escute Mary, aqui está uma confusão dos diabos. Evie teve uma discussão com Alfred Inglethorp, e foi embora!

- Evie saiu logo após?

John concordou preocupadamente.

- Sim. Veja para onde ela foi. E... Ah, aqui está ela!

A Srta. Howard entrou. Seus lábios estavam severamente cerrados, e ela trazia consigo uma pequena blusa.

- Que ódio!- estourou - Deveria ter desconfiado!

- Evelyn, não pode ser verdade!

- É a pura verdade! Disse para que Emily não julgasse ou perdoasse precipitadamente, mas ela não me deu ouvidos. Eu disse: "Você é uma mulher muito velha, Emily! O homem é 20 anos mais moço que você, por que ele casaria contigo? Dinheiro! Bem, não dê muito a ele... O Sr. Raikes tem uma esposa muito jovem e bonita, pergunte ao seu Alfred quanto tempo ele gasta lá de vez em quando!" Ela ficou furiosa. Natural! Eu disse ainda: "eu estou lhe avisando, qualquer noite dessas, esse homem vai assassiná-la na sua própria cama enquanto você dorme! Ele é muito mal encarado; não esqueça disso!".

- E o que ela disse?

A Srta. Howard fez uma cara expressiva:

- "Querido Alfred" - "Amado Alfred" - "Calúnias mal intencionadas" - "Mentiras contra ele". Então eu deixei a casa imediatamente, e estou caindo fora!

- Mas agora?

- Neste exato momento!

Por um momento nós sentamos e ficamos a observá-la. Finalmente John, sem o que dizer, saiu para refletir; sua esposa logo o seguiu, falando algo sobre persuadir a Sra. Inglethorp a pensar melhor nisso.

Quando eles deixaram a sala, o rosto da Srta. Howard mudou. Ela aproximou-se de mim:

- Sr. Hastings, você é honesto. Posso confiar no senhor?

Eu estava um pouco surpreso. Ela pôs sua mão no meu braço, e baixou sua voz a um simples sussurro:

- Veja, Sr. Hastings. Minha pobre Emily... Eles são um bando de aproveitadores!

Sei o que eu estou dizendo! Todos eles são! Todos tentam arrancar o dinheiro dela! Eu a tenho defendido como pude até hoje, mas agora estou abandonando tudo. Eles arrancarão o que puderem dela.

- Eu entendo Srta. Howard; você está um tanto nervosa e talvez julgando precipitadamente.

Ela interrompeu-me fazendo um "não" com o dedo indicador:

- Acredite em mim. Eu vivo aqui há muito tempo e sei o que eles querem. Tudo que eu peço é que você fique de olhos bem abertos, e então verá o que eu quero dizer!

O barulho do motor de um carro foi ficando mais audível, enquanto a Srta. Howard levantava-se e se dirigia à porta. Ouvia-se a voz de John ao longe. Ela virou-se para mim já com a mão na fechadura, e se despediu.

- Acima de tudo, Sr. Hastings, vigie o Demônio: Alfred Inglethorp!

Não havia tempo para mais. A Srta. Howard partia em meio a um coro de protestos e tchaus. Alfred e Emily Inglethorp não apareceram.

Quando o carro foi embora, a Sra. Cavendish separou-se do grupo alcançando o gramado do outro lado da estrada, para encontrar um homem gordo que estava, evidentemente, chegando na casa. Sua face rosou-se enquanto ela o cumprimentava.

- Quem é esse?- perguntei.

- O Dr. Bauerstein!- disse John brevemente.

- E quem é o Dr. Bauerstein?- insisti.

- Ele está na vila se recuperando de um ataque nervoso; é um especialista de Londres, penso eu que um dos maiores especialistas em venenos da atualidade.

- E é um grande amigo de Mary! - interferiu Cynthia.

John olhou reprovadamente para ela e mudou de assunto.

- Vamos dar uma volta, Hastings. Isso tem sido um problema; ela sempre teve a língua solta, mas mesmo assim não existe no mundo amiga melhor que Evelyn Howard.

Tomamos o caminho da plantação e caminhamos em direção à vila através das árvores que beiravam os limites da fazenda.

Enquanto passávamos por uma porteira no caminho de volta para casa, encontramos uma mulher muito jovem que vinha na direção oposta; ela cumprimentou-nos e sorriu.

- Uma mulher muito bonita. -observei.

John olhou-me seriamente.

- Essa é a Sra. Raikes.

- A quem a Srta. Howard referia-se?

- Exatamente. - disse John em tom áspero.

Pensei sobre a velha senhora de cabelos brancos, sozinha em uma casa enorme, e pensei na maravilhosa mulher que cumprimentou-nos momentos atrás. Um pequeno calafrio percorreu meu corpo. Resolvi não pensar no que poderia estar realmente acontecendo.

- Styles é realmente um lugar muito bom. - disse eu a John. Ele concordou, com uma expressão triste.

- Sim, e esta é uma propriedade muito bonita; tudo isso deveria ser meu pela lei, se meu pai tivesse feito um testamento justo. Então eu não estaria passando por estas dificuldades financeiras pelas quais estou passando.

- Dificuldades, você?

- Amigo Hastings, faz muito tempo que eu não vejo dinheiro.

- Seu irmão não pode ajudá-lo?

- Lawrence? Ele pegou o pouco dinheiro que tinha e se foi na fantasia de enriquecer com a publicação de seus versos. Não, realmente ele não poderia me ajudar. Minha mãe sempre foi muito boa para nós, mas desde que casou não nos ajudou mais. - disse ele, franzindo a testa.

Pela primeira vez eu senti como Evelyn Howard, que havia algo estranho no ar. Sua presença significava segurança, e agora essa segurança não mais existia. A figura sinistra do Dr. Bauerstein deixou-me desconfiado. Um vago pressentimento de que estávamos à beira do caos invadiu minha mente, e eu pressentia o mal iminente.

Os dias 16 e 17 de Julho

Eu cheguei em Styles no dia cinco de julho, iniciam-se agora os eventos dos dias 16 e 17. Para conveniência do leitor, recapitularei os incidentes exatamente como aconteceram, na medida do possível. Eles irão elucidar o subsequente processo de eliminação por cruzamento de informações.

Recebi uma carta de Evelyn Howard alguns dias após sua partida, ela dizia que estava trabalhando como enfermeira de um grande hospital em Middlingham, uma cidade industrial que se localizam 15 milhas adiante, e pedia-me para dizer se a Sra. Inglethorp demonstrava desejo de reconciliação.

O único pesar dos meus dias era a preferência de Mary pela companhia e amizade do Dr. Bauerstein. O que ela viu no homem realmente eu não sei, mas ela sempre o convidava para ir até a casa, e às vezes saíam para verdadeiras expedições. Devo confessar que estou louco para descobrir o que a atrai tanto.

O dia 16 caiu em uma segunda-feira, um dia muito tumultuado. O bazar havia acontecido no sábado, e uma festinha para entretenimento e também para fins de caridade, onde a Sra. Inglethorp iria recitar poemas de guerra, iria acontecer naquela noite. Durante a manhã todos estávamos ocupados decorando um salão na vila, onde a festa iria acontecer. Tomamos um lanche e passamos a tarde descansando no jardim. Percebi que John estava um pouco diferente, parecia nervoso ou cansado.

Após o chá, a Sra. Inglethorp foi dormir um pouco antes dos eventos da noite, e eu desafiei Mary para uma partida de tênis.

Às 06h45min a Sra. Inglethorp chamou-nos e disse que estávamos atrasados para o jantar. Corremos para ficarmos prontos a tempo; e antes do fim da refeição o carro estava esperando na porta.

A festa foi um grande sucesso, o recital da Sra. Inglethorp foi intensamente aplaudido. Houve também algumas encenações nas quais Cynthia tomou parte. Ela não voltou com a gente, tendo pedido para ficar no jantar da festa, e depois gastar a noite com alguns amigos que também participaram da encenação.

Na manhã seguinte a Sra. Inglethorp tomou o café da manhã na cama porque estava muito cansada; mas em torno das 12h30min havia levantado com toda a disposição, e levou Lawrence e eu para almoçarmos fora.

- Sem dúvida um apreciável convite das Sra. Robbston. Irmã da Sra. Tadmindster, você sabe. Os Robbston são velhos amigos e sempre nos ajudaram muito.

Mary deu a desculpa de um compromisso com o Dr. Bauerstein e não foi. Nós tivemos um lanche agradável, e quando voltávamos para casa Lawrence sugeriu que votássemos por Tadmindster, um pouco mais longe, para visitar Cynthia em seu serviço. A Sra. Inglethorp disse que era uma excelente idéia, mas que tinha algumas cartas para escrever; ela nos deixaria lá e nós retornaríamos com Cynthia. O porteiro segurou-nos na porta do hospital até que Cynthia veio interceder por nós; ela usava um longo guarda-pó branco. Ela nos levou até o almoxarifado e apresentou-nos para sua companheira de serviço, uma moça um tanto tímida a qual Cynthia chamou de Nibs.

- Que monte de frascos!- exclamei enquanto meus olhos giravam pela pequena sala
- Você realmente sabe o que tem em cada um deles?
- Diga algo mais original!- retrucou Cynthia - Todo mundo que vem aqui diz "que monte de frascos..." e eu sei até o que você ira perguntar agora: "quantas pessoas você já envenenou?"

Defendi-me com uma gargalhada.

- Se o povo imaginasse como é fatalmente fácil envenenar alguém por engano, você não estaria rindo disso. Venha, vamos tomar chá. Nós temos todo o tipo de material nesses armários. Não, Lawrence, esse é o armário dos venenos. O correto é o grande.

Tomamos um chá muito gostoso, e acabávamos de tomar o último gole quando alguém bateu na porta. Os semblantes de Cynthia e Nibs ficaram instantaneamente petrificados.

- Entre! - disse Cynthia, em um tom profissional.

Uma enfermeira jovem apareceu com um frasco que foi oferecido a Nibs, esta passou o frasco a Cynthia com uma alegação enigmática:

- Eu não estava aqui hoje!

Cynthia pegou o frasco e examinou-o com a seriedade de um juiz.

- Este deveria ter sido enviado esta manhã!

- A irmã pede desculpas. Ela esqueceu.

- A irmã deve ler os regulamentos que estão do lado de fora da porta.

Percebi que a enfermeira não estava com a menor coragem de levar ela mesma esta mensagem para a temida irmã.

- Isso não poderá ser feito até amanhã. - finalizou Cynthia.

- Não há a menor possibilidade de que fique pronto hoje à noite?

- Bem, - disse Cynthia - estamos muito ocupadas, mas se sobrar um tempinho eu verei o que posso fazer.

A pequena enfermeira retirou-se; Cynthia tomou uma garrafa da prateleira e completou o frasco, depois o colocou sobre a mesa do lado de fora da porta.

Não resisti e acabei rindo.

- Tentando manter a disciplina?

- Exatamente. As regras estão afixadas do lado de fora do balcão.

Eu segui Cynthia e sua amiga, e elas apontaram para o cartaz afixado na parede.

Lawrence ficou para trás, mas após alguns momentos Cynthia chamou-o para que ele se juntasse a nós. Ela olhou o relógio.

- Nada mais a fazer, Nibs?

- Não.

- Ok. Vamos fechar e ir embora.

Lawrence estava diferente pela manhã. Comparado a John, ele era uma pessoa muito difícil de conhecer. Era o oposto de seu irmão em muitos aspectos; era extremamente calado e reservado. Era muito bem educado e se eu o conhecesse

melhor, poderia ter profunda afeição por ele. Lawrence sempre ficava constrangido quando Cynthia estava por perto e ela ficava calada ao seu lado. Mas naquela tarde ambos estavam vívidos demais, e falavam como papagaios.

Enquanto íamos para casa lembrei que precisava de alguns selos, então fizemos uma parada no correio.

Quando estava saindo notei um pequeno homem que chegava. Parei ao seu lado e fiquei observando-o quando, de repente, ele me abraçou afetuosamente.

- Mon ami

Hastings!- ele exclamou - É mesmo mon ami Hastings!

- Poirot!- exclamei.

Voltei para o carro.

- Estou muito feliz, Srta. Cynthia. Este é meu velho amigo monsieur Poirot, que já não via há anos!

- Nós conhecemos monsieur Poirot, mas não sabíamos que vocês eram amigos!- disse Cynthia.

- Sim, de fato. - disse Poirot seriamente - eu conheço mademoiselle Cynthia. Eu mesmo estou aqui pela caridade da Sra. Inglethorp. - depois, quando olhei pensativo:- Sim, meu amigo! Ela hospitaleiramente acolheu sete de meus compatriotas refugiados. Nós Belgas sempre lembraremos dela com muita gratidão. Poirot era um homem extremamente baixinho. Não deveria ter mais do que 1,60m, mas tinha seu orgulho próprio e andava de cabeça erguida. Sua cabeça tinha o exato formato de um ovo, mas ele nunca ligou para isso. Tinha um estilo militar; a limpeza de suas roupas era de invejar, acredito que causaria mais dor nele uma mancha de sujeira do que um tiro. Este homenzinho esquisito que mancava um pouco foi na sua época um dos melhores membros da polícia Belga. Como detetive tinha um talento extraordinário conseguindo resolver casos complexos e emaranhados.

Ele mostrou-me a casa onde ele e seus amigos estavam, e eu prometi que logo viria visitá-los. Depois ele tirou o chapéu para despedir-se de Cynthia respeitosamente, e nós fomos embora.

- Ele é um homem muito amável - disse Cynthia - não fazia idéia que vocês se conheciam.

- Você conhecia uma celebridade inconscientemente repliquei.

E então pelo resto do caminho contei-lhes alguns dos bem-sucedidos casos de Hercule Poirot.

Voltamos alegres e conversando muito. Quando entramos na sala, a Sra. Inglethorp saiu de seu escritório. Parecia triste e aflita.

- Ah, são vocês. - ela disse.

- Aconteceu alguma coisa, tia Emily?- perguntou Cynthia.

- Claro que não, - disse a Sra. Inglethorp -o que poderia ter acontecido?- depois olhando para Dorcas, a arrumadeira que se dirigia para a sala de jantar, ordenou que trouxesse alguns selos até o escritório.

- Sim, madame. - a velha empregada hesitou um pouco e depois concluiu - A senhora parece estar muito cansada, não seria melhor deitar um pouco?

- Acho que você está certa, mas ainda tenho algumas cartas para escrever. Você acendeu a lareira no meu quarto como pedi?

- Sim senhora.

- Então irei me recolher logo após o jantar.

Ela entrou novamente no escritório enquanto Cynthia a observava:

- O que realmente houve?- disse ela para Lawrence.

Ela não a ouviu; virou-se e dirigiu-se para fora da casa.

Sugeri a Cynthia uma partida rápida de tênis antes do jantar, ela aceitou e eu subi rapidamente para pegar minha raquete.

A Sra. Cavendish estava descendo as escadas. Poderia ser apenas imaginação minha, mas ela estava muito perturbada.

- Teve um bom passeio com o Dr. Bauerstein?- perguntei, tentando parecer que não tinha notado nada.

- Eu não fui. - ela respondeu asperamente - onde está a Sra. Inglethorp?

- No escritório.

Suas mãos apertavam-se contra o corrimão, e ela parecia nervosa. Desceu rapidamente as escadas, atravessou a sala e entrou no escritório, fechando a porta violentamente atrás de si.

Quando fui para a quadra de tênis momentos depois, passei frente à uma janela do escritório que estava aberta, e casualmente ouvi um pedaço da conversa. Mary dizia em um tom desesperado:

- Você não irá mostrar isso para mim?

- Querida Mary, isso não tem nada a ver com o assunto!

- Então me mostre isso!

- Não é o que você está imaginando. Isso não afeta você de modo algum.

Então Mary acrescentou com uma crescente amargura:

- Claro! Eu já deveria saber que você iria protegê-lo!

Cynthia aguardava-me, e assim que cheguei disse:

- Dorcas me disse que houve uma briga muito feia.

- Que tipo de briga?

- Entre tia Emily e "ele". Espero que agora ela o mande embora.

- Dorcas por acaso estava lá?

- Claro que não! Ela apenas estava passando próximo à porta deles. Isso é mesmo um estouro, eu só gostaria de saber por que eles brigaram.

Na mesma hora veio-me a lembrança do lindo sorriso da Sra. Raikes, e também de Evelyn Howard avisando; decidi não falar nada. Cynthia esboçou um sorriso e lançou mais uma hipótese:

- Tia Emily o mandará embora e nunca mais falará com ele.

Eu estava ansioso para saber o que John pensava sobre isso, mas não o encontrei em lugar algum. Evidentemente algo ocorreu naquela tarde. Eu tentava esquecer as palavras que tinha ouvido pela janela, mas de qualquer jeito nunca as esqueceria completamente. Por que Mary Cavendish estava tão interessada no assunto?

O Sr. Inglethorp estava na sala de visitas quando eu descii para o jantar. Seu rosto permanecia indiferente como sempre, e demonstrava um grande senso de irrealidade que me assustou.

A Sra. Inglethorp desceu logo depois. Ela parecia estar agitada, e durante a refeição manteve-se calada. O Sr. Inglethorp também estava calado como sempre.

Rodeava a esposa de pequenas atenções, arrumando a almofada às suas costas e fazendo o papel de marido devotado. Imediatamente após o jantar, a Sra. Inglethorp retirou-se novamente para o escritório.

- Mande meu café aqui, Mary. Tenho apenas 5 minutos para escrever a correspondência!

Cynthia e eu sentamos próximo à uma janela aberta na sala de visitas. Mary trouxe café para nós. Ela ainda demonstrava estar preocupada e ansiosa.

- Vocês jovens gostam de lugares claros ou preferem o "crepúsculo"?- brincou ela - Cynthia, poderia levar o café da Sra. Inglethorp? Eu vou tirar os restos da mesa.

- Tudo bem, Mary!- disse o Sr. Inglethorp - deixe que eu mesmo levo o café para Emily. - ele pegou a bandeja na mão, e saiu carregando cuidadosamente.

Lawrence seguiu-o. A Sra. Cavendish sentou-se com a gente.

Nós três ficamos em silêncio por um certo tempo.

Estava uma noite muito agradável quente e calma. A Sra. Cavendish abanava-se com um leque.

- Está muito quente - ela murmurou - acho que vamos ter uma tempestade.

Mas tudo que é bom, dura pouco. Fui rudemente "arrancado" de meu paraíso por uma bem conhecida voz na sala principal.

- Dr. Bauerstein!- exclamou Cynthia - Chegou em boa hora.

Em poucos segundos Alfred já o havia arrastado para dentro, com uma posterior gargalhada; brincou dizendo que ele não poderia ficar na sala porque estava literalmente encharcado de barro.

- O que você tem feito, doutor?- perguntou a Sra. Cavendish.

- Primeiramente devo me desculpar. Eu realmente não queria entrar, mas o Sr. Inglethorp insistiu!

- Bem, Bauerstein, você está desculpado. - disse John, que vinha da sala principal.

- Pegue um café e conte-nos o que tem feito ultimamente.

- Obrigado, eu contarei. - ele soltou uma rápida risada e contou-nos como descobriu uma espécie muito rara de samambaia em um lugar praticamente inacessível e, em seu esforço para tentar pegá-la, perdeu o equilíbrio caindo dentro de uma pequena poça de barro.

- O sol secou minhas roupas - ele disse - mas eu fiquei totalmente sujo de lama.

Neste momento a Sra. Inglethorp chamou Cynthia para a sala principal, e a garota saiu correndo.

- Apenas leve para cima, minhas roupas de descanso. Pode fazer isso, querida?

Estou indo para a cama.

A porta entre as salas era bem larga. Eu levantei quando Cynthia saiu. John estava encoberto por mim. Tínhamos então três testemunhas que viram a Sra. Inglethorp ir para seu quarto com a xícara de café na mão.

Minha noite tinha se tornado, muito chata e cansativa pela presença do Dr. Bauerstein. Parecia que o homem nunca iria embora. Quando ele se levantou, finalmente, eu dei um suspiro de alívio.

- Eu vou até a vila com você. - disse o Sr. Inglethorp; depois, virando-se para John - Não precisam levantar para abrir a porta, levarei uma chave comigo.

A Noite da Tragédia

Os quartos dos empregados não têm comunicação com o lado direito da casa, onde ficam os quartos do Sr. e Sra. Inglethorp.

No meio da noite fui acordado por Lawrence Cavendish. Ele carregava uma vela na mão, e seu rosto agitado me fez perceber que havia algo de errado; muito errado.

- O que aconteceu?- perguntei, levantando e tentando organizar meus pensamentos dispersos.

- Nós achamos que minha mãe está doente. Ela parece estar tendo umas convulsões, e a porta está trancada por dentro.

- Vamos lá ver o que está acontecendo.

Eu pulei da cama e vesti um roupão, então nos dirigimos para a asa direita da casa.

John juntou-se a nós, também alguns empregados aproximaram-se.

Lawrence virou-se para seu irmão:

O que acha que devemos fazer?

John parecia indeciso.

John forçou violentamente a fechadura, mas isso não surtiu efeito. Estava, obviamente, trancada por dentro. Há essa hora a casa toda estava em alvoroço, e os mais alarmantes tipos de sons eram ouvidos no interior do quarto. Algo deveria ser feito, e rápido.

- Tente passar pela porta do Sr. Inglethorp, senhor!- gritou Dorcas, apavorada - oh, pobre senhora!

Repentinamente percebi que Alfred não estava entre nós. John abriu a porta de seu quarto, estava totalmente escuro. Lawrence logo o seguiu com um candelabro, então percebemos, mesmo com a débil luz, que ninguém estava no quarto e que a cama continuava perfeitamente arrumada.

Seguimos imediatamente para a porta de conexão entre os quartos. Estava trancada, o que poderíamos fazer agora?

- Oh, Deus!- disse Dorcas - o que devemos fazer?

- Devemos tentar arrombar a porta, mas com certeza dará muito trabalho. Mande uma das criadas acordar Baily e mandá-lo buscar o Dr. Wilkins agora mesmo. Esperem um momento: não há uma outra passagem através do quarto de Cynthia?- John estava aflito.

- Sim senhor! Mas ela sempre esteve trancada, nunca foi aberta.

- Bem, vamos dar uma olhada nela.

Ele saiu correndo rapidamente em direção ao quarto de Cynthia.

Mary estava lá, chacoalhando a moça - ela tinha um sono pesado - e tentando acordá-la.

Em poucos segundos ele estava de volta.

- Está trancada também. Devemos arrombar a porta, espero que ela não seja muito resistente.

Forçávamos a porta em conjunto. A fechadura resistiu durante algum tempo, mas logo cedeu à pressão e a porta abriu-se com um forte estrondo.

Entramos todos juntos no quarto, Lawrence permaneceu segurando o candelabro.

A Sra. Inglethorp estava sobre a cama sofrendo violentas convulsões, em uma das quais ela deve ter derrubado a mesinha de cabeceira ao seu lado. Assim que entramos seus membros relaxaram, e ela permaneceu inerte sobre a cama.

John atravessou o quarto rapidamente e acendeu o lampião.

Virou-se para Annie, uma das criadas, e mandou-a até a sala de jantar para trazer um pouco de conhaque.

Depois foi socorrer sua mãe enquanto eu destravei a porta que dava para o corredor.

Virei para Lawrence para dizer que estava saindo porque em nada mais poderia ser útil, mas as palavras congelaram-se em meus lábios. Nunca havia visto o rosto de um homem tão apavorado. Ele estava tão branco quanto uma vela, o candelabro despencou de suas mãos trêmulas e veio espatifar-se sobre o carpete e seus olhos, petrificados de terror ou alguma emoção desconhecida, olhavam fixamente sobre minha cabeça para um ponto na parede. Imediatamente segui se olhar, mas nada diferente pude notar. Tudo parecia normal e inofensivo.

O violento ataque da Sra. Inglethorp parecia ter passado, e ela parecia querer falar com dificuldade.

- Estou melhor agora... Uma coisa repentina... Como sou estúpida... Trancar-me pelo lado de dentro.

Uma sombra apontou na cama e, olhando para cima, pude ver Mary com seu braço ao redor de Cynthia. Ela parecia estar segurando a garota, que parecia estar totalmente confusa. Seu rosto estava desanimado e ela bocejava repetidamente.

- Pobre Cynthia, está muito assustada. - disse Mary, em uma voz calma e suave.

Ela usava seu avental branco, isso indicava que deveria ser mais tarde do que eu pensava. Percebi alguns fracos raios de luz através da cortina, e quando olhei para o relógio aproximava-se das 5 horas.

Um estranho ruído de dor que veio da cama assustou-me. Uma dor violenta parecia tomar conta da velha senhora. As convulsões voltaram e alcançaram dimensões terríveis. Tudo estava confuso. Nós corremos para seu lado, mas não tínhamos como socorrê-la, ou se tínhamos não sabíamos como. Uma última e violenta, convulsão derrubou-a da cama, e ela pareceu descansar; seu corpo estava todo contorcido. Em vão John e Mary tentavam fazê-la beber mais conhaque. Alguns segundos passaram. Novamente o seu corpo contorceu-se naquele movimento peculiar.

Nesse momento, o Dr. Bauerstein entrou rapidamente no quarto. Por alguns instantes pareceu imóvel a assustado, observando a figura sobre a cama e, no mesmo momento, a Sra. Inglethorp gritou com uma voz destorcida. Seus olhos fixos no Dr. Bauerstein:

- Alfred... Alfred...- então lentamente deixou-se descansar sobre a cama.

Em um instante o doutor havia alcançado a cama; começou a movimentar rapidamente os braços da Sra. Inglethorp enquanto ao mesmo tempo aplicava a respiração artificial. Ele deu algumas curtas ordens aos criados, e com um sinal de mão ordenou-nos a sair do quarto. Todos sentíamos em nossos corações que já era tarde demais, nada mais poderia ser feito agora. Pude ver pela expressão do Dr. Bauerstein que ele mesmo tinha poucas esperanças.

Finalmente ele desistiu, e saiu balançando a cabeça negativamente. No mesmo instante ouvimos passos se aproximando, e o Dr. Wilkins, médico da Sra. Inglethorp, entrou apressadamente.

Em poucas palavras o Dr. Bauerstein explicou que estava passando pelo portão do sítio e viu um carro sair rapidamente, então veio o mais rápido que pôde até a casa.

Com um gesto indicou o corpo sobre a cama.

- Muito, muito triste. - disse o Dr. Wilkins - Pobre senhora!

Sempre ultrapassava seus limites; fazia muita coisa - contra minhas recomendações. E a havia avisado que seu coração não era muito forte. Vá com calma!- eu disse. Mas ela não queria saber; pensava no bem de todos menos no dela própria.

O Dr. Bauerstein, percebi, olhava fixamente para o Dr. Wilkins, até que falou:

- As convulsões eram de uma violência peculiar, Dr. Wilkins. Se o Sr. tivesse chegado a tempo, iria perceber que eram fora do comum.

- Ah! - disse o Dr. Wilkins compreensivamente.

- Gostaria de falar-lhe em particular. - disse o Dr. Bauerstein.

Depois, virando-se para John: - alguma objeção?

- De forma alguma.

Todos nós saímos para o corredor e deixamos os médicos a sós, ouvi o barulho da fechadura girando às minhas costas.

Descemos vagorosamente as escadas. Minha mente trabalhava violentamente.

Tenho certo talento para dedução, e as expressões no rosto do Dr. Bauerstein desencadearam uma seqüência de hipóteses na minha imaginação. Mary pôs sua mão em meu ombro.

- O que está acontecendo? O que o Dr. Bauerstein quis dizer com "eram de uma violência peculiar?"

Eu olhei para ela.

- Quer realmente saber o que eu penso?

- Sim!

- Preste atenção - eu olhei para os lados, os outros estavam longe o suficiente para que não fossem ouvidos. Reduzi minha voz a um sussurro. - Eu acho que ela foi envenenada! Estou certo de que o Dr. Bauerstein suspeita disso.

- Que?! - ela recuou contra a parede, suas pupilas dilataram-se.

Depois disse, com um choro repentino que me assustou:- Não... Não pode ser verdade... - saiu correndo e subiu as escadas desesperadamente. Eu a segui, pois achei que ela iria desmaiar; encontrei-a no meio das escadas recostada ao corrimão, totalmente pálida.

- Por favor, deixe-me sozinha! Preciso ficar um pouco sozinha! Vá para junto dos outros.

Deixei-a sozinha e fui até a sala de jantar, onde estavam Lawrence e John.

Estávamos todos em silêncio, mas acho que juntei o pensamento de todos e os transformei em palavras quando disse:

- Onde está o Sr. Inglethorp?

John balançou a cabeça.

- Ele não está em casa.

Nossos olhos encontraram-se. Onde estava Alfred? Seu repentino sumiço era estranho e inexplicável. Lembrei das últimas palavras da Sra. Inglethorp. O que significavam? O que mais ela teria dito a nós se tivesse tido tempo?

Finalmente ouvimos os médicos descendo a escada. O Dr. Wilkins estava aparentemente preocupado, mas tentava demonstrar a calma habitual.

O Dr. Bauerstein permaneceu um pouco mais distante, seu rosto demonstrava a mesma expressão séria. O Dr. Wilkins dirigiu-se a John:

- Sr. Cavendish, preciso de seu consentimento para realizar uma autópsia.

- É realmente necessário?- um espasmo de dor percorreu sua face.

- Isso significa que...

- Nem eu nem o Dr. Wilkins poderemos dar uma certidão de óbito sem maiores exames, dadas as circunstâncias.

John concordou com um sinal.

- Nesse caso, não me resta alternativa senão concordar.

- Obrigado!- disse o Dr. Wilkins - Propomos que isso seja feito hoje a noite, ou ainda mais cedo. Dadas as circunstâncias dificilmente o caso escapará de uma investigação. E vocês estão diretamente envolvidos nela.

Houve uma pausa, e então o Dr. Bauerstein tirou duas chaves do bolso do casaco e passou-as para John:

- Essas são as duas chaves do quarto. Eu o tranquei e, na minha opinião, deve permanecer assim.

Os médicos foram embora.

Uma idéia brotou em minha mente, e eu senti que era momento de aplicá-la. Eu tinha certa desconfiança de fazer isso porque John tinha horror de qualquer tipo de publicidade e fazia de tudo para evitá-la. Lawrence por outro lado, tinha uma ótima imaginação; então senti que ele era um forte candidato a meu aliado. Era momento oportuno para que eu fizesse frente a alguma ação.

- John - eu disse- preciso pedir algo a você.

- O quê?

- Lembra que eu lhe falei de meu amigo Poirot? O belga que está aqui? Ele é um famoso detetive.

- Sim.

- Gostaria de sua autorização para que ele investigasse o caso.

- Por que agora? Antes da autópsia?

- Sim! O tempo é uma vantagem.

- Bobagem! - argumentou Lawrence - Na minha opinião é tudo uma invenção tola do Dr. Bauerstein! Wilkins não havia percebido nada diferente até que o Dr. Bauerstein pôs isso na cabeça dele. Venenos são a sua especialidade então é claro que ele vê isso por todos os lugares!

Fiquei muito surpreso com a atitude de Lawrence, ele raramente contrariava algo. John hesitou.

- Não penso como você, Lawrence. - e disse finalmente - você tem minha autorização, Hastings; mas tome cuidado quanto a qualquer tipo de escândalo desnecessário.

- Não, não! Poirot é a descrição em pessoa!

- Muito bem. Deixo tudo em suas mãos. Se for realmente o que suspeitamos, é indispensável uma boa investigação nesse caso. Deus perdoe-me se eu estiver tomando a atitude errada.

Olhei para o relógio. Eram seis horas. Não havia tempo a perder.

Cinco minutos mais tarde eu estava na biblioteca vasculhando as prateleiras, até que encontrei um livro médico que dava a descrição de envenenamento por estricnina.

Poirot Investiga

A casa que os belgas ocupavam ficava na vila, e para chegar até lá existiam dois caminhos: a estrada poeirenta ou o longo campo gramado à frente da propriedade.

Resolvi atravessar os campos para chegar mais rápido à vila, por onde me deparei com a figura de um homem aproximando-se de mim. Era o Sr Inglethorp.

Onde estava ele? Como pretendia justificar sua ausência?

Ele aproximou-se de mim ansiosamente.

- Meu Deus! Isso é terrível! Minha pobre Emily! Eu acabei de saber o que aconteceu!

- Onde você esteve?- perguntei.

- Denby segurou-me até uma hora da manhã. Depois disso descobri que tinha esquecido de trazer a cópia da chave. Não queria acordar a casa toda, então Denby deu-me pousada.

- Como você soube do que aconteceu?

- O Dr. Wilkins acordou Denby para contar a ele.

- Minha pobre esposa! Vivia sempre se sacrificando pelos outros. Nobre caráter. Infelizmente excedeu seus limites.

Uma onda de indignação e furor percorreu meu corpo. Que tamanha hipocrisia via-se através do rosto desse homem!

- Preciso ir, estou com muita pressa! - disse eu, agradecido por ele não ter perguntado para onde eu me dirigia. Dentro de alguns minutos eu batia energicamente na porta da casa onde os belgas abrigavam-se. Sem receber resposta, continuei batendo impacientemente.

Uma janela sobre mim abriu-se cautelosamente, e Poirot pôs sua cabeça para fora. Ele saudou-me alegremente. Em poucas palavras expliquei a ele o que havia acontecido, e pedi por sua ajuda.

- Espere, amigo, vou abrir a porta para você, assim você explica mais calmamente tudo isso enquanto eu me visto.

Em alguns instantes ele havia destravado a porta, e eu o segui até seu quarto.

Após sentar-me, relatei todos os acontecimentos da noite anterior sem omitir nenhum fato, por mais insignificante que fosse. Enquanto isso Poirot fazia a barba cuidadosamente.

Contei a ele como fui acordado, das últimas palavras da Sra. Inglethorp, da ausência de seu marido, da discussão do dia anterior, do pedaço de conversa que ouvi entre Mary e sua sogra, da briga entre o Sr. Inglethorp e Evelyn Howard, e de outros acontecimentos posteriores.

Eu tentava expor os fatos da forma mais clara possível, e ocasionalmente tinha que voltar um pouco para expor algum detalhe que havia esquecido. Poirot sorria.

- A mente está confusa? É isso, não é? Vá com calma, mon ami. É natural você estar assim agitado, mas tente se acalmar! Quando a gente está de cabeça fria os fatos se encaixam muito melhor, cada um no seu devido lugar, então podemos examiná-los. Vamos colocar os fatos importantes de um lado, e os sem importância simplesmente jogaremos fora!

- Tudo bem. Mas como você distingue os fatos importantes dos sem importância? Para mim isso sempre foi impossível.

- Nem tanto. Um fato leva a outro, e assim nós continuamos. Mais um pequeno fato, mais uma curiosidade. Oh, aqui está algo que estava despercebido - mais um elo na corrente! Nós examinamos, procuramos, e um pequeno fato nos leva a um detalhe que faz um conjunto todo ganhar significado! - Poirot fez um gesto com as mãos - oh! Isso é grandioso! Genial!

- Sim! Sim!

- Ah! - Poirot balançou o dedo indicador em sinal de aviso - Tome cuidado com os detetives que dizem: "Isso é tão pequeno! Não importa, não faz diferença, vou ignorar isso". Esse caminho leva à confusão! Todos os detalhes importam!

- Eu sei, você sempre dizia isso para mim. Por isso relatei tudo nos mínimos detalhes, parecessem eles relevantes ou não.

- E eu estou muito contente com isso! Você tem uma boa memória, e repassou os fatos satisfatoriamente. A ordem com a qual você os expôs foi um desastre, mas acho que consigo juntá-los. Mas você omitiu um fato muito importante.

- Que fato?

- Você não disse se a Sra. Inglethorp alimentou-se bem na noite passada.

Eu o olhei fixamente. Com toda a certeza a guerra havia afetado o cérebro daquele pequeno homem. Ele estava ocupado arrumando seu cinto, e parecia estar com total atenção nessa tarefa.

- Eu não lembro, - disse - e de qualquer modo, eu não vejo...

- Você não vê? Mas esse fato é de extrema importância!

- Não vejo por quê. Pelo que eu me lembro, ela não comeu muito. Ela estava cansada, e isso provavelmente diminuiu se apetite. Natural, nada de estranho.

Ele abriu o guarda-roupa e tomou uma pequena maleta, depois se virou para mim:

- Agora estou pronto. Podemos ir a casa e estudar os fatos. Com licença, mon ami, você vestiu isso com um pouco de pressa e o nó da gravata ficou um pouco de lado. Permita-me. - Com um gesto, ele endireitou a gravata.

Nós abandonamos a vila e entramos na propriedade pelo portão da frente. Poirot parou por um momento a observar tristemente a expansão de campo aberto, que permanecia brilhando por causa do orvalho.

- Tão bonito! E a família entregue à tristeza.

Ele olhou fixamente para mim enquanto falava, e eu senti algo de duvidoso em seus olhos.

Estaria mesmo a família entregue à tristeza? Percebi que havia uma certa falta de emoção no ar. A vítima não possuía a capacidade de controlar o amor. Sua morte foi realmente um choque, mas ela não estava sendo apaixonadamente lembrada. Poirot parecia seguir meus pensamentos. Ele balançou a cabeça gravemente.

- Não; você está certo, não há uma ligação de sangue entre eles.

Ela sempre foi muito generosa para os Cavendish, mas não era a mãe deles. Sangue conta lembre-se disso, sangue conta.

- Poirot, - eu disse - estava pensando se você não quer me dizer por que é tão importante saber se a Sra. Inglethorp alimentou-se bem naquela noite.

Tenho pensado muito nisso e não consigo entender por que isso realmente importa! Ele permaneceu em silêncio por um ou dois minutos como se seu pensamento estivesse longe, e finalmente disse:

- Você sabe que não é do meu feitio expor os fatos até que o caso esteja resolvido, mas abrirei uma exceção. O caso é que a Sra. Inglethorp morreu de envenenamento por estricnina que foi, eu presumo, adicionada ao seu café.

- É?

- Bem, a que horas o café foi servido?

- Próximo às 8 horas.

- Por outro lado ela tomou seu café entre 08h00min e 08h30min, então muito tarde.

Bem, a estricnina é um veneno violento, seus efeitos seriam sentidos em no máximo uma hora. Mas no caso da Sra. Inglethorp os sintomas não se manifestaram até às 5 horas da manhã seguinte: aproximadamente 9 horas depois! Mas uma alimentação pesada consumida quase à mesma hora que o veneno, poderia retardar seu efeito. Isso poderia ser levado em consideração, mas você disse que ela alimentou-se muito pouco; sendo assim não seria possível que os sintomas se manifestassem apenas na manhã seguinte! Agora chegamos a uma situação curiosa, meu amigo. Espero que a autópsia possa explicar isso. Lembre-se disso na hora do jantar!

Quando nos aproximávamos da casa, John saiu para encontrar-nos.

Ele parecia abatido.

- Essa é uma situação terrível, monsieur Poirot. - disse ele - Hastings deve ter dito a você que queremos evitar qualquer tipo de publicidade desnecessária.

- Compreendo perfeitamente.

- Veja, isso é só uma suspeita, nada concreto com o que se preocupar.

- Sim, eu entendo. São algumas medidas de precaução.

John virou-se para mim enquanto acendia um de seus cigarros.

- Já soube que o Sr. Inglethorp está de volta?

- Sim, eu o encontrei no caminho.

John jogou o fósforo em uma roseira próxima, Poirot olhou-o desconcertadamente. Para se redimir, queimou o cigarro de maneira educada.

- Difícil saber como tratá-lo.

- Esta dificuldade não é por muito tempo. - disse Poirot quase que para si mesmo.

John olhou-o interrogativamente, sem entender o que seu crítico queria dizer. Ele passou a mim as duas chaves que o Dr. Bauerstein deixara em seu poder.

- Mostre ao Sr. Poirot o que ele deseja ver.

- As portas estão trancadas?- perguntou Poirot.

- O Dr. Bauerstein achou melhor.

Poirot concordou.

- Bem, isso simplifica as coisas para nós.

Entramos juntos no quarto. Por conveniência mostrei a localização dos principais artigos de mobília.

Poirot trancou a porta por dentro, e iniciou uma minuciosa inspeção da sala. Ele passava de objeto a objeto com a habilidade de um gato. Eu permaneci próximo à porta, evitando assim destruir algum vestígio. Poirot, de qualquer modo, parecia não prestar atenção aos meus cuidados.

- O que você tem, meu amigo? Parece que está com medo de se misturar à ralé! Expliquei a ele que estava com medo de destruir possíveis pegadas.

- Pegadas? Mas como? Esteve praticamente um exército dentro desse quarto!

Não, venha até aqui e ajude na investigação. Vou deixar minha maleta aqui até que precise dela.

Ele colocou sua maletinha de mão sobre a mesa próxima à janela, mas a mesa era traiçoeira e acabou por derrubá-la.

- Pois é, meu amigo. Alguém pode viver em uma grande casa e não ter o mínimo de conforto.

Continuou a investigação.

Um pequeno estojo roxo com uma chave na fechadura prendeu sua atenção por algum tempo. Ele tomou a chave e passou-a a mim para que eu a examinasse, mas nada de diferente pude encontrar. Era uma chave perfeitamente normal, muito surrada pelo seu longo tempo de uso.

Depois ele examinou a fechadura da porta que tínhamos trancado por dentro, assegurando-se de que o pino da fechadura estava bem encaixado. Depois passamos para a porta que levava ao quarto de Cynthia. Esta também estava trancada, como eu esperava. Abrimos e fechamos a porta vagarosamente para ver se ela rangia. De repente algo na fechadura prendeu a atenção de Poirot. Era um pequeno fragmento, que foi recolhido e guardado cuidadosamente em um envelope. Na cômoda havia uma bandeja onde estava um pequeno iluminador e uma panelinha com cabo. Uma pequena quantidade de líquido escuro restava ali. Havia, ao lado da panelinha, uma xícara vazia sobre um pires; ela parecia ter sido utilizada fora de hora.

Fiquei espantado em não ter percebido isso antes. Ali estava uma valiosa pista.

Poirot delicadamente tocou o líquido com o dedo indicador e levou-o à boca. Fez uma careta.

- Coco, com eu acho, rum!

Nós passamos depois para os fragmentos no chão próximo à cama. O criado mudo estava virado. Havia uma lâmpada de leitura, alguns livros, fósforos, um maço de chaves, e pedaços de uma xícara de café.

- Ah, isso é muito curioso. - disse Poirot.

- Confesso que não vejo nada diferente nisso.

- Não vê? Observe a lâmpada, veja que o braço de suporte está quebrado em 2 lugares; o estado em que estão condiz com o modo que caíram. Mas veja, a xícara de café está totalmente em pedaços, foi cuidadosamente esmigalhada.

- Bem, suponho que alguém tenha pisado nela.

- Exatamente. - disse Poirot pensativo - Alguém pisou nela.

Ele levantou-se e atravessou o quarto lentamente até o aparador da lareira onde permaneceu observando e endireitando os ornamentos. Era o seu modo de esconder o nervosismo.

- Mon ami, - disse ele - alguém pisou nessa xícara reduzindo-a a migalhas porque ela continha estricnina ou o que é muito mais sério, ela não continha estricnina!

Não fiz objeção alguma. Sabia que não era uma boa hora para pedir que ele explicasse isso. Dentro de segundos ele retornou à investigação. Ele tomou o maço de chaves e ficou passando-o entre seus dedos até que escolheu uma; era muito brilhante e chamativa, e ele tentou encaixá-la na fechadura do pequeno estojo roxo. Ela encaixou e ele abriu a caixa, mas, após alguns segundos de hesitação, fechou-a e trancou-a novamente. Tomou para si a chave e colocou-a no seu próprio molho de chaves.

- Eu não tenho autoridade para mexer nesses papéis, mas isso deve ser feito de uma vez por todas!

- Ele examinou cuidadosamente as gavetas do suporte do lavatório.

Dirigia-se à janela esquerda quando notou uma mancha redonda dificilmente visível no carpete marrom escuro; isto pareceu interessá-lo muito, abaixou-se e deteve-se a examiná-la cuidadosamente, tentando entender seu significado.

Finalmente ele tomou alguns pedaços de coco e colocou-os dentro de um tubo de testes, selando-o cuidadosamente. O próximo procedimento foi criar um pequeno bloco de anotações.

- Nós encontramos neste quarto - disse ele escrevendo - seis pontos de interesse. Devo enumerá-los ou você fará isso?

- Oh, não, faça você...

- Muito bem, vamos lá. Um, a xícara de café em migalhas; dois, a caixinha roxa com a chave na fechadura; três, a mancha no carpete.

- Que pode ter sido feita já há certo tempo atrás. - interrompi.

- Não. Ela estava perceptivelmente úmida e parecia ser de café. Quatro, um fragmento de um tecido verde-escuro, apenas um ou dois fiapos, mas deve ser considerado.

- Ah, foi isso que você colocou no envelope!

- Sim. Pode ter caído de algum dos vestidos da Sra. Inglethorp, mas depois veremos isso. Cinco isso! - com um gesto repentino ele apontou uma bola de cera de vela no chão, próximo à escrivaninha. - Esta mancha deve ter sido feita até no máximo ontem, senão uma arrumadeira já a teria removido com um papel absorvente e ferro quente. Uma de minhas habilidades - mas isso não vem ao caso!

- Ela pode ter sido feita na noite passada. Nós estávamos todos agitados. Ou a Sra. Inglethorp mesmo derrubou sua vela.

- Vocês trouxeram apenas uma vela para a sala?

- Sim, Lawrence a carregava. Ele estava muito nervoso, e pareceu ver algo bem ali - eu indiquei a lareira - que o paralisou.

- Isto é interessante. - disse Poirot rapidamente. - Sim, isso é muito sugestivo - disse Poirot correndo os olhos à meia parede sobre a lareira - mas não foi a vela de Lawrence que fez aquela mancha. Note que esta cera é branca, e a da vela de Lawrence é rosa; mas veja que a Sra. Inglethorp não tinha velas no quarto, somente a lâmpada de leitura.

- Então, - eu perguntei - o que se deduz?

Como resposta recebi um grunhido, dizendo-me para usar minhas próprias faculdades mentais.

- E o sexto ponto? Eu suponho que seja os pedaços de coco.

- Não. Eu poderia tê-lo incluído no sexto, mas não o fiz. O sexto ponto manterei para mim por enquanto.

Ele olhou rapidamente ao redor do quarto.

- Não há nada mais a fazer aqui, eu acho. - ele olhou pensativamente para os restos de cinza na lareira - o fogo queima, e ele destrói... Pode ser, vamos ver!

Rapidamente abaixou-se e começou a vasculhar os restos de cinza na lareira com muito cuidado. De repente soltou uma forte exclamação:

- Minha pinça, Hastings!

Eu alcancei a ele a pinça, e ele extraiu dentre as cinzas um minúsculo fragmento de papel.

- E então, mon ami? O que acha disso?

Eu examinei minuciosamente o fragmento, era uma exata reprodução disso:

Fiquei indeciso. Era um fragmento de papel escrito à mão de maneira bem ordenada. Instantaneamente ocorreu-me uma idéia.

- Poirot!- exclamei - Este é um pedaço de um testamento!

- Exatamente.

Olhei-o atentamente.

- Não está surpreso?

- Não, eu já esperava isso.

Devolvi o pedaço de papel e vi Poirot guardá-lo com o mesmo cuidado que tinha com todas as outras coisas. Minha cabeça estava confusa. O que seria esta complicação do testamento? Quem o teria destruído? A pessoa que deixou a mancha de vela no chão? Obviamente. Mas quem e como conseguiu entrar? Todas as portas estavam trancadas por dentro.

- Agora, meu amigo, - disse Poirot - nós devemos ir. Tenho algumas perguntas a fazer para Dorcas. É esse o nome da arrumadeira, não?

Nós passamos pelo quarto de Alfred, e ele foi examinado com o mesmo cuidado com que fora o da Sra. Inglethorp. Saímos pela porta daquele quarto, a qual foi igualmente examinada.

Levei-o até o escritório da Sra. Inglethorp no andar inferior, e fui eu mesmo atrás de Dorcas.

Quando voltei com ela, o escritório estava vazio.

- Poirot. Onde você está?

- Estou aqui, mon ami.

Ela havia saído pela grande janela francesa, e estava parado admirando um canteiro de flores.

- Admiráveis. Observe o formato, a simetria, tudo perfeito! Este canteiro foi preparado recentemente, não?

- Sim, acho que andaram cuidando dele ontem. Mas entre, Dorcas está aqui.

- Eh, bien! Não me prive de alguns momentos de satisfação, mon ami!

- Sim, mas a investigação é mais importante.

- E você acha que estas finas begônias não são de tal importância?

Mantive-me calado. Não havia como argumentar com ele.

- Você não concorda? Bem, vamos entrar e entrevistar a brava Dorcas.

Dorcas aguardava nos no grande escritório, onde também ficavam muitas das roupas da Sra. Inglethorp. Suas mãos estavam juntas à frente, e seus cabelos estendidos sobre o uniforme branco. Ela, apesar da idade, mantinha-se atraente.

Ela parecia um pouco desconfiada, mas logo Poirot quebrou o clima de suspense.

Ele puxou uma cadeira.

- Sente-se mademoiselle.

- Obrigado, senhor.

- Você trabalha aqui já há alguns anos, não?

- Dez anos, senhor.

- É um longo tempo, e um serviço de muita confiança. Você gostava muito dela, não?

- Ela era uma boa patroa, senhor.
- Então você não fará objeção em responder algumas perguntas a mim.
- Não, senhor.
- Então começarei perguntando a você sobre os eventos de ontem à tarde. Sua patroa teve alguma discussão?
- Sim, senhor, mas não sei se devo...- Dorcas hesitou.
Poirot fitou-a pensativamente.
- Querida Dorcas é necessário que eu saiba de todos os detalhes sobre suas desavenças com a maior precisão possível. Não pense em estar revelando os segredos de sua patroa. É necessário que tudo seja revelado se quisermos vingá-la. Isto não a trará de volta, mas pelo menos o assassino será levado à justiça.
- Amém para isso!- disse Dorcas credulamente - E, sem citar nomes, há alguém nessa casa que nenhum de nós suportaria, e que num dia amaldiçoado adentrou estas portas.
- Poirot perguntou em tom médio:
 - E sobre esta rixa. O que foi que você ouviu ou sabe sobre isso?
 - Bem, senhor, eu estava passando aqui pela sala ontem à tarde...
 - A que horas foi isso?
 - Eu não poderia dizer exatamente. Talvez em torno de 4 horas ou logo depois. Bem senhor como eu dizia, eu ia passando por aqui quando ouvi vozes muito irritadas aqui dentro. Eu não queria parar para ouvi-las, mas acabei parando e ouvindo algo. A porta estava entreaberta, e minha patroa, falava muito alto e claro, então eu consegui ouvir. "Você mentiu para mim e me enganou". - ela disse. Eu não consegui ouvir o que o Sr. Inglethorp replicou, mas ela respondeu: "Como ousa me desafiar? Eu tenho acolhido você, vestido você, e alimentado você! Você deve tudo a mim! É assim que você me agradece? Trazendo vergonha ao nosso nome!" - novamente não ouvi o que ele replicou, mas logo ela continuou: "Nada do que você disser fará diferença. Eu cheguei aos meus limites. Não pense que estou com medo da publicidade sobre escândalo entre marido e mulher, nada vai me deter". Então acho que ouvi os dois saindo, e fui embora rapidamente.
 - Tem certeza de que foi a voz do Sr. Inglethorp que você ouviu?
 - Claro, senhor! De quem mais poderia ser?
 - Bem, o que aconteceu depois?
 - Depois eu voltei para a sala, mas estava tudo quieto. Às 5 horas a Sra. Inglethorp tocou o sino e pediu-me que levasse até seu escritório uma xícara de chá - nada para comer. Ela parecia pálida e nervosa. - Dorcas, - disse, ela - eu tive um forte choque.
 - Sinto por isso, - eu disse - a senhora se sentirá melhor após uma xícara de chá quente. - Ela tinha algo em sua mão, não sei se era uma carta ou um simples pedaço de papel, mas ela estava escrevendo e mantinha os olhos fixos nele como se não acreditasse no que havia escrito. Ela se perdeu em seus próprios pensamentos, tanto que pareceu esquecer-se de que eu estava lá: - algumas palavras e, tudo mudou. - e depois ela disse para mim: - Nunca confie em um homem, Dorcas; eles não valem nada! - eu entreguei a ela a xícara de chá e ela agradeceu-me, e disse-me que se sentiria melhor após o chá. - Eu não sei o que fazer, - ela dizia - escândalo entre marido e mulher é uma coisa dramática, Dorcas; mas eu suportei o máximo que pude. - a Sra. Cavendish entrou logo depois, então ela não disse mais nada.
 - E ela continuou com a carta na mão?
 - Sim, senhor.

- E o que você acha que ela fez com a carta depois de tudo?
- Bem, não sei, senhor. Acho que ela a colocou no seu estojo roxo.
- Era onde ela mantinha os papéis importantes?
- Sim, senhor. Ela o trazia consigo todas as manhãs, e o levava de volta todas as noites.
- Quando ela perdeu a chave do estojo?
- Ela perdeu ontem na hora do chá da tarde senhor, e pediu-me para procurar muito por ela. Ela parecia muito preocupada por ter perdido essa chave.
- Mas ela possuía uma cópia?
- Oh, sim, senhor.

Dorcas olhava-o curiosamente, e para dizer a verdade eu também.

- O que isso tinha a ver com a chave perdida? Poirot sorriu.
- Não importa, Dorcas, este é o meu método de descobrir as coisas. Esta é a chave perdida?- ele mostrou a ela a chave que havia encontrado na fechadura do estojo. Os olhos de Dorcas pareciam querer saltar da cara.

- Sim, senhor, é esta mesmo. Mas onde a encontrou? Eu a procurei por toda parte!
- Ah, mas ontem ela não estava no mesmo lugar em que estava hoje. Agora mudando de assunto: sua senhora tinha um vestido verde escuro em seu guarda-roupa?

Dorcas assustou-se com a pergunta inesperada.

- Não, senhor.
- Você tem certeza?
- Sim, senhor.
- Alguém nessa casa tem um vestido verde?

Dorcas refletiu.

- A Srta. Cynthia tem um.
- Verde claro ou escuro?
- Verde claro, senhor.
- Bem, mas não é esse que eu quero. Alguém mais tem alguma roupa verde?
- Não que eu saiba, senhor.

Poirot não demonstrou desapontamento algum.

- Bem, deixemos isso de lado e vamos adiante. Você acha que sua senhora tomou algum calmante na noite passada?
- Não na noite passada senhor, eu sei disso.
- Como tem tanta certeza?
- Porque a caixa estava vazia, ela havia tomado o último na noite retrasada, e não tinha mandado fazer outros.
- Tem certeza disso?
- Sim, senhor.
- Está bem. A propósito: sua patroa pediu que você assinasse algum papel ontem?
- Assinar um papel? Não, senhor!
- Quando o Sr. Hastings e o Sr. Lawrence entraram ontem pela manhã, encontraram sua senhora escrevendo cartas. Suponho que você saiba para quem eram endereçadas!
- Realmente não sei, senhor. Talvez Annie possa dizer a você, aquela menina descuidada. Ela não recolheu as xícaras de café na noite passada. Isso porque eu não estava aqui para supervisionar as coisas!

Poirot balançou a cabeça.

- Assim que puder traga-as para mim Dorcas, eu gostaria muito de examiná-las.
- Tudo bem, senhor.

- A que horas você saiu na noite passada?
- Próximo às seis horas, senhor.
- Obrigado Dorcas; isso era tudo que eu queria perguntar. - ele levantou-se e caminhou até a janela. - Eu tenho estado admirando esse canteiro de flores. A propósito: quantos jardineiros estão empregados aqui?
- Apenas três agora. Antes da guerra tínhamos cinco. Bons tempos aquele, esses canteiros eram bem mais cuidados.
- Os bons tempos voltarão, Dorcas. Pelo menos nós esperamos por isso. Agora, você pode mandar Annie vir até aqui?
- Sim, senhor. Irei mandá-la imediatamente.

Assim que Dorcas saiu, perguntei:

- Como você sabe que a Sra. Inglethorp tomou calmantes? E sobre a chave perdida e a cópia?
- Uma coisa de cada vez. Sobre o calmante, eu soube através disso. - ele repentinamente exibiu-me uma cartela de remédios igual àquelas usadas para os calmantes.
- Onde você achou isso?
- No suporte do lavatório. Este é o Nº. 6 da minha lista.
- Mas suponha-se que a última cápsula tenha sido tomada noite retrasada, isso não é de grande importância?
- Provavelmente não. Você não nota nada de diferente nesse envelope?

Eu o examinei cuidadosamente.

- Não; nada diferente.
- Olhe a etiqueta.

Eu li a etiqueta: "Uma cápsula a ser tomada na hora de dormir, se necessário. Sra. Inglethorp". - Continuo não vendo nada errado.

- Nem mesmo o fato de a etiqueta não possuir o nome químico?
- Ah, é mesmo. Um engano.
- Você alguma vez já pegou uma cartela de remédios sem o nome impresso?
- Não. Não posso dizer que já.

Comecei a ficar ansioso, então Poirot replicou:

- Calma, meu amigo. A explicação é muito simples, então não fique intrigado.

Passos anunciavam que Annie aproximava-se, então não tive tempo para questionar Poirot.

Annie era uma moça de corpo bem torneado e seu rosto era bem atraente, mas demonstrava na face uma tristeza pela tragédia.

Poirot foi direto ao assunto.

- Pedi para falar com você, Annie, porque acho que pode nos dizer algo sobre as cartas que a Sra. Inglethorp escreveu na noite passada. Quantas eram? Para quem foram endereçadas?

Annie hesitou.

- Eram quatro cartas, senhor. Uma era para a Srta. Howard, uma para o Sr. Wells, o advogado, e as outras duas eu não lembro, senhor. Ah, sim! Uma era para a empresa Ross, os fornecedores de Tadmindster. A outra realmente não lembro.
- Pense. - incentivou Poirot.

Annie não se lembrou.

- Perdão, senhor. Acho que não cheguei a ver para quem era a outra carta.
- Não tem importância. - disse Poirot não demonstrando o menor sinal de desapontamento. - Quero perguntar mais uma coisa. Havia uma panelinha no quarto da Sra. Inglethorp com coco dentro. Ela tomava isso todas as noites?

- Sim senhor, essa bebida era levada ao seu quarto todas as noites, e ela sempre bebia. Nunca esquecia.
 - O que era, uma batida?
 - Sim senhor, era feita com leite, um pouco de açúcar, e algumas gotas de rum.
 - Quem a levava?
 - Eu, senhor.
 - A que horas?
 - Quando eu ia puxar as cortinas. Era um costume, senhor.
 - Você a trouxe direto da cozinha, então?
 - Não, senhor. Não há muito espaço no fogão, então a cozinheira a prepara antes de fazer o jantar. Depois eu trago e coloco sobre a mesa próximo à porta dos empregados, e mais tarde eu levo para cima.
 - A porta dos empregados é na asa esquerda, não?
 - Sim, senhor.
 - E a porta é esta do lado de cá ou a do outro lado?
 - É esta, senhor.
 - A que horas você levou isso para cima ontem?
 - Próximo às 07h15min, senhor.
 - E a que horas você a colocou no quarto da Sra. Inglethorp?
 - Próximo às 08h00min, senhor. A Sra. Inglethorp recolheu-se antes que eu acabasse o serviço.
 - Então entre 07h15min e 08h00min a panelinha permaneceu sobre a mesa na asa esquerda da casa?
 - Sim, senhor. - a face de Annie tornou-se avermelhada, e então ela disse algo inesperado:
 - Mas se havia sal na batida senhor, não foi culpa minha porque eu nunca deixei o sal perto dela.
 - O que a faz pensar que havia sal nela?
 - Porque eu o vi na bandeja, senhor.
 - Você viu algum tipo de sal na bandeja?
 - Sim. Parecia ser sal de cozinha. Não lembro de tê-lo trazido para cima, mas quando eu vim para levar a batida para minha senhora eu vi, então o trouxe à cozinha e pedi para Cook, a cozinheira, fazer um refresco. Eu estava muito nervosa e preocupada porque Dorcas não estava, então achei que poderia estar tudo bem com a batida e que o sal tinha ido, na bandeja por engano. Então eu espantei a bandeja com o meu avental e levei-a para dentro.
- Eu fazia o possível para não demonstrar meu nervosismo. Mesmo sem saber, Annie havia nos dado uma possível grande pista. E se o "sal de cozinha" fosse na verdade estricnina, um dos venenos mais poderosos e violentos? Aguardei ansioso a próxima pergunta de Poirot, mas essa despontou-me.
- Quando você entrou no quarto da Sra. Inglethorp, a porte que vai para o quarto de Cynthia estava trancada?
 - Ah, claro, senhor. Ela nunca foi aberta.
 - E a porta que vai para o quarto do Sr. Inglethorp?
- Annie hesitou.
- Não posso dizer com certeza, senhor. Ela estava fechada, mas não posso dizer-lhe se estava trancada ou não.
 - Por acaso a Sra. Inglethorp trancou a porta do quarto logo depois que você saiu?
 - Não imediatamente depois que saí. Acho que ela a trancou mais tarde, pois ela geralmente a trancava. A porta entre os quartos, esta sim. Ela sempre trancava.

- Você notou alguma marca de cera de vela no chão do quarto quando estive lá ontem à noite?

- Cera de vela? Não, senhor. A Sra. Inglethorp não tinha candelabros no quarto, apenas uma lâmpada de leitura.

- Tem certeza de que se essa mancha existisse você a teria visto?

- Sim, senhor. E a teria removido com um ferro quente e um papel absorvente.

Então Poirot repetiu a pergunta que havia feito a Dorcas:

- Por acaso a sua patroa tinha um vestido verde?

- Não, senhor.

- Nem uma manta, uma capa, um traje esporte?

- Nada verde, senhor.

- Alguém tem alguma coisa verde nesta casa?

Annie refletiu.

- Não, senhor.

- Você tem certeza?

- Absoluta, senhor.

- Bien! Isto era tudo que eu desejava perguntar. Muito obrigado.

Annie demonstrava nervosismo quando saiu.

- Poirot!- eu exclamei - Eu parableno você, esta foi uma grande descoberta.

- O que foi uma grande descoberta?

- Era o coco que estava envenenado, e não o café. Isso explica as coisas! Claro que o veneno não fizera efeito até de madrugada, pois o coco foi tomado no meio da noite!

- Então você acha que o coco continha estricnina?

- Claro! Aquele sal na bandeja, o que poderia ser?

- Poderia ser sal. - replicou Poirot calmamente.

Fiquei indignado com o que ouvi. Mais uma vez a idéia de que Poirot estava enferrujando passou-me pela cabeça. Pensei comigo que fora muita sorte mesmo ele ter como parceiro uma pessoa de cabeça mais aberta e receptiva.

Poirot olhava-me seriamente.

- Está triste comigo, mon ami?

- Meu amigo Poirot, - eu disse friamente - não quero ditar nada para você. Você tem o direito de pensar da forma que quiser, mas eu também.

- Um admirável sentimento. - disse Poirot - Bem, acho que acabei nesta sala. A propósito: de quem é aquela mesinha menor ali no canto?

- Do Sr. Inglethorp.

- Ah!- ele forçou a fechadura, mas ela não abriu. - Trancada, mas talvez uma das chaves da Sra. Inglethorp abra isso. - ele tentou várias as movendo para dentro e para fora e girando-as, até que uma delas serviu. - Ah! Esta não é a chave, mas fez o serviço mesmo assim. - ele correu os olhos sobre os papéis e, para minha surpresa, não tocou em nenhum. - Decididamente o Sr. Inglethorp é um homem de métodos. Este é o Sr. Inglethorp!

Um homem de métodos era, para Poirot, uma pessoa organizada e que deixava tudo no seu devido lugar. Poirot apreciava isso.

Meu amigo vagava despreocupadamente.

- Não há selos nesta mesa, meu amigo, mas poderia ter havido.

- Poderia, sim! - seus olhos percorriam a sala - Não há nada mais aqui para nós. Ela não nos ofereceu muito.

Ele puxou um envelope de seu bolso e passou-o para mim. Era um documento curioso, estava velho e sujo, com algumas palavras escritas aparentemente à mão.

“posuída
eu estou possuída
Ele está possuído
Eu estou possuída
Possuída”

“Não é estricnina, não é mesmo?”

- Onde você encontrou isso?- perguntei a Poirot com vívida curiosidade.

- Na cesta do lixo. Você reconhece a letra?

- Sim, é da Sra. Inglethorp. Mas o que significa isso?

Poirot passou as mãos nos cabelos.

- Não sei, mas é muito sugestivo.

Uma idéia selvagem cortou-me. Seria possível que a Sra. Inglethorp estivesse enlouquecendo? Será que ela possuía alguma idéia de possessão demoníaca? E se isso fosse realmente verdade, seria possível ela ter tirado a própria vida?

Estava a ponto de expor estas teorias a Poirot quando suas palavras distraíra-me.

- Venha, - ele disse - vamos examinar as xícaras de café.

- Meu amigo Poirot! O que você está pensando? Nós não sabemos agora do coco?

- Oh, lê lê! Este miserável coco!

Ele riu com aparente divertimento, levantando os braços para o céu como se estivesse caindo em desespero.

- Mas de qualquer forma - eu disse se a Sra. Inglethorp levou sua xícara de café para o quarto com ela, eu não vejo o que você espera encontrar. Por acaso você espera descobrir um pacote de estricnina entre as xícaras de café?

Poirot pareceu topar o desafio.

- Venha, meu amigo. - ele disse - Ne voisz fchez pas! Acompanhe-me em minha pesquisa nas xícaras e eu respeitarei seu coco.

Ele estava tão bem humorado que eu me vi obrigado a rir, então seguimos juntos para onde as xícaras estavam, na sala de visitas.

Poirot fez-me recapitular a cena da noite anterior, ouvindo com muita atenção e verificando a posição de cada xícara.

- Então a Sra. Cavendish trouxe a bandeja e saiu. Sim. Depois ela veio até a janela e sentou próximo a onde você e a Srta. Cynthia estavam. Sim.

Então temos aqui 3 xícaras. E a xícara na lareira parecia ser do Sr. Lawrence Cavendish. E a da bandeja?

- Era de John. Eu vi quando ele a colocou ali.

- Bom. Uma, duas, três, quatro, cinco - mas onde está a xícara do Sr. Inglethorp?

- Ele não tomou café.

- Então todas estão apontadas. Um momento, meu amigo.

Com muito cuidado, ele recolheu uma amostra do que restava no fundo de cada xícara, selando-os individualmente em tubos de teste. Sua fisionomia apresentou uma curiosa mudança.

- Bien! - ele disse finalmente - Isso é evidente!

Eu tinha uma idéia, mas com certeza eu estava errado. Sim, em tudo eu estava enganado. Isto é muito estranho, mas não importa!

Com característico desânimo, Poirot parecia desenganar-se de tudo o que pensava. Eu poderia tê-lo avisado que ele estava se tornando obcecado pelo café, que isto iria

dar num beco sem saída, mas fiquei quieto. Apesar de tudo Poirot havia sido um grande homem na sua época, e por isso merecia toda minha admiração.

- O café da manhã está pronto. - disse John, entrando na sala - o senhor nos acompanha, Sr. Poirot?

Poirot concordou. Eu observei John. Decididamente ele estava de volta ao seu estado normal. O choque da noite passada parecia ter passado totalmente, e ele estava de volta ao normal. Ele era um homem de pouca imaginação, num grande contraste com seu irmão que tinha imaginação demais.

Desde as primeiras horas do dia John ocupava-se em enviar telegramas e em outras ocupações em que uma morte implica. Um dos primeiros telegramas era para Evelyn Howard.

- Posso perguntá-lo o que fazer?- ele disse - Sua investigação aponta que minha mãe teve uma morte natural ou... Ou... Devemos nos preparar para o pior?

- Eu acho, Sr. Cavendish, - disse Poirot gravemente - que o senhor não deve alimentar-se com falsas esperanças. O senhor pode nos dizer o que pensam os outros membros da família?

- Meu irmão Lawrence acredita que nós estamos fazendo uma tempestade num copo d'água. Ele diz que tudo aponta para um simples ataque de coração.

- Ele diz isso? Muito interessante. Quanto à Sra. Cavendish?

A expressão na face de John mudou.

- Não faço a mínima idéia do que a minha esposa acha disso.

A resposta trouxe um longo momento de silêncio à sala, o qual foi quebrado por John:

- Já disse ao senhor que o Sr. Inglethorp voltou, não?

Poirot concordou.

- Esta é uma situação difícil para nós. Claro que todos devemos tratá-lo de maneira bem usual mas, penso eu, poderemos estar nos sentando à mesa com um assassino.

Poirot concordou com simpatia.

- Eu entendo. É uma situação muito difícil para vocês, Sr. Cavendish. Eu gostaria de fazer -lhe uma pergunta: a razão que o Sr. Inglethorp apresentou para não ter vindo para casa na noite passada foi que ele havia esquecido a chave, não foi?

- Sim.

- Suponho que você tenha plena certeza de que a chave foi realmente esquecida.

- Realmente não tenho idéia, não havia pensado em olhar. Nós sempre a deixamos na sala. Vou vê-la agora mesmo.

Poirot levantou a mão num gesto carinhoso.

- Não, Sr. Cavendish, agora é tarde. Estou certo de que você a encontrará. Se o Sr. Inglethorp pegou-a, teve tempo suficiente para devolvê-la até agora.

- Mas você pensa...

- Realmente não penso nada. Se alguém tivesse lembrado de checar se ela estava lá antes de ele ter chegado, seria um ponto a seu favor. E isso é tudo.

John parecia perplexo.

- Não se preocupe - disse Poirot educadamente- você não deve deixar que isso o aborreça. E já que você foi tão gentil, vamos tomar um café.

Estavam todos reunidos na sala de jantar. Dadas as circunstâncias nós não estávamos naturalmente em clima de festa. A reação após um choque é sempre tentar esconder o sofrimento causado por ele. É claro que o comportamento deve ser sempre o usual, mas eu estava em dúvida se este comportamento estava sendo tão grande dificuldade. Não havia olhos vermelhos e nem sinal de tristeza induzida.

Senti que estava certo na minha opinião de que Dorcas era a pessoa mais afetada emocionalmente pela tragédia.

Passei frente a Alfred Inglethorp, que estava na posição de viúvo inconformado, perdido em sua própria hipocrisia. Ele sabia que suspeitávamos dele, mas será que ele tinha algum medo secreto ou achava que seu crime permaneceria impune?

Instintivamente senti no ar a suspeita de que ele era um homem marcado.

Mas será que todos suspeitavam dele? E quanto à Sra. Cavendish?

Eu observei-a sentada na ponta da mesa; graciosa, enigmática. Usava um pequenino vertido cinza com babados nos punhos que caíam sobre as finas mãos, estava realmente muito bonita. Ela permanecia calada, dificilmente abria os lábios, e de alguma forma eu senti que sua poderosa personalidade dominava-nos.

E a pequena Cynthia? Ela era ou não suspeita? Aparentava estar tão cansada e doente. Perguntei a ela se estava se sentindo bem, e ela respondeu francamente:

- Não. Estou com uma forte dor de cabeça.

- Mais um copo de café, mademoiselle?- disse Poirot - Isso irá reavivá-la.- Poirot levantou-se e tomou sua xícara.

- Sem açúcar.- disse Cynthia quando ele tomou o pote de açúcar.

- Sem açúcar? Você o abandonou por causa da guerra?

- Não. Eu nunca usei açúcar.

- Voile!- exclamou Poirot para si mesmo enquanto devolvia a xícara de café sem açúcar.

Quando olhei para Poirot, percebi que ele estava ansioso. Seus olhos pareciam-se com os atentos olhos de um gato à procura da presa. Ele havia ouvido ou visto alguma coisa que o havia afetado violentamente, mas o quê? Confesso que nunca fui muito atencioso, mas nada vi ao meu redor que chamasse a atenção.

Logo após a porta abriu e Dorcas entrou.

- O Sr. Wells gostaria de vê-lo, senhor.- ela disse para John.

Lembrei que esse era o advogado da Sra. Inglethorp, para quem ela havia escrito na noite anterior.

John avermelhou imediatamente.

- Leve-o até minha sala.- depois virou-se para nós - É o advogado de minha mãe. - ele explicou. E em uma voz baixa: - Ele também é um investigador. Você entende, não? Gostariam de me acompanhar?

Nós saímos da sala e John adiantou-se um pouco, eu aproveitei e comentei com Poirot:

- Vai haver um inquérito, então?

Poirot não ouviu. Ele parecia perdido em seus próprios pensamentos, e isto deixou-me curioso.

- Poirot! Não escutou o que eu disse?

- É verdade, meu amigo. Estou muito aborrecido.

- Por quê?

- Porque a Srta. Cynthia não usa açúcar no café.

- O quê? Você não pode estar falando sério!

- Mas eu falo muito sério. Isto é uma coisa que eu não entendo. Meu instinto estava certo.

- Do que você está falando?

- Do instinto que dizia para eu examinar as xícaras de café.

Droga! Agora não posso mais fazer isso!

Acompanhamos John até sua sala, e ele fechou a porta após passarmos.

O Sr. Wells era um bem aparentado homem de meia idade, com olhos profundos e uma típica boca de advogado. John apresentou-nos e explicou a razão de nossa presença.

- Por favor, entenda, Sr. Wells, - ele acrescentou - todo este caso é estritamente privado. Esperamos que não se torne um caso público ou de investigação externa.

- Sim, eu entendo. - disse o Sr. Wells rapidamente - acredito que possa ser evitado a dor e a publicidade de um inquérito, mas é indispensável um laudo médico.

- Sim, eu entendo.

- O Dr. Bauerstein é um homem muito capaz. É uma grande autoridade em toxicologia, se bem me lembro.

- De fato. - disse John com uma certa formalidade - será que todos nós teremos que aparecer para depor?

- Você e o Sr. ... Sr. Inglethorp.

Uma longa pausa seguiu-se antes que o advogado continuasse:

- Qualquer outro depoimento exigido será mera formalidade.

- Eu entendo.

John demonstrou forte sensação de alívio. Isto me chamou a atenção, pois não vi razão alguma para isso.

- Se você não tiver nada contra, - disse o Sr. Wells - eu havia pensado na sexta, nos dará tempo para termos em mãos o laudo médico. A autópsia será feita hoje à noite, não?

- Sim.

- Então deixamos combinado assim?

- Perfeitamente.

- Devo dizer, caro amigo Cavendish, que fiquei muito abalado com o fato.

- Quem sabe o Sr. não possa nos ajudar a resolver o caso, monsieur? - Poirot falou pela primeira vez desde que entramos na sala.

- Eu?

- Sim, nós soubemos que a Sra. Inglethorp escreveu para você na noite passada.

Você deve ter recebido a carta esta manhã, não?

- Sim, recebi. Mas não contém informação alguma, é apenas uma carta pedindo para que eu viesse vê-la esta manhã para tratar de um assunto importante.

- Ela não deixou transparecer que assunto seria esse?

- Infelizmente não.

- Isso é realmente uma pena. - disse John.

- Uma grande pena. - concordou Poirot.

Ficamos todos em silêncio. Poirot perdeu-se em seus pensamentos por alguns momentos. Finalmente dirigiu-se ao advogado.

- Sr. Wells, há uma coisa que quero lhe perguntar, se não for falta de ética profissional. No caso da morte da Sra. Inglethorp, quem seria o beneficiado?

O advogado hesitou por um momento, logo depois respondeu:

- Isto logo será de conhecimento público, então se o Sr. Cavendish não fizer objeção...

- De forma alguma.

- Não vejo razão para não responder à sua pergunta. Pelo seu último testamento, datado de agosto do ano passado, os servos ficam com algumas coisinhas; mas o dinheiro fica todo para o Sr. John Cavendish.

- Por que não - perdoe-me a questão, Sr. John, - o Sr. Lawrence não ficou com nada?

- Realmente nunca pensei nisso. Mas veja só: pelo testamento do velho Sr. Cavendish, após a morte da Sra. - na época - Cavendish, John ficaria com a fazenda e ganharia uma boa soma em dinheiro. A Sra. Inglethorp deixou o dinheiro dela para seu enteado mais velho, visto que ele teria que manter a fazenda.

Em minha visão uma forma justa de repartir as coisas.

Poirot concordou pensativo.

- Sim. Mas se não me engano, pela lei inglesa este testamento foi automaticamente anulado quando a Sra. Inglethorp casou de novo, não?

O Sr. Wells balançou a cabeça.

- Como eu iria mencionar, Sr. Poirot, este documento agora não tem valor algum.

- Hein!- Poirot refletiu por um momento, depois perguntou:

- será que a Sra. Inglethorp tinha conhecimento do fato? - realmente não sei.

- Ela sabia.- disse John inesperadamente - Nós conversamos sobre isso ainda ontem, e ela sabia que seu testamento havia sido revogado quando ela casou novamente.

- Mais uma questão, Sr. Wells. Você disse "seu último testamento". Por acaso a Sra. Inglethorp havia escrito muitos outros testamentos anteriores?

- Em média, Sr. Poirot, um novo testamento por ano.

Ela alterava muito seu testamento; ora beneficiava um, ora beneficiando outro membro da família.

- Suponhamos - sugeriu Poirot - que, desconhecido por nós, ela tivesse feito um outro testamento em favor de alguém que ainda não teria sido seu beneficiário, o Sr. se surpreenderia se ela beneficiasse, digamos, a Srta. Howard?

- De forma alguma.

- Ah!

Poirot pareceu esgotar suas perguntas.

Enquanto o Sr. Cavendish discutia com o advogado sobre os papéis da Sra. Inglethorp, perguntei a Poirot:

- Você acha que a Sra. Inglethorp fez um testamento deixando todo o seu dinheiro para a Srta. Howard?

- Não.

- Então por que perguntou?

- Quietamente, rapaz!- disse Poirot discretamente.

John dirigia-se a Poirot.

- Gostaria de vir com a gente, Sr. monsieur Poirot?

Vamos olhar os papéis de minha mãe. O Sr. Inglethorp está disposto a vê-los juntamente com o Sr. Wells e eu.

- O que simplifica as coisas em muito. - disse o advogado - Pelo menos tecnicamente, claro, ele está autorizado...- ele não chegou a terminar a frase.

- Primeiro vamos olhar na mesa do escritório, - disse John - depois olharemos no quarto dela. Ela mantém os papéis importantes num estojo roxo.

- Sim,- disse o advogado- é possível que haja um testamento que não esteja em meu poder.

- Há um outro testamento. - Poirot manifestou-se.

- O quê?- John e o Sr Wells olharam-no admirados.

- Ou pelo menos havia um!- concluiu ele.

- O que você quer dizer com "havia um"? Onde ele está?

- Queimado!

- Queimado?

- Sim, veja isso. - Poirot retirou do bolso o fragmento que havíamos encontrado na lareira e passou-o ao advogado, explicando-o quando e onde nós o encontramos.
- Há a possibilidade de este ser um velho testamento?
- Eu acho que não. Conhecendo a Sra. Inglethorp eu estou certo de que ele foi feito no máximo ontem à tarde.
- O quê?- John interferiu na conversa. - Impossível!
- Se você permitir que eu converse com seu jardineiro, eu provarei isso a você.
- Sim, claro, mas eu não vejo...

Poirot levantou a mão.

- Faça o que lhe pedi, por favor. Perguntas mais tarde.
- Muito bem. - tocamos o sino.

Em poucos segundos Dorcas apareceu correndo.

- Dorcas, diga a Manning que preciso dele aqui.
- Sim, senhor.

Dorcas retirou-se.

Nós esperamos em silêncio mortal. Poirot parecia confiante de si mesmo enquanto retirava o pó de um canto esquecido da prateleira.

Ouviu-se barulho das botas de Manning. John olhava para Poirot com curiosidade.

- Entre, Manning, preciso falar-lhe. Manning aproximou-se lentamente através da grande janela francesa, e permaneceu o mais próximo que pôde dela. Tirou o chapéu e segurou-o nas mãos, então percebi que ele não era tão velho quanto eu imaginava.

Seus olhos denunciavam um homem inteligente e cauteloso.

- Manning, - disse John - este senhor gostaria de fazê-lo algumas perguntas, e eu gostaria que você as respondesse.
- Sim, senhor. - disse Manning.

Poirot caminhava calmamente. Os olhos de Manning acompanhavam-no desconfiados.

- Você esteve plantando um canteiro de begônias no lado sul da casa ontem à tarde, não foi?
- Sim senhor, eu e Willum.
- E a Sra. Inglethorp veio até a janela e chamou você, não foi?
- Sim senhor, ela chamou.
- Diga-me com suas palavras o que exatamente aconteceu depois.
- Bem senhor, não muito. Ela disse para pegar a bicicleta e ir até a cidade comprar um formulário de testamento para ela, senhor; ela escreveu isso para Willum.
- E então?
- Ele foi, senhor.
- E o que aconteceu depois?
- Nós voltamos ao canteiro de begônias, senhor.
- A Sra. Inglethorp não chamou vocês novamente?
- Sim senhor, chamou eu e Willum.
- E depois?
- Ela nos fez entrar e assinar nosso nome na base de um longo papel, logo abaixo de onde ela havia assinado.
- Você viu algo do que estava escrito no papel?
- Não, senhor, uma folha cobria toda essa parte.
- E vocês assinaram onde ela mandou?
- Sim senhor, primeiro eu e depois Willum.
- E então o que ela fez com o papel?

- Bem, senhor, ela o colocou dentro de um grande envelope e depois dentro de uma caixa roxa que estava sobre a mesa.

- Que horas eram quando ela os chamou pela primeira vez?

- Mais ou menos 4 horas, senhor.

- Não mais cedo, próximo às 3:30?

- Não senhor, eram 4 horas, não mais cedo.

- Muito obrigado Manning. - disse Poirot satisfeito.

O jardineiro olhou para John esperando permissão para sair, John consentiu e ele saiu.

- Deus do céu! - disse John - Que coincidência incrível!

- O que foi uma coincidência?

- Minha mãe ter escrito um testamento logo no dia de sua morte!

O Sr. Wells retrucou calmamente:

- Você realmente acha que foi uma coincidência, Sr. Cavendish?

- O que você quer dizer?

- Você me disse que sua mãe teve uma violenta briga com alguém ontem...

- O que você quer dizer? - argumentou John novamente. Sentia-se um tremor em sua voz, e ele tornou-se pálido.

- Em consequência dessa briga, sua mãe de repente resolveu fazer um outro testamento. O conteúdo deste nós nunca iremos saber. Esta manhã, sem dúvida, ela iria consultar-me sobre o assunto. Não teve chance. O testamento desapareceu, e suas vontades foram com ela para o túmulo. John, nada há de coincidência aqui. Sr. Poirot, estou certo de que também que os fatos são muito sugestivos.

- Sugestivos ou não, - interrompeu John - nós estamos muito agradecidos ao Sr. Poirot por elucidar o caso. Não fosse por ele, nós nunca saberíamos do testamento. Sr. Poirot: o que o levou a descobrir o testamento?

- Uns rabiscos sobre um velho envelope e um canteiro fresco de begônias.

John não teve tempo de fazer mais perguntas, pois se ouviu o ruído de um motor. Corremos todos para a janela.

- Evie!- disse John - Com licença, Sr. Wells. - todos nós corremos para a sala.

Poirot olhou interrogativamente para mim.

- A Srta. Howard - expliquei.

- Ah! Estou contente que ela tenha vindo, Hastings. Ela é uma mulher com cabeça e coração. Foi o que Deus lhe deu no lugar da beleza.

Segui o exemplo de John e corri para a sala, onde a Srta. Howard tentava livrar-se de um emaranhado de véus que a cobria. Quando ela olhou para mim, fui atingido por uma ponta de culpa. Esta foi a mulher que me advertiu tão preocupadamente. Se ela tivesse permanecido na casa, a tragédia poderia ter sido evitada. O Sr. Inglethorp não ficaria amedrontado sob seus olhos observadores?

Fiquei aliviado quando ela cumprimentou-me com seu forte aperto de mão. Seus olhos estavam tristes, mas isso não era recíproco. Demonstrava ter chorado muito, pois seus olhos se mostravam inchados e vermelhos. Sua maneira áspera de ser continuava a mesma.

- Recebi o telegrama logo cedo. Carro alugado. O jeito mais rápido de chegar aqui.

- Você comeu algo esta manhã?- perguntou John.

- Não.

- Achei que não. Venha, o café ainda não foi recolhido. - ele virou-se para mim - Você pode acompanhá-la, Hastings? Wells espera por mim. Oh, este é o Sr. Poirot, ele está nos auxiliando.

A Srta. Howard cumprimentou Poirot, mas desconfiadamente perguntou a John:

- Como assim "nos ajudando?".

- Nos ajudando a investigar.

- Já o levaram para a prisão?

- Levaram quem para a prisão?

- Quem? Alfred, claro!

- Minha querida Evie, não se precipite. Lawrence acha que ela morreu de um simples ataque do coração.

- Lawrence está louco!- retrucou a Srta. Howard - É claro que Alfred assassinou a pobre Emily, bem como eu havia dito a vocês.

- Por favor, Evie, não grite tanto! Por mais que nós suspeitemos, não podemos fazer nada a não ser dizer o que sabemos até o momento. O inquérito será apenas na sexta.

- Isso é apenas enrolação! Você andou ouvindo os médicos. O que eles sabem? Apenas o suficiente para torná-los perigosos. Eu sei o que estou dizendo, meu pai era médico. O pobre Wilkins está frente a um de seus maiores erros. Ataque do coração?

Ele pode dizer muitas coisas. Qualquer um com um pouco de senso poderia ver que ela foi envenenada pelo seu marido. Eu sempre dizia que ele iria matá-la em sua própria cama. Pobre alma! Agora ele fez isso, e tudo o que você diz é "ataque do coração" e "inquérito na sexta?" Você deveria estar envergonhado, John Cavendish!

- O que você quer que eu faça? Eu não posso simplesmente agarrá-lo pelo colarinho e arrastá-lo até a delegacia de polícia!

- Bem, algo você pode fazer. Descubra como ele fez isso!

No momento ocorreu-me de colocar Alfred e Evie sob o mesmo teto para que então se matassem ou encontrassem a paz, era como provar uma tarefa hercúlea. De jeito nenhum eu queria estar na pele de John, notava-se em sua face, a dificuldade do momento. Ele parecia querer sumir, e deixou a sala precipitadamente. Dorcas trouxe chá fresco. Assim que ela retirou-se, Poirot saiu da janela onde estava e sentou-se frente a Srta. Howard.

- Mademoiselle, - ele disse gravemente - preciso perguntar-lhe algo.

- Pergunte logo!- respondeu ela com irritação.

- Espero contar com sua ajuda.

- Eu o ajudarei a pegar Alfred com prazer. - ela replicou rudemente - Ele deveria ser amarrado e esquartejado como nos velhos tempos.

- Então estamos do mesmo lado, - disse Poirot - porque eu também quero muito pegar o criminoso.

- Alfred Inglethorp?

- Ele ou quem quer que seja o responsável.

- Sem essa de "quem quer que seja o responsável!".

A pobre Emily nunca foi ameaçada até que ele entrou aqui. Eu disse a ela que ela estava rodeada de tubarões.

Era apenas a bolsa dela que ele queria, pois era lá que estava o dinheiro. Bastou dois meses após a chegada de Alfred e isso acontece!

- Acredite em mim, Srta. Howard. - disse Poirot calmamente – se Alfred for mesmo o responsável, ele não escapará de mim. Por minha honra, eu não o deixarei escapar.

- Assim é melhor! - disse Evie com muito entusiasmo.

- Mas você precisa confiar em mim. Sua ajuda será muito valiosa, pois nestes "momentos de lamentação" seus olhos foram os únicos que realmente choraram a perda.

A Srta. Howard pestanejou, e um novo tom de voz surgiu.

- Se você quer saber se eu tinha afeição por ela, sim, eu tinha. Emily era apenas uma velha senhora seguindo seu caminho. Era muito generosa, mas sempre queria algo em troca. Ela nunca deixava as pessoas esquecerem o que ela havia feito por eles, e assim ela perdeu o amor. Eu sempre deixei minha posição bem clara: "Por algumas libras por ano eu lhe serei muito útil. Não por alguns míseros Pennys, nem por um par de luvas ou por um ingresso de teatro". Às vezes ela se ofendia, e nunca me deixava explicar. De qualquer forma eu mantinha minha auto-estima. E então, eu sendo de fora da família, era a única pessoa a quem ela poderia se afeiçoar. Eu cuidei dela, a protegi de todos eles, e assim que fui embora todos os meus anos de devoção foram por água abaixo.

Poirot concordou atentamente.

- Eu entendo mademoiselle, eu entendo o que está sentindo. Você acha que nós estamos indiferentes, que necessitamos de força e energia. Mas isso não é verdade, acredite. Não é assim.

John já com a cabeça esfriada convidou-nos para ir até o quarto da Sra. Inglethorp, pois ele e Wells já haviam terminado no escritório.

Enquanto subíamos as escadas, John olhou para a sala de jantar e confidenciou:

- Olhe lá, o que pode acontecer se aqueles dois se encontrarem?

Balancei a cabeça.

- Eu disse para Mary tentar mantê-los longe um do outro.

- Será que ela vai conseguir?

- Só Deus sabe.

- Você tem as chaves, não tem Poirot?- perguntei quando chegamos à porta trancada do quarto.

Pegando as chaves de Poirot John destrancou a porta, e então todos nós entramos.

O advogado foi direto à escrivaninha, e John seguiu-o.

- Minha mãe mantinha os papéis importantes neste estojo, eu acho.

Poirot tomou a pequenina chave de seu molho.

- Permitam-me. Eu a tranquei por precaução esta manhã.

- Mas ela não está trancada.

- Impossível!

- Veja. - disse John enquanto levantava e abaixava a tampa livremente.

- "Milles tanerres!" - Poirot parecia ter visto um fantasma - Quem teria uma chave igual à que eu tinha?- repentinamente exclamou: "En voil une affaire!" Esta fechadura foi forçada!

- O quê?

- Mas quem a forçou? Por quê? Quando? A porta não estava trancada?- estas perguntas partiam de todos nós.

Poirot respondeu-as categoricamente, quase mecanicamente.

- Quem? Esta é a questão. Por quê? Ah, se eu soubesse! Quando?

Depois que eu estive aqui, há uma hora atrás. Como a porta estava trancada, quer dizer que a chave de alguma outra porta serviu nela.

Ficamos nos entreolhando sem saber o que dizer, Poirot caminhou até a lareira e, mecanicamente, começou a arrumar os vasos e enfeites.

- Bem, - disse ele finalmente -o que aconteceu foi isso: havia algo nesta caixa, alguma evidência bem discreta, mas que seria de vital importância que fosse destruída; mesmo que para isso o assassino tivesse que se arriscar subindo até aqui e correndo o grande risco de ser visto. Encontrando o estojo trancado ele foi obrigado a forçá-lo, revelando assim que esteve aqui. Realmente deveria ser algo de suma importância.

- Mas o que poderia ser?

- Ah, isso eu não sei! Sem dúvida algum documento, talvez o pedaço de papel que Dorcas viu na mão da Sra. Inglethorp ontem. E eu...- sua raiva explodiu - Mas que burro que eu sou! Eu não imaginei nada! Devo estar me tornando um imbecil! Eu nunca deveria ter deixado este estojo aqui! Eu deveria tê-lo levado comigo, como sou burro! Agora não há mais nada, está tudo destruído! -ou não? Nós ainda podemos ter uma chance!

Ele partiu em disparada como um louco, eu o segui assim que recuperei meus sentidos. Quando alcancei a estrada, ele já havia descido e sumido de vista.

Mary encontrava-se à meia escada. Ela seguia para a direção na qual Poirot havia sumido.

- O que aconteceu com o seu pequenino amigo? Ele passou por mim feito um touro louco.

- Ele deve estar atrás de alguma pista. - comentei. O sorriso em seus lábios chamou-me a atenção, então tentei continuar a conversa:

- Os dois já se encontraram?

- Quem?

- Alfred e Evie.

Ela olhou-me de forma desconcertada.

- Você acha que seria mesmo um desastre se eles se encontrassem?

- Você não pensa assim?

- Não. - ela sorria - Eu acho que seria bom, se eles encontrarem para clarear a situação. Até agora nós temos penado muito e falado pouco.

- John não pensa assim. Ele pretende mantê-los bem afastado.

- Ah, John!

Ela tinha um tom provocante, então eu disse:

- O velho John é realmente um sujeito de muita sorte.

Ela estudou-me curiosamente por algum tempo e disse, para minha grande surpresa:

- Você é muito fiel ao seu amigo. Eu não sou como você.

- Você não é minha amiga também?

- Eu sou uma péssima amiga.

- Por que você diz isso?

- Porque é verdade. Eu estava com meus amigos num dia, e no outro eu havia praticamente esquecido que eles existiam.

Não sei o que me impulsionou a dizer isso, mas falei sem pensar:

- Mas você tem um charme inconfundível para o Dr. Bauerstein!

Instantaneamente retirei minhas palavras. Seu rosto mudou e ela ficou séria. Sem dizer uma palavra ela subiu a escada e deixou-me sozinho como um tolo.

Coisas que aconteciam lá embaixo chamaram minha atenção. Ouvei Poirot praticamente desmontando a casa sem nenhuma confiança. Desci rapidamente a escada e fui ao seu encontro.

- Meu velho amigo, - eu disse - isso é ser discreto? Você está praticamente colocando tudo nas mãos do assassino!

- Você acha, Hastings?

- Estou certo disso.

- Bem, meu amigo; agora serei guiado por você.

- Tudo bem, mas agora é um pouco tarde para isso.

- Verdade.

Ele olhou-me envergonhado e arrependido.

- Bem, vamos então, mon ami.
- Você acabou por aqui?
- Por enquanto sim. Você me acompanha até a vila?
- Sim, com prazer.

Ele tomou seu casaco, e nós saímos pela porta da sala de jantar. Cynthia estava entrando, e Poirot deu lado para que ela passasse.

- Com licença mademoiselle, um minuto.
- Sim?
- Era sempre você quem fazia os remédios da Sra. Inglethorp?

Ela ficou ligeiramente ruborizada, e respondeu constrangidamente:

- Não.
- Apenas seus comprimidos para dormir?
- Ah, sim. Eu fiz alguns comprimidos para dormir, uma vez.
- Estes?

Poirot exibiu a caixa de comprimidos vazia.

Ela concordou.

- Você pode me dizer do que eram feitos?
- Eles eram de brometo de potássio.
- Ah. Obrigado mademoiselle, tenha um bom dia.

Enquanto seguíamos para a cidade, notei seus olhos. Quando ele estava ansioso seus olhos pareciam com os de um gato. Ele tinha agora duas esmeraldas na face.

- Meu amigo, - ele quebrou o silêncio - eu tenho uma pequena idéia, muito estranha e possivelmente impossível, mas mesmo assim ela faz sentido.

Particularmente eu pensava que Poirot estava perdido em suas idéias fantasiosas. Nesse caso, então, a verdade era muito clara e aparente.

- Então esta é a explicação para a etiqueta branca na caixa.

Muito simples como você havia dito. Não sei como não pensei nisso antes. - disse eu.

Poirot parecia não me ouvir.

- Eles descobriram mais uma coisa. - disse ele apontando para a mansão.
- O quê?

- Trancado na mesa do escritório da Sra. Inglethorp, eles encontraram um testamento datado de antes de seu casamento, e neste testamento ela deixava toda a sua fortuna para Alfred Inglethorp. Ele não estava escrito em um formulário próprio, e eram testemunhas dois funcionários da casa - não Dorcas.

- O Sr. Inglethorp sabia disso?

- Ele afirma que não.

- Todos estes testamentos estão um tanto confusos.

Diga-me, como algumas poucas palavras escritas sobre um envelope ajudaram-no a descobrir que havia sido escrito um testamento ontem à tarde?

- Meu pobre amigo... Você nunca, quando escrevia uma carta, teve dúvida sobre a grafia de uma palavra?

- Sim, freqüentemente.

- Muito bem. E suponho que você a tenha escrito de várias formas em um pedaço de rascunho, e depois escolhia a que parecia, para você, estar correta.

- Exatamente!

- Bem, foi o que a Sra. Inglethorp fez. Note que a palavra "possuído" está primeiramente escrita com um "s", e logo depois escrita corretamente com dois "s". Para ter certeza, ela testou a palavra numa sentença: "Eu estou possuída". Agora, o que isso me fez pensar? Me fez pensar que a Sra. Inglethorp havia escrito algo

naquela tarde que continha esta palavra. Tendo em mente o pedaço de papel que encontramos na lareira fui induzido a pensar em um testamento, que com quase toda certeza contém essa palavra. Esta possibilidade foi confirmada por uma importância casual.

Com toda aquela confusão o escritório não havia sido varrido esta manhã, e próximo à mesa havia vários traços de terra. O tempo está bem firme por estes dias, então não havia razão para que as botas deixassem marcas grossas.

- Eu fui até a janela e percebi que o canteiro de begônias havia sido recentemente plantado, e que os rastros nos canteiros eram similares aos do escritório. Percebi então que estes rastros eram da pessoa ou das pessoas que haviam plantado o canteiro, e considerei a hipótese de que primeiramente ela os havia chamado até a janela, pois haviam rastros próximo à ela, e mais tarde chamou-os para dentro para serem, em meu modo de pensar, testemunhas no testamento.

Eventuais circunstâncias provaram-me que eu estava certo em minhas suposições.

- Mas isso é genial! Devo confessar que minhas primitivas conclusões sobre as palavras estavam totalmente erradas.

Poirot sorriu.

- Você deu muita asa à sua imaginação. A imaginação é um ótimo servo e um péssimo mestre. A explicação mais simples é sempre a correta.

- Mais um ponto: como você soube que a chave do estojo roxo havia sido perdida?

- Eu não sabia. Era apenas uma suposição que se tornou correta.

Pensei que uma chave original deveria ser bem riscada e sem brilho, marcada pelo uso.

Se ela fosse encontrada, a Sra. Inglethorp iria logicamente devolvê-la ao seu maço de chaves. Mas ao invés da chave surrada pelo uso eu encontrei uma chave brilhante e sem marcas, que deveria ser logicamente e cópia. Sendo assim alguém havia tomado para si a original, para poder abrir o estojo.

- Sim, - eu disse - Alfred Inglethorp.

Poirot olhou-me curiosamente.

- Você tem certeza dessa suspeita?

- Bem, naturalmente. Todas as circunstâncias parecem apontar para ele.

- Pelo contrário, - disse Poirot- temos vários pontos a seu favor.

- É - lembrei.

- O quê?

- Bem, vejo apenas um.

- Qual?

- O fato de ele não estar na casa na noite passada.

- Péssimo chute! Você escolheu justamente um ponto que aponta contra ele.

- Como assim?

- Se o Sr. Inglethorp sabia que sua esposa seria envenenada, nada mais lógico do que ele manter-se longe da casa. Temos então duas possibilidades: ou ele sabia o que estava para acontecer, ou ele realmente tinha uma razão para não ter vindo para casa.

- E que razão?- perguntei.

Poirot parecia indeciso.

- O que eu poderia dizer? Sem dúvida este Sr. Inglethorp tem algo de trapaceiro, mas isso não faz dele um assassino.

Balancei a cabeça, não convencido disso.

- Nós não concordamos, não é? Bem, mon ami, deixe que o tempo diga qual de nós está certo. Enquanto isso observemos um outro aspecto. O que você acha do fato de todas as portas estarem trancadas por dentro?

- Bem... Alguém deve tê-las checado.

- Verdade.

- Acho que devo analisar assim: todas as portas estavam trancadas, mas a cera de vela no chão denuncia que alguém entrou no quarto na noite da tragédia. Também a destruição do testamento prova isso, estou certo?

- Perfeitamente. Você está sendo muito preciso. Continue!

- Bem, - disse eu animado-me a pessoa que entrou não o fez pela janela e nem por meios miraculosos, tudo nos leva a pensar que a Sra. Inglethorp mesmo abriu a porta por dentro. A pessoa em questão que estava do outro lado da porta, pelo que eu penso, seria seu marido. Ela iria naturalmente abrir a porta para seu marido.

Poirot balançou a cabeça negativamente.

- Por que ela faria isso? Ela havia trancado a porta entre os quartos, um procedimento não costumeiro de sua parte; e ele ainda havia tido uma violenta discussão com ele naquela tarde. Isso nos afirma com toda a certeza que ele seria a última pessoa que ela deixaria entrar em seu quarto.

- Mas você concorda comigo que a porta foi aberta pela própria Sra. Inglethorp?

- Há uma outra possibilidade. Ela pode ter esquecido de trancar a porta entre os quartos quando foi dormir, e levantou-se mais tarde para trancá-la.

- Poirot, você realmente pensa assim?

- Não. Eu não digo que foi assim que aconteceu, mas poderia ter sido. Mudando de assunto: o que você acha do pedaço de conversa que ouviu entre a Sra. Cavendish e sua sogra?

- Eu tinha esquecido disso, - disse eu pensativamente - é uma coisa realmente muito enigmática. Parece um pouco irreal que a Sra. Cavendish, com todo o estudo que tem, possa ter interferido tão violentamente num acontecimento como esse.

- Precisamente. É uma coisa muito espantosa para ter sido feita por uma mulher como essa.

- Sim, isso é curioso. - concordei - Mas de qualquer forma isso não é um fato tão importante assim, pode até ser desconsiderado.

Poirot soltou um grunhido.

- Eu já não disse a você várias vezes que tudo, por mais insignificante que pareça, deve ser levado em consideração?

- Ok... Devemos checar isso. - disse eu com ironia.

- Sim, devemos checar isso!

Alcançamos Leastways Cottage, a casa onde Poirot morava.

Entramos e fomos direto ao seu quarto. Fiquei impressionado ao ver que Poirot guardava os palitos de fósforo usados em um vaso chinês. Ele ofereceu-me um de seus minúsculos cigarros russos que fumava ocasionalmente. Meu momentâneo aborrecimento desapareceu.

Fumávamos nossos cigarros frente à janela do quarto, tínhamos então uma bela vista da cidade. Sentimos uma agradável brisa aquecida. Iria ser realmente um dia muito quente.

Repentinamente minha atenção voltou-se para um homem jovem que descia a rua apressadamente a passos largos. Seu rosto demonstrava uma extraordinária expressão - uma mistura de terror e agitação.

Ele dirigia-se à casa de Poirot.

- "Tiens!" - ele disse - Esse é o Sr. Mace, da drogaria da cidade.

Ele está vindo para cá!

O jovem homem aproximou-se da porta da casa e, após hesitar por alguns momentos, bateu energicamente na porta.

- Um minuto, - falou Poirot da janela - estou indo.

Fazendo um gesto para que eu o seguisse, Poirot desceu a escada e abriu a porta.

O Sr. Mace falou instantaneamente:

- Ah, Sr. Poirot! Desculpe pelo incômodo, mas eu ouvi que o Sr. acaba de vir da Mansão Styles.

- Sim.

O jovem homem mordeu os lábios, e sua testa franziu-se.

- Toda a vila já soube sobre a morte repentina da Sra. Inglethorp.

Eles dizem - sua voz reduziu-se a um simples sussurro - que foi envenenamento...

O rosto de Poirot tornou-se sério.

- Apenas os médicos podem nos dizer o que foi, Sr. Mace.

- Sim, claro...- o homem hesitou, mas não se conteve e agarrou o braço de Poirot -

Apenas diga-me uma coisa, Sr. Poirot: Isso não foi... Não foi... Por estricnina, foi?

Não ouvi o que Poirot replicou, com certeza algo de natureza não relevante. O homem despediu-se, e quando Poirot fechou a porta seus olhos dirigiram-se aos meus; a essas alturas, curiosos.

- Sim, - ele disse seriamente - ele terá algo a acrescentar ao inquérito.

Subimos novamente a escada e, quando ia perguntar algo, Poirot replicou:

- Não agora, mon ami. Preciso refletir. Minha mente está confusa, e isso não é bom.

Durante aproximadamente dez minutos ficamos sentados num silêncio mortal, até que Poirot deu-me um olhar profundo e sério.

- Bem, o mau momento passou. Agora está tudo arranjado e organizado. O caso não está claro, está na verdade um tanto enrolado! Com a chegada desta informação tudo em minha cabeça embaralhou. Eu, Hercule Poirot, apanhando desse jeito? Bem, vamos aos fatos: existem dois fatos de significado.

- E quais são?

- O primeiro é a condição do tempo ontem. Isto é muito importante.

- Mas foi um dia maravilhoso! Poirot, você está me dando uma rasteira!

- De jeito nenhum. O termômetro indicava 27- C. Não esqueça disso meu amigo, esta é a chave de todo o mistério.

- E o segundo ponto?- perguntei.

- O importante fato de o Sr. Inglethorp estar usando roupas muito peculiares, ter uma barba escura, e usar óculos.

- Poirot... Não posso acreditar que você está falando sério!

- Absolutamente, mon ami.

- Mas isso é criança!

- Não, mon ami. Isso é muito importante.

- E supondo que o júri dê o veredicto de assassino a Alfred Inglethorp, o que vão sobrar de suas teorias?

- Não deveríamos nos conformar, pois 12 homens estúpidos teriam acabado de cometer um grande erro. Mas isso não ocorrerá, pois o júri não vai querer ser responsabilizado por um grande engano como esse. Eu nunca permitiria isso!

- Você nunca permitiria isso?

Olhei para aquele pequeno homem, dividido entre a dúvida e a responsabilidade.

Ele tinha tanta certeza do que dizia, de si mesmo... Ele parecia ler meus pensamentos, e concordou gentilmente:

- Ah, sim, meu amigo. Eu gostaria de fazer o que eu disse. – ele levantou-se e pôs sua mão sobre minha cabeça. Sua fisionomia apresentou uma forte mudança, e surgiram lágrimas em seus olhos. - Entre tudo isso, eu penso principalmente que a Sra. Inglethorp está morta. Ela não era a mulher mais amável do mundo, mas ela sempre foi maravilhosa para nós Belgas. Nós temos uma dívida de gratidão com ela. Eu iria interromper, mas Poirot continuou:

- Deixe-me dizer isso, Hastings. Ela jamais iria me perdoar se eu permitisse que Alfred Inglethorp, seu marido, fosse detido agora - quando uma palavra minha poderia salvá-lo.

O Inquérito

No intervalo que antecedia o inquérito, Poirot empenhou-se profundamente em sua investigação. Por duas vezes ele e o Sr. Wells permaneceram horas inteiras conversando enquanto caminhavam pelo campo. Fiquei ressentido por ele não estar me deixando a par do que estava acontecendo ou a quais conclusões ele estava chegando. Não sabia mais o rumo que o caso havia tomado.

Ocorreu-me que ele poderia estar fazendo perguntas pela fazenda do Sr. Raikes; então, descobrindo que na quarta feira de manhã ele saiu caminhando para aquela direção, resolvi caminhar pelos campos por aqueles lados na esperança de encontrá-lo. Mas não havia nem sinal dele e eu estava em dúvida se devia ou não seguir até a fazenda. Enquanto caminhava, encontrei um senhor que me perguntou:

- Você é do Styles Halls, não?

- Sim. Eu procuro por um amigo que poderia estar andando por estes lados.

- Um homenzinho que balança as mãos enquanto fala? Um dos belgas da vila?

- Sim. Ele esteve por aqui, então?

- Ah, sim, ele esteve aqui muitas vezes. Ele é seu amigo? Ele tem um jeito mais engraçado que os outros.

- Por quê? Os senhores da mansão Styles têm vindo aqui freqüentemente?

- Um tem vindo, senhor. Não me lembro o nome, mas é um senhor muito generoso também!

- Tenho certeza que sim. Obrigado, senhor.

Segui adiante rapidamente. Evelyn Howard parecia mais uma vez estar certa, pois Alfred poderia estar sendo "generoso" com alguma mulher. Estava esta picante face cigana no topo do crime, ou foi tudo por dinheiro? Talvez um pouco de ambos.

Pelo menos em um ponto Poirot parecia ter uma curiosa obsessão. Ele mencionou por uma ou duas vezes que Dorcas poderia ter errado ao afirmar com tanta certeza que eram 4:00 quando ela ouviu a briga, e não 4:30.

Mas Dorcas permanecia inabalável. Afirmava que tudo se passara 1 hora antes dela servir o chá das 5 para a Sra. Inglethorp.

O inquérito realizou-se na sexta feira na vila, em um lugar chamado Stylites Arms.

Poirot e eu sentamos lado a lado, mas não fomos chamados para prestar esclarecimento.

O primeiro a depor foi John. Muito questionado, ele descreveu como foi despertado nas primeiras horas do dia e as circunstâncias da morte de sua mãe.

As evidências médicas foram o próximo. Todos os olhos fixaram-se no famoso especialista de Londres, considerado na época como um dos maiores especialistas em toxicologia.

Em poucas palavras ele expôs os resultados da autópsia. Abusando de termos técnicos ele explicou que o que havia provocado a morte da Sra. Inglethorp foi

envenenamento por estricnina. Quanto à quantia, disse ele que foram consumidos não menos de 50 mg, o suficiente para causar a morte.

- Seria possível ela ter tomado o veneno por acidente? - perguntou o investigador.
- Considero isso pouco provável, uma vez que não exista uso caseiro para a estricnina e que mesmo sua venda tinha restrições.

- Você teve como determinar como a dose foi administrada?

- Não.

- Creio que você chegou à mansão antes do Dr. Wilkins, não?

- Sim. O carro deixou-me na entrada do sítio, e eu corri até a casa o mais rápido que pude.

- Você pode nos relatar o que exatamente aconteceu depois?

- Eu entrei o quarto da Sra. Inglethorp. No momento ela estava tendo violentas convulsões. Ela virou-se para mim e disse, com muita dificuldade:

"Alfred... Alfred...".

- A estricnina poderia ter sido adicionada ao café que o Sr. Inglethorp levou para ela em seu escritório?

- Possivelmente. Mas a estricnina é um veneno rápido, e seus sintomas aparecem em no máximo 2 horas após a ingestão. É certo que em algumas condições seu efeito pode ser retardado, mas nenhuma dessas condições se apresentou. Eu presumo que a Sra. Inglethorp pegou seu café após o jantar, próximo às 8 horas; mas os sintomas não apareceram até o fim da madrugada. Isto me leva a acreditar que a droga foi consumida muito mais tarde, eu diria durante a madrugada.

- A Sra. Inglethorp tinha o costume de tomar uma batida de coco no meio da noite. A estricnina poderia estar presente nessa batida?

- Não. Eu mesmo recolhi uma amostra do que restava no recipiente, e não foi constatada a presença de estricnina.

Ouvi Poirot soltar um pequeno gracejo ao meu lado.

- O que você descobriu? - sussurrei.

- Preste atenção.

- Eu devo dizer continuou o doutor - que ficaria surpreso com qualquer outro resultado.

- Por quê?

- Simplesmente porque a estricnina tem um gosto muito característico. Ela pode ser detectada numa solução de um para setenta mil, podendo apenas ser encoberta por uma substância muito condimentada ou de forte aroma. Coco teria poucas chances de encobri-la.

Alguém do júri quis saber se a mesma objeção aplicava-se ao café.

- Não. O café teria grandes chances de mascarar a estricnina.

- Então você acredita que a estricnina estava no café, e que por alguma razão seu efeito foi retardado?

- Sim. Mas a xícara está em pedaços, sendo assim não tenho como obter uma amostra.

Isto concluiu o depoimento do Dr. Bauerstein. O Dr. Wilkins apenas confirmou seu depoimento em todos os pontos e considerou, mesmo contra sua forma de pensar, a possibilidade de suicídio. A vítima, ele disse, tinha um coração fraco, mas em outros aspectos gozava de plena saúde e muita disposição. Ela seria uma das últimas pessoas a tirar a própria vida.

Lawrence foi o próximo a depor. Seu depoimento foi de pouca importância, ele praticamente repetiu as palavras de seu irmão. Quando estava sendo dispensado ele disse, após um momento de hesitação:

- Será que eu poderia fazer uma objeção?

Ele fitou rapidamente o promotor, que replicou:

- Certamente Sr. Cavendish, nós estamos aqui para chegar à verdade sobre este fato, qualquer coisa que possa ajudar a elucidá-lo é bem vinda.

- É apenas uma idéia minha - disse Lawrence - claro que posso estar enganado. Para mim minha mãe morreu de causas naturais.

- O que lhe faz pensar assim?

- Minha mãe vinha tomando há um bom tempo um medicamento a base de estriknina.

- Ah! - o promotor surpreendeu-se.

O júri pareceu interessar-se.

- Eu acredito - continuou Lawrence - que existem casos em que os efeitos cumulativos dessa droga, administrada por longo tempo, possa levar o indivíduo à morte. Sendo assim, eu considero válida a hipótese de que ela tenha tido uma overdose desse medicamento por acidente.

- Esta foi à primeira vez que se mencionou que a Sra. Inglethorp fazia uso de um medicamento a base de estriknina. Estamos muito gratos a você, Sr. Cavendish.

O Dr. Wilkins foi o próximo convocado, e ridicularizou a idéia.

- O que o Sr. Cavendish sugere é impossível. Qualquer outro médico lhe dirá o mesmo. A estriknina é, de certa forma, um veneno cumulativo; mas seria um absurdo pensar que este acúmulo poderia resultar numa morte tão repentina. Haveria um longo período de sintomas crônicos que teriam sido constatados anteriormente. A coisa toda em um só momento é absurdo.

- E a segunda sugestão? A Sra. Inglethorp não poderia ter tido uma overdose por acidente?

- Três ou quatro doses além do receitado ainda não resultariam em morte. A Sra. Inglethorp possuía grande quantidade desses medicamentos em casa, pois ela os comprava em grandes doses de Coot, o farmacêutico de Tadmindster. Ela teria que tomar tudo junto para que se acumulasse no organismo a quantidade de estriknina encontrada na autópsia.

- Então o senhor afirma que devemos desconsiderar a hipótese de que a estriknina presente no medicamento tenha se acumulado causando a morte?

- Certamente. A suposição é ridícula.

O mesmo membro do júri que havia interrompido antes de toda essa polêmica sugeriu que o farmacêutico que fabricou o medicamento poderia ter cometido um erro.

- Isso é possível, sem dúvida. - replicou o médico.

Mas Dorcas, a próxima testemunha chamada, descartou a possibilidade ao dizer que o medicamento não era recentemente fabricado, pois a Sra. Inglethorp havia tomado a última dose no dia de sua morte.

Então a questão do medicamento foi totalmente abandonada, e o promotor continuou com suas perguntas. Após explicar como ela tinha sido acordada pelos violentos toques do sino da Sra. Inglethorp, o promotor passou para o assunto da briga que havia ocorrido naquela tarde.

O depoimento de Dorcas foi idêntico ao que ela havia dito a Poirot, então não o transcreverei aqui.

A próxima testemunha foi Mary Cavendish. Ela parecia muito nervosa, e falou em um tom lento, baixo e claro. Respondendo às perguntas do promotor ela contou que seu relógio a despertara às 04h30min como de costume, e que se vestia quando ouviu o barulho de algo pesado que havia caído.

- Que poderia ter sido a mesa próximo à cama. - disse o promotor.
- Eu abri a porta, - continuou Mary - e após alguns momentos o sino tocando violentamente, depois vi Dorcas vir correndo acordar meu marido, e todos nós nos dirigimos para o quarto de minha sogra, mas ele estava trancado...

O promotor interrompeu-a.

- Realmente já estamos bem esclarecidos dos fatos ocorridos daqui em diante, então eu gostaria que a Sra. nos contasse sobre a briga do dia anterior.

- Eu?

Havia certa petulância em sua voz. Ela levantou as mãos e arrumou o laço em seu pescoço, girando lentamente a cabeça para que ele se encaixasse. Um pensamento surgiu em minha cabeça: "Ela está tentando ganhar tempo."

- Sim, eu entendo, - continuou o promotor - a senhora estava sentada no banco próximo à grande janela francesa do escritório, não?

Isso me deixou muito surpreso, e fiquei mais assustado ainda ao descobrir que era surpresa para Poirot também.

Houve um grande momento de silêncio e, após um segundo de hesitação, ela respondeu:

- Sim.

- E a janela do escritório estava aberta, não?

Repentinamente sua face empalideceu, e ela respondeu:

- Sim.

- Então você ouviu perfeitamente as vozes lá dentro, especialmente quando elas encheram-se de fúria, não? Provavelmente de onde você estava ouvia-se melhor do que da sala, penso eu.

- Possivelmente.

- Você poderia repetir para nós o que foi que ouviu?

- Realmente eu não lembro o que ouvi.

- Você quer dizer que não ouviu as vozes?

- Não! Às vezes eu ouvia, mas não lembro sobre o que falavam. - seu rosto tornou-se vermelho - Eu não gosto de ficar ouvindo conversas privadas.

O promotor insistiu.

- Mas você não lembra de nem uma frase que ouviu, Sra. Cavendish? Nada mesmo?

Ela pareceu refletir, e continuou calmamente como de costume:

- Sim, eu lembro. A Sra. Inglethorp disse algo sobre escândalo entre marido e mulher. Não lembro exatamente da frase, mas lembro desse pedaço.

- Ah! - o promotor parecia satisfeito - Isso corresponde ao que Dorcas nos disse.

Mas quando a Sra. percebeu que era uma conversa privada, por que não saiu de onde estava?

A Sra. Cavendish percebeu que o promotor queria chegar a algum lugar com suas insinuações, mas respondeu ainda calmamente:

- Eu estava bem lá. Fixei minha cabeça em meu livro.

- E isso é tudo que você pode nos dizer?

- Isso é tudo.

Mary Cavendish foi dispensada, e eu estava em dúvida se o promotor estava satisfeito com suas respostas ou se achava que ela sabia mais do que havia dito.

Amy Hill, um balconista, foi o próximo a ser convocado. Ele confirmou ter vendido um formulário de testamento para William Earl, jardineiro do sítio Styles.

William Earl e Manning sucederam-no, e afirmaram terem assinado um documento da Sra. Inglethorp próximo às 04h30min, William disse que poderia ter sido um pouco mais cedo.

Cynthia Murdock foi à próxima. Ela tinha pouco a dizer, pois nada sabia sobre a tragédia até que a Sra. Cavendish a acordou.

- Você não ouviu a mesa caindo?

- Não, eu tenho um sono muito pesado.

O promotor sorriu.

- Uma boa mente faz um bom dorminhoco. - ele brincou - obrigado Srta. Murdock, isto é tudo.

- Srta. Howard!

A Srta. Howard trouxe a carta escrita para ela pela Sra. Inglethorp no dia 17. Poirot e eu já havíamos examinado esta carta anteriormente, e não havia nada nela que pudesse contribuir para a elucidação do caso. Esta é uma reprodução da carta.

Esta não é uma reprodução fiel do original da carta pela impossibilidade de decifrar o original. Isto, no entanto, não afeta a compreensão do livro por parte do leitor.

“Styles, 17 de julho

Prezada Evelyn

Será que não podemos fazer as pazes?

É difícil para mim perdoar as coisas que me disse contra meu marido, mas sou um mulher velha e gosto muito de você.

Afetuosamente

Emily Inglethorp”

Ela foi passada ao júri, que a examinou cuidadosamente.

- Temo que ela não nos possa ajudar muito, - disse o promotor - não há menção do que havia ocorrido naquela tarde.

- Está tão claro como água, - disse a Srta. Howard - ela mostra claramente que a minha pobre amiga havia descoberto que ela havia feito uma loucura!

- Não há nada sobre isso na carta.- disse o promotor.

- Não, porque Emily nunca admitia que estava errada. Mas eu a conhecia bem, ela me queria de volta; mas ela não queria admitir que eu estava certa.

O Sr. Wells sorriu desconcertadamente.

- De qualquer forma, - continuou a Srta. Howard - tudo isso é uma grande perda de tempo. Falar, falar, falar... Enquanto o tempo todo nós sabemos perfeitamente bem que...

O promotor a interrompeu cheio de agonia e apreensão:

- Obrigado Srta. Howard, isso é tudo.

Notei uma expressão de alívio quando a Srta. Howard retirou-se do banco.

Depois veio a sensação do dia. O promotor chamou Albert Mace, assistente de farmácia.

Ele era o agitado homem que perguntara a Poirot sobre a causa da morte da Sra. Inglethorp, respondendo às perguntas do promotor ele informou que era diplomado em farmácia, mas tinha vindo recentemente trabalhar numa farmácia da vila como assistente.

Acabadas as apresentações o promotor foi direto ao assunto:

- Sr. Mace, você vendeu estricnina há alguns dias para uma pessoa sem autorização?

- Sim senhor.

- Quando?

- Na segunda feira à noite.

- Segunda? Não na terça?
- Não senhor, segunda feira dia 16.
- Você poderia nos dizer para quem você a vendeu?

Podia se ouvir um alfinete caindo.

- Sim senhor. Foi para o Sr. Inglethorp.

Todos os olhos voltaram-se para onde Alfred Inglethorp estava sentado. Este continuou sentado, calmo e pareceu não se abalar com o fato.

Pensei que ele iria levantar-se da cadeira e sair, mas continuou sentado como estava antes. Sua face adquiriu uma expressão de indignação.

- Você tem certeza do que diz?- perguntou o promotor.

- Absoluta senhor.

- Você tem costume de vender produtos perigosos assim para qualquer um sem autorização?

O jovem rapaz assustou-se:

- Ah, não, senhor! Mas vendo que era para o Sr. Inglethorp da Mansão Styles, eu não vi nada de errado. Ele disse que era para envenenar um cachorro doentio. Instantaneamente pensei em como as pessoas se deixam levar pelo status da pessoa com a qual estão conversando. "Sr. Inglethorp da Mansão Styles...".

- Não é regulamentado que quem compra veneno deve assinar um livro?

- Sim senhor. O Sr. Inglethorp assinou.

- E você trouxe o livro?

- Sim senhor.

O promotor olhou cuidadosamente o livro que o Sr. Mace lhe apresentava. Então, após um longo silêncio, o Sr. Inglethorp foi convocado. Ele sentia-se - eu poderia dizer - como se tivesse uma corda ao redor do pescoço.

O promotor foi direto ao ponto.

- Na noite da última segunda feira, o senhor comprou estricnina com o propósito de envenenar um cachorro?

O Sr. Inglethorp replicou calmamente:

- Não, eu não comprei. Não existem cachorros no sítio Styles; exceto um cão pastor, mas ele goza de perfeita saúde e tem muita utilidade.

- Você nega totalmente ter comprado estricnina do Sr. Mace na segunda feira?

- Sim.

- Então você nega isso?

O promotor estendeu-lhe o livro onde estava registrada sua assinatura.

- Nego absolutamente. A assinatura não é minha. Vou mostrá-lo.

Ele retirou um velho envelope do bolso e assinou seu nome nele. As duas assinaturas com certeza não coincidiam.

- E qual a sua explicação para a afirmação do Sr. Mace?

Alfred disse imperturbavelmente:

- Ele deve ter se enganado.

O promotor hesitou por um momento, depois disse:

- Sr. Inglethorp; por mera formalidade, o Sr. pode nos dizer onde estava na segunda feira, dia 16 de julho, por volta das seis horas da tarde?

- Realmente... Não lembro.

- Isso é um absurdo, Sr. Inglethorp. Pense mais um pouco.

O Sr. Inglethorp balançou a cabeça.

- Não posso dizer... Acho que estava caminhando.

- Em que direção?

- Realmente não lembro.

- Você estava acompanhado de alguém?
- Não.
- Que pena, - disse o coronel - você não pode nos dizer onde estava na hora que o Sr. Mace supostamente o viu na farmácia?

- Definitivamente, não!
- Seja cuidadoso Sr. Inglethorp!

Poirot estava muito nervoso.

- Sacré! Este homem quer ser preso?

O Sr. Inglethorp estava mesmo causando uma má impressão. Sua falta de argumentos não convenceria nem uma criança. O promotor assim mesmo passou para a próxima pergunta, e Poirot soltou um suspiro de alívio.

- Você teve uma discussão com sua esposa na terça à noite?
- Desculpe-me: você deve ter sido mal informado. Eu não tive briga alguma com minha querida esposa. A história toda foi inventada. Eu nem mesmo estava em casa naquela tarde.

- Você tem alguém que pode provar isso?
- Você tem minha palavra!- disse o Sr. Inglethorp energicamente.

O promotor não demorou a retrucar:

- Existem duas testemunhas aqui que, dizem terem ouvido a briga entre você e sua esposa.
- Essas testemunhas estão enganadas.

Eu estava perplexo. Ele afirmava isso com tanta certeza que eu fiquei sem saber o que pensar. Olhei para Poirot e percebi uma expressão de exaltação em seu rosto que eu não conseguia entender. Será que ele finalmente estava convencido da culpa de Alfred Inglethorp?

- Sr. Inglethorp, - continuou o promotor - você já soube das últimas palavras de sua esposa segundos antes de sua morte. Você poderia explicá-las?
- Certamente.
- Você pode?

- Parece ser muito simples. A sala estava pouco iluminada, e o Dr. Bauerstein tem um corpo muito parecido com o meu, e também usa barba. Com a luz débil e o estado em que ela se encontrava, ela facilmente confundiu o Dr. Bauerstein comigo.

- Ah! - murmurou Poirot - Essa é uma possibilidade.
- Você acha que isso é verdade?- sussurrei.
- Não digo isso, mas é uma suposição muito engenhosa.
- Você leu as últimas palavras de minha esposa como se elas fossem uma acusação, mas na verdade elas eram uma súplica.

O promotor refletiu por um momento, depois disse:

- Eu acredito, Sr. Inglethorp, que o senhor mesmo levou o café para sua esposa naquela noite, não foi?
- Eu peguei para levar, mas não levei. Um amigo chamava-me na porta da sala, então eu deixei o café sobre a mesa da sala e fui atendê-lo. Minutos depois quando voltei, o café já não estava mais lá.

Esta história pode - ou não - ser verdade, mas de qualquer jeito isto não o tornou menos culpado. De um jeito ou de outro ele teria tido tempo para colocar o veneno. Nesse momento, Poirot indicou-me discretamente dois homens que estavam sentados próximo à porta. Um deles era pequeno, feio e escuro; o outro era alto e gordo.

Eu perguntei a Poirot quem eles eram, ele encostou seus lábios em meu ouvido e sussurrou:

- Um deles é o detetive James Japp, conhecido como Jimmy; o outro não lembro quem é, mas ambos são da Scotland Yard. As notícias correm rápido, meu amigo. Olhei cuidadosamente para os dois homens. Nada neles indicava que eram da polícia, pareciam apenas duas pessoas normais. Minha atenção foi chamada pelo veredicto dado:

- Homicídio intencional praticado por pessoa ou pessoas desconhecidas.

Poirot Paga Suas Dívidas

Quando saímos do saguão, Poirot segurou-me levemente pelo braço. Isso significava que ele queria que esperássemos pelos homens da Scotland Yard.

Em pouco tempo eles apareceram, e Poirot aproximou-se deles:

- Acho que não se lembra de mim, inspetor Japp.
- Como não, Poirot? - redargüiu o inspetor. Então falou para o outro:- Lembra-se que eu lhe falei de monsieur Poirot? Nós trabalhamos juntos, em 1904, no caso "Abercrombie forgery", mesmo ele tendo adoecido em Bruxelas. Bons tempos aqueles.

Lembra-se do barão Altara? Ele passou para trás metade dos policiais da Europa, mas nós o prendemos em Antwerp, graças ao senhor Poirot.

Após estas reminiscências Poirot apresentou-me ao inspetor Japp, que por sua vez apresentou-me ao superintendente Summerhaye.

- Mas o que você faz por aqui, velho amigo?- perguntou Poirot.
- Agora, nada. O caso está resolvido.
- Engano seu, meu amigo.
- Mas como? - disse Summerhaye pela primeira vez - a coisa toda parece estar clara como a luz do sol. O homem está todo enrolado, o que poderia faltar?

Mas Japp olhava atentamente para Poirot.

- Vá com calma, Summerhaye. Já conheço o Sr. Poirot, e algo me diz que na realidade nada está resolvido. A não ser que eu esteja enganado, há alguma coisa muito errada aqui. Poirot?

Poirot sorriu.

- Tenho chegado a certas conclusões, sim.
- Esse é o caminho, - ele disse - porque nós apenas vimos o caso de fora, não estamos envolvidos nele. Essa é a desvantagem que o pessoal da Scotland Yard tem em relação a você aqui. Um bom caso depende de um bom pontapé inicial, e aqui está o Sr. Poirot para nos ajudar. Deveríamos estar aqui bem antes, mas tomamos conhecimento do caso há pouco tempo. Pelas evidências do inquérito está claro que o Sr. Inglethorp assassinou sua esposa, e se alguém tivesse dito o contrário eu teria duvidado com certeza. Eu esperava que o júri desse o veredicto de homicídio intencional por parte do Sr. Inglethorp.

- Talvez, penso, você tenha a ordem de prisão para Alfred Inglethorp em seu bolso. - sugeriu Poirot.

Uma expressão de oficialismo surgiu no rosto de Japp.

- Talvez sim, talvez não.

Poirot olhou-o pensativo.

- Eu estou muito preocupado. - disse Poirot - senhores, Alfred não deve ser preso.

- Acho que está enganado. - observou Summerhaye sarcasticamente.

Japp questionava Poirot.

- Você não poderia estar enganado, Poirot? Seu pedido para nós é uma ordem, mas você sabe que a Scotland Yard não admite enganos.

Poirot concordou seriamente.

- Eu sei disso, mas vou dizer uma coisa a vocês: prendam o Sr. Inglethorp se quiserem, mas isso nos trará dúvidas e problemas. Os fatos contra eles serão logo desmentidos, e então provarei que estão enganados.

Japp permaneceu pensativo, e Summerhaye deu um sorriso incrédulo. Eu estava totalmente paralisado, e só podia pensar que Poirot estivesse enlouquecendo.

Japp enxugava o rosto com um lenço.

- Eu não irei prendê-lo, Poirot, mas você deve entender que existem muitos acima de mim que perguntarão que diabos eu estou fazendo. Você não tem algo mais com o que eu possa argumentar?

Poirot refletiu por um momento.

- Isso pode ser arranjado. - disse ele finalmente - admito que não gostaria de fazer isso, que preferia trabalhar às escuras por enquanto, mas o que você me pede é justo.

É a palavra de um agente Belga. Alfred Inglethorp não deve ser preso, e eu vou provar isso, meu amigo. Você pretende ir até o sítio Styles?

- Sim, em meia hora. Tenho de conversar com o promotor e o médico antes.

- Bem. Pegue-me então na última casa da vila, gostaria de ir com vocês. Alfred Inglethorp dará a vocês as evidências que precisam - ou eu, se não acreditarem nele.

Vocês verão que ele é inocente. Topam?

- Sim. Admito que não vejo do que desconfiar Poirot, mas você é um prodígio e sempre me surpreendeu. Até logo, então.

Os dois detetives foram embora. Summerhaye manteve sua expressão de indiferença.

- Bem, meu amigo, - disse Poirot - o que você acha? Mon Dieu! Não pensei que pudesse haver um homem tão cabeça dura como o Sr. Summerhaye na polícia, este homem é um verdadeiro imbecil!

- Poderia haver uma outra explicação por trás daquela imbecilidade. - retruquei - E se as acusações contra Alfred forem verdadeiras, como você irá se defender a não ser pelo silêncio?

- Mas que Diabos! Veja só: suponhamos que eu tivesse cometido este assassinato, eu poderia pensar em no mínimo sete desculpas convincentes para contar! As negações secas do Sr. Inglethorp não convencem nem a uma criança!

Não pude deixar de rir.

- Meu velho amigo! Você teria capacidade para inventar setenta desculpas convincentes, mas depois de tudo isso você não pode continuar acreditando na inocência de Alfred Inglethorp!

- Por que não tanto agora como antes? - perguntou Poirot.

- Porque as provas são muito claras e conclusivas!

- Sim, muito conclusivas.

Entramos na casa de Poirot, e subimos mais uma vez aquelas conhecidas escadas.

- Sim, sim, muito conclusivas. - Poirot falava para si mesmo-as evidências reais são muito vagas e insatisfatórias, isso deve ser examinado com extremo cuidado. Mas a coisa toda já cortada e seca. Não, meu amigo. Estas evidências foram forjadas, tão forjadas que estão indo contra seus próprios objetivos.

- Como assim?

- As acusações contra Alfred eram vagas e de certa forma fugiam da realidade, mas era um pouco difícil provar-se isso. Mas na sua ansiedade o criminoso fechou tanto a rede que um simples corte deixará o Sr. Inglethorp livre.

Permaneci em silêncio. Após alguns segundos Poirot continuou:

- Vamos ver a coisa por um outro lado. Ele é um homem que - deixe-me ver - envenenou sua esposa. Ele vivia sob seus próprios preceitos. Ele não era louco. Bem, como vamos colocar as coisas... Ele foi até a cidade comprar estricnina usando o próprio nome, com a desculpa de que desejava envenenar um cachorro. Ele não usou o veneno naquela noite, esperou que eles tivessem uma briga para envenená-la fazendo com que todos desconfiassem dele. Ele não inventa defesa e não arranja um álibi, e não se importa se o farmacêutico que o atendeu o reconheça! Entendeu tudo, Hastings? Não me peça para acreditar que exista uma pessoa assim tão idiota!

Apenas um lunático que quisesse se suicidar após isso agiria assim!

- Mas de qualquer forma eu não vejo...- comecei.

- Nem eu vejo! Isso espanta até a mim, Hercule Poirot!

- Mas se você acredita na inocência dele, como você explica a compra da estricnina?

- Muito simples. Ele não comprou.

- Mas Mace o reconheceu!

- Perdão meu amigo, ele viu um homem com uma barba preta como a do Sr. Inglethorp, que usava óculos iguais aos do Sr. Inglethorp, e que vestia roupas tão chamativas como as do Sr. Inglethorp. Ele não poderia reconhecer com certeza um homem que vira somente à distância. Ainda mais que ele está na vila há pouco mais de 15 dias, e que o Sr. Inglethorp compra principalmente de Coot, em Tadmindster.

- Então você acha...

- Meu amigo, lembra-se dos dois pontos que eu disse a você? Deixe o primeiro de lado, e diga-me o segundo.

- O fato de que o Sr. Inglethorp usava roupas peculiares, barba e óculos?

- Exatamente. Agora suponhamos que John ou Lawrence tenham se passado por ele; isso seria fácil?

- Não. Mas claro que um ator...

Poirot interrompeu-me bruscamente.

- E por que não seria fácil? Vou lhe dizer, meu amigo: porque ambos são homens bem barbeados. Para tornar isso possível com um desses dois à luz do dia, seria necessário um ator de cérebro privilegiado e com certa semelhança facial. Mas no caso de Alfred Inglethorp, tudo mudou. Suas roupas, sua barba, os óculos que usava; estes são os pontos tocantes à sua aparência pessoal. Agora, qual o primeiro instinto de um criminoso? Desviar a suspeita de si mesmo. E como fazer isso? Jogando a culpa para cima de alguém! Nessas instâncias ele já teria um alvo definido, por isso todos acreditaram na culpa do Sr. Inglethorp. Esta seria uma conclusão precipitada que sofreriam suspeitas, mas para evitar que isso acontecesse apareceram todas essas evidências de o veneno ter sido comprado pelo suposto Sr. Inglethorp. Não se esqueça que o Sr. Mace nunca viu de perto o Sr. Inglethorp nem conversou com ele. Sendo assim devemos ter grandes dúvidas se este homem de roupas peculiares e barba escura era mesmo o Sr. Inglethorp.

- Pode ser, - continuei, espantado com a eloquência de Poirot - mas se for mesmo o caso por que ele não disse onde estava na segunda feira à noite por volta das seis horas da tarde?

- E por que ele deveria? Se ele fosse preso ele teria dito, mas não acho que isso seja necessário. Eu preciso fazê-lo perceber a gravidade da situação, porque pelo seu silêncio está claro que ele não notou isso. Se ele não assassinou sua esposa deve estar sendo usado como fantoche, e precisamos aconselhá-lo sem que o assassino saiba.

- Quem poderia ser?- pensei. Estava quase vencido pelas conclusões de Poirot, e começava a acreditar que eram mesmo verdadeiras.

- Você não consegue acreditar?- perguntou Poirot sorrindo.

- Não. Você acredita?

- Ah, sim. Eu tive uma idéia há algum tempo atrás, e ela tornou-se verdadeira.

- Você nunca me falou!- disse eu transtornado.

Poirot lançou suas mãos defensivamente.

- Perdão mon ami, mas você não teria simpatizado com a idéia.

- Você vê agora que ele não deve ser preso?

- Talvez. - disse eu pensativo, pois na verdade achava que um bom susto não o causaria danos.

Poirot observava-me, até que deu um sinal.

- Vamos mon ami, diga o que achou do inquérito.

- Vi muito mais do que esperava.

- Nada nele pareceu-lhe peculiar?

Meus pensamentos fixaram-se em Mary Cavendish, então perguntei:

- Em que sentido?

- Bem, sobre o depoimento de Lawrence, por exemplo.

Eu dei um suspiro de alívio.

- Ah, Lawrence! Não, não lembro de ter visto nada de estranho em seu depoimento.

Ele é um homem meio nervoso.

- A sugestão dele de que sua mãe se auto-envenenou por um excesso de certo medicamento soa meio estranho, não?

- Não posso dizer. Para mim foi uma sugestão aceitável vinda de um leigo.

- Mas monsieur Lawrence não é um leigo! Pelo que você me disse ele é diplomado em medicina.

- Sim, é verdade. Eu nunca havia pensado nisso. - fiquei assustado - É algo bastante sugestivo.

Poirot concordou.

- Seu comportamento inicial foi estranho; como todos na casa ele parecia não conhecer os sintomas provocados por envenenamento por estriçnina, e como se isso não bastasse foi o único da casa a propor morte natural. Se essa hipótese tivesse sido levantada por John eu entenderia, pois ele não possui conhecimentos nessa área e nem imaginação, mas Lawrence ter proposto isso... Estou muito intrigado.

E ainda hoje ele propôs uma idéia que os médicos ridicularizaram, tudo leva a crer que há algo errado.

- É muito confuso. - concordei.

- E depois temos a Sra. Cavendish que não diz tudo o que sabe.

Estranho, não? - indagou Poirot.

- Eu já não sei o que pensar, ela parece estar protegendo Alfred!

Poirot concordou pensativamente.

- Uma coisa é certa: ela ouviu muito mais do que uma simples "conversa privada", como disse no inquérito.

- E ela não parece ter saído no meio do assunto!

- Exatamente! O depoimento dela me fez perceber o erro que cometi. A discussão ocorrera próximo às 4 horas como Dorcas falou, não mais tarde.

Fitei-o curiosamente. Não conseguia entender sua insistência nesse ponto.

- Mais uma coisa ocorreu-me: o que estaria fazendo o Dr. Bauerstein de pé e vestido àquela hora da manhã? Esta foi uma coisa que ninguém comentou.

- Ele deve sofrer de insônia.
- Isso seria uma ótima ou uma péssima explicação, - disse Poirot - pois abrange tudo e não esclarece nada. Devemos manter nossos olhos no Dr. Bauerstein!
- Mais alguma falha foi encontrada no depoimento?- perguntei.
- Mon ami, quando você acha que as pessoas não estão lhe falando a verdade, mantenha os olhos bem abertos! Se não me engano muito, somente uma ou duas pessoas falaram tudo que sabiam nesse inquérito.
- Ah, sim. Eu poderia citar Lawrence e Mary Cavendish. John e a Srta. Howard estavam falando a verdade, não?
- Os dois, mon ami? Um deles sim; ambos tenho dúvidas. Suas palavras deixaram-me paralisado. O depoimento da Srta. Howard, dado com tanta sinceridade mesmo sendo de pouca importância, não podia duvidar dela. Mas de qualquer jeito eu tinha um grande respeito pela sagacidade de Poirot; a não ser quando tinha umas recaídas, era quando eu costumava chamá-lo de "cabeça dura".
- Você realmente pensa assim? O depoimento da Srta. Howard pareceu-me bastante sincero.

Poirot olhou-me curiosamente, deixando-me sem saber o que pensar. Ele parecia conversar consigo mesmo.

- A Srta. Cynthia também. Não há nada de errado na história dela.
- Não. Mas foi estranho ela não ter ouvido nem mesmo a mesa cair enquanto que a Sra. Cavendish afirma ter ouvido isso claramente do outro lado da casa... Não se esqueça de que o quarto de Cynthia fica do lado do quarto da Sra. Inglethorp.
- Bem, ela é jovem, e tem o sono pesado.
- Ah, é? Então ela deve ser uma dorminhoca fora do comum!

Sua resposta deixou-me inquieto. Nesse momento ouvimos batidas na porta e, ao olharmos pela janela, vimos os dois detetives que nos aguardavam.

Poirot ajeitou o paletó, penteou o bigode para retirar uma sujeira imaginária, e incentivou-me a precedê-lo na descida da escada. Lá embaixo nos juntamos aos detetives e seguimos para a mansão Styles.

Pensei que a aparição dos dois homens havia sido um choque – especialmente para John. Mas de um jeito ou de outro a presença dos detetives mostrava a ele a realidade mais do que qualquer coisa nos trava.

Poirot seguia conversando com Japp, e eles haviam acertado que quando chegassem à mansão, reuniriam todas as pessoas da casa-menos os empregados - na sala de jantar. Notei o significado disso: Poirot estava para dar uma forte cortada no baralho. Quem sabe já não começaria a dar as cartas?

Eu conseguia manter minha calma. Poirot devia com certeza ter suas razões para tanto, mas Summerhaye teimava em demonstrar sua descrença na importância que isso poderia ter.

Ao chegarmos à mansão reunimos todos na sala de jantar. Japp fechou as portas enquanto Poirot distribuía cadeiras educadamente.

Os olhos fitavam-se uns aos outros e pela primeira vez senti como é estar realmente no meio do drama. Percebi que tudo não era apenas um sonho louco, mas sim uma apreensiva realidade. Antes nós líamos, e agora éramos os atores. A primeira página de um jornal sobre a mesa exibia seu título:

"TRAGÉDIA MISTERIOSA EM ESSEX DAMA RICA ASSASSINADA"

Também apareciam algumas fotos da cidade, e algo como "Família vive um inquérito". Abaixo disso linhas que tantas vezes já havia lido sobre pessoas que não conhecia, agora referiam-se a pessoas próximas. Sentia-me fazendo parte disso.

Sentia o assassino entre nós e, à nossa frente, os detetives no comando do caso.

Vários pensamentos ocorreram-me antes que Poirot iniciasse a reunião.

- Todos - inclusive nós - ficamos surpresos quando Poirot tomou a iniciativa, e não os detetives encarregados do caso.

- Mesdames and messieurs, - disse Poirot como se fosse apresentar uma celebridade - eu pedi para que todos se reunissem aqui para tratar de um assunto, e esse assunto diz respeito a Alfred Inglethorp.

O Sr. Inglethorp sentava-se um pouco distanciado dos outros, mas na verdade foram os outros que afastaram suas cadeiras dele. Ele pareceu acordar quando ouviu seu nome.

- Sr. Inglethorp, - disse Poirot dirigindo-se a ele diretamente - uma nuvem muito escura abateu-se sobre esta casa, a sombra de um assassino.

O Sr. Inglethorp balançou a cabeça tristemente.

- Minha pobre esposa! - murmurou ele - Minha pobre Emily, isso é terrível!

- Eu acho senhor, - disse Poirot ao perceber que ele não estava entendendo - que o senhor não entendeu o que eu quero dizer: o senhor corre grande perigo.

Os detetives inquietaram-se, e eu ouvi aquela clássica frase:

- Tudo o que disser poderá ser usado contra você no tribunal. Obviamente isso só poderia ter partido de Summerhaye. Poirot continuou.

- Você entende agora, monsieur?

- Não. O que você quer dizer?

- Eu quero dizer - falou Poirot deliberadamente - que você é suspeito de ter envenenado sua esposa.

O rosto do Sr. Inglethorp assemelhou-se a uma vela.

- Deus do céu! Mais que idéia mais absurda! Eu ter assassinado minha querida Emily?

- Não penso - continuou Poirot - que o senhor estivesse ciente disso no inquérito.

Agora o senhor já sabe porque é tão importante que nós saibamos onde o senhor estava na segunda feira por volta das seis horas.

Com um suspiro ele sentou-se e cobriu o rosto com as mãos.

Poirot aproximou-se dele.

- Fale! - Poirot disse atenciosamente.

O Sr. Inglethorp balançou a cabeça negativamente.

- Você não irá falar?

- Não. Não acredito que alguém poderia ser tão monstruoso a ponto de me acusar disso!

Poirot parecia decepcionado.

- Bem, - ele disse - então deverei falar por você.

Alfred pareceu recobrar os senti dos.

- Você? Como você pode falar por mim? Você não sabe...- parou abruptamente.

Poirot virou-se para nós.

- Senhoras e senhores, eu falarei por ele, então por favor ouçam. Eu, Hercule Poirot, afirmo que o homem que entrou na farmácia na segunda feira próximo às seis horas da tarde para comprar estricnina não era o senhor Inglethorp, pois às seis horas da tarde daquela segunda o Sr. Inglethorp acompanhava a Sra. Raikes quando ela voltava para casa vindo de uma fazenda vizinha. A fazenda Abbey, como todos sabem a casa da Sra. Raikes, fica a mais ou menos 4 km da vila.

Quanto às testemunhas, tenho cinco pessoas que afirmam tê-los visto neste horário percorrendo aquele caminho. Isso anula a possibilidade de o Sr. Inglethorp ter entrado na farmácia naquele horário.

Leve Suspeita

Houve um grande momento de silêncio. Japp, que estava tão surpreso quanto nós, foi o primeiro a falar.

- Às vezes você me surpreende, Poirot. Essas testemunhas estão todas confirmadas?

- Sim. Depois lhe passarei a lista com seus nomes e endereços.

- Estou muito agradecido a você, Poirot. - disse Japp - agora já temos algo a favor do Sr. Inglethorp. Com licença Sr. Inglethorp, mas por que o senhor não disse isso no depoimento?

- Vou dizer porque. - disse Poirot - Havia um falso rumor...

- O mais malicioso e falso rumor!- Interrompeu Alfred.

- E o Sr. Inglethorp quis evitar outro escândalo. Estou certo?

- Exatamente!- concordou o Sr. Inglethorp - Já basta o que dizem que eu fiz com minha pobre Emily, então não queria mais rumores falsos contra mim.

- Se não fosse pelo nosso amigo Poirot, senhor, eu já o teria preso como culpado pelo assassinato pela morte de sua esposa.

- Eu estava enlouquecido, sem dúvida. - disse Alfred - Mas o senhor nem imagina inspetor, o quanto eu tenho sido perseguido e caluniado. - ele deu uma rápida olhada para Evelyn Howard.

- Agora, senhor, - disse Japp virando-se para John - eu gostaria de ver o quarto da Sra. Inglethorp. Não se preocupe em me acompanhar, pois o Sr. Poirot me mostrará o caminho. Depois disso eu gostaria de conversar um pouco com os empregados.

Quando todos saíram da sala Poirot fez um sinal para que eu os Acompanhasse até o topo da escada, onde me segurou pelo braço e disse:

- Vá rapidamente para a outra asa da casa. Fique lá parado próximo à curva do corredor até que eu volte. - depois me deixou e juntou-se aos detetives.

Eu segui suas instruções. Tomei meu lugar próximo à curva do corredor e fiquei pensando que Diabos estaria eu fazendo lá. Ocorreu-me a idéia de que todos os quartos eram daquele lado da casa, exceto o da Srta. Murdock. Talvez Poirot quisesse que eu ficasse observando quem ia ou vinha. Os minutos passaram. Ninguém ia, ninguém vinha; nada aconteceu.

Passaram-se uns 20 minutos até que Poirot aparecesse.

- Você não se moveu?

- Não. Fiquei aqui literalmente estaqueado. Nada aconteceu.

- E você está desapontado ou satisfeito com isso? Não percebeu até agora?

- Não.

- Mas você provavelmente ouviu alguma coisa, não? Um forte estrondo?

- Não.

- Mas isso é possível?... Eu estou decepcionado comigo mesmo.

Fiz um rápido gesto com a mão e acabei derrubando a mesa próximo à cama!

Ele olhou-me muito envergonhado.

- Não importa, meu amigo. Seu triunfo lá na sala o deixou ansioso. Aquilo realmente foi uma surpresa para todos nós. Deve haver muita coisa entre o Sr. Inglethorp e a Sra. Raikes para que ele escondesse tudo com tanta persistência. O que você vai fazer agora? Onde estão seus amigos da Scotland Yard?

- Foram conversar com os criados. Eu estou muito desapontado com Japp, é um homem sem métodos!

- Olhe só, - eu disse olhando pela janela-aqui está o Dr. Bauerstein. Eu acho que você está certo sobre ele, Poirot, eu não gosto dele!

- Homem astuto ele. - observou Poirot.

- Astuto como o Demônio! Você precisava ver como ele estava na terça à noite, um espetáculo! Estava coberto de lama da cabeça aos pés.

- Você o viu então?

- Sim. Ele esteve aqui naquele estado. Não queria entrar, mas o Sr. Inglethorp insistiu.

- O quê?- Poirot segurou-me violentamente pelo braço -o Dr. Bauerstein esteve aqui na terça à noite? Aqui? Por que você não me disse isso antes?

Ele parecia estar muito nervoso.

- Pensei que isso não tivesse importância! Achei que não iria interessá-lo.

- Mas isso é de extrema importância! Então o Dr. Bauerstein esteve aqui na terça à noite, a noite do assassinato! Hastings, isso muda tudo!

Ele parecia repentinamente tomar uma decisão.

- Nós devemos agir de uma vez. Onde está o Sr. Cavendish?

John estava na sala de fumantes. Poirot dirigiu-se direto a ele.

- Sr. Cavendish, tenho que ir a Tadmindster para pegar uma prova.

Posso usar seu carro?

- Sim, claro. Quer ir agora?

- Se possível.

John tocou o sino e mandou trazer o carro.

Dentro de dez minutos nós já estávamos percorrendo a longa estrada até Tadmindster.

- Agora Poirot, - eu disse - você pode me explicar o que tudo isso significa?

- Claro, meu amigo. Agora a coisa toda deu uma forte vira-volta, o Sr. Inglethorp está fora disso e nós encaramos um novo problema. Nós sabemos que uma pessoa com certeza não comprou o veneno. Nós nos livramos das evidências fabricadas.

Sabemos que alguém da casa, com exceção da Sra. Cavendish que jogava tênis com você, se passou por Alfred Inglethorp na segunda à noite. Também sabemos que ele deixou o café na sala por alguns minutos. Ninguém falou sobre isso no inquérito, mas agora sabemos que isso tem um grande significado. Agora temos que descobrir quem levou o café da Sra. Inglethorp, e quem poderia ter passado pela sala durante aqueles minutos. Sabemos com certeza que duas pessoas não poderiam ter passado pelo café: a Sra. Cavendish e a Srta. Cynthia.

- Sim, é verdade. - lembrei de meus pensamentos sobre Mary. Ela realmente não poderia estar sob suspeita como cheguei a pensar.

- Para livrar Alfred - continuou Poirot - eu tive de mostrar um pouco de meus métodos. Isso fez com que o assassino levantasse a guarda, e agora teremos que ser muito mais cuidadosos. Diga-me uma coisa, Hastings: você suspeita de alguém? Hesitei. Para dizer a verdade, eu tinha uma leve suspeita que me ocorreu naquela manhã, mas eu a achava absurda. Mesmo assim continuei.

- Não sei se isso poderia ser chamado de suspeita, - murmurei - pode ser absurdo.

- Diga logo, não enrole! Não se esqueça, sempre siga seus instintos!

- Eu penso que a Srta. Howard não falou tudo o que sabe.

- A Srta. Howard?

- Sim. Você irá rir de mim...

- Claro que não. Por que deveria?

- Eu estive pensando: nós a deixamos de fora da lista de suspeitos só porque ela estava longe do lugar. Um carro poderia percorrer mais de 20 km em meia hora!

Sendo assim poderia se afirmar com certeza que ela não estava por perto na noite do assassinato?

- Sim meu amigo, - disse Poirot inesperadamente - nós podemos afirmar isso.

Uma de minhas primeiras providências foi conseguir informação no hospital onde a Srta. Howard trabalha.

- E?...

- Bem, eu descobri que a Srta. Howard trabalhou a tarde toda, e se ofereceu para auxiliar no turno da noite, o que foi aceito. Então sabemos com certeza onde ela estava.

- Ah. Mas na verdade o que me fez suspeitar dela foi sua teimosia em acusar Alfred. E eu também tive a idéia de que ela poderia saber algo sobre a destruição do testamento. Ela poderia ter destruído o novo pensando que fosse o antigo, o qual beneficiava Alfred Inglethorp.

- Você considera toda essa raiva uma coisa não natural?

- Sim. Ela está muito raivosa, e acho que ela deve ter uma forte razão para isso. Talvez seja neurótica.

- Não, não, você está no caminho errado. Ela é nervosa de natureza, e está completamente sana.

- Sua raiva pelo Sr. Inglethorp pode ser mania. Minha idéia - muito ridícula, é que ela pretendia envenená-lo, e a Sra. Inglethorp entrou nessa por engano. Mas com certeza isso tudo é absurdo.

- Mas você pode estar certo em algo. Todas as pessoas são suspeitas até que se prove o contrário, sendo assim a Srta. Howard não poderia ter alguma razão para envenenar a Sra. Inglethorp?

- Por quê? Ela era uma pessoa muito devotada!

- Seus argumentos não batem uma criança. Se a Srta. Howard foi mesmo capaz de envenenar a Sra. Inglethorp, seria plenamente capaz de simular sua devoção. Agora, meu amigo, precisamos olhar para todas as direções. Você está certo ao afirmar que sua raiva por Alfred foge um pouco do normal, mas você está plenamente errado na dedução a que chegou a partir disso. Eu tirei minhas próprias conclusões disso, mas não falarei nada por enquanto. Mas de um jeito ou de outro, há uma coisa que conta a favor da Srta. Howard.

- O quê?

O fato de que a morte da Sra. Inglethorp não a beneficiava em nada. Não há um assassino sem motivo como não há um rebelde sem causa.

Refleti.

- Ela não poderia ter feito um testamento em favor da Srta. Howard?

- Não.

- Mas você mesmo sugeriu essa possibilidade para o Sr. Wells!

Poirot sorriu.

- Fiz isso por uma outra razão. Não vou mencionar o nome da pessoa na qual estou pensando, mas a Srta. Howard ocupava mais ou menos a mesma posição; então usei o seu nome como num empréstimo.

- Mesmo assim, aquele testamento feito naquela tarde...

Poirot balançou a cabeça negativamente de uma forma tão enérgica, que eu parei de falar.

- Não, meu amigo. Tenho certas idéias sobre aquele testamento, e uma coisa posso dizer com certeza: ele não beneficiava a Srta. Howard.

Aceitei sua sugestão, embora não conseguisse ver como ele poderia estar tão certo disso.

- Bem, - eu disse-o que me levou a suspeitar da Srta. Howard foram seus comentários sobre os depoimentos no inquérito.

Poirot observou-me.

- O que eu disse sobre eles?
- Não lembra? Quando eu citei John e ela como suspeitos.
- Ah, sim. Ele parecia um pouco confuso, mas depois conseguiu se acertar. A propósito: você poderia me fazer um favor, Hastings?
- Claro. O que é?
- Na próxima vez que você estiver sozinho com Lawrence, eu gostaria que você dissesse o seguinte: "Poirot mandou uma mensagem para você, ela diz: encontre a xícara extra, e você poderá descansar em paz!" Nada mais, nada menos.
- "Encontre a xícara extra de café, e você poderá descansar em paz." Está correto?
- Excelente!
- Mas o que isso significa?
- Bem, isso você terá que descobrir sozinho. Você tem acesso aos fatos, então apenas diga isso a ele e veja o que ele diz.

- Tudo bem, mas tudo isso é extremamente misterioso.

Chegamos a Tadmindster, e fomos direto para uma casa que exibia no letreiro: "Análises Químicas".

Poirot entrou e em poucos minutos estava de volta.

- Bem, - ele disse - isso é tudo que eu precisava fazer.
- Mas o que você veio fazer aqui?- perguntei em vívida curiosidade.
- Trouxe algo para ser analisado.
- Eu sei, mas o quê?
- Uma amostra do coco que encontrei próximo à cama.
- Mas isso já foi analisado! O Dr. Bauerstein já havia mandado analisar isso, e você mesmo descartou a possibilidade de que o coco contivesse estriçnina.
- Eu sei disso. - disse Poirot.
- Então?...
- Bem, acho que deve ser analisado de novo, e ponto final.

Este procedimento de Poirot deixou-me sem saber o que pensar. Mas de qualquer jeito eu tinha plena confiança nele, principalmente após ter provado com tanta esperteza e competência a inocência do Sr. Inglethorp.

O funeral da Sra. Inglethorp aconteceu no dia seguinte, e na segunda feira, quando eu descia para o café da manhã, John puxou-me pelo braço e disse que o Sr. Inglethorp estava deixando a mansão naquele dia, e iria ficar em Stylites Arms até ver o que iria fazer.

- É realmente um alívio saber que ele está indo embora, Hastings.
- Continuou John - as coisas estão tão ruins quanto antes enquanto nós pensávamos que ele era o culpado. Nós não nos sentimos bem com a sua presença depois de tudo o que pensamos e falamos sobre ele, o fato é que nós o tratamos terrivelmente mal. As coisas não estavam tão pretas assim para o lado dele, e não sei como fomos capazes de chegar às conclusões que chegamos. Sei que seria muito difícil nos redirmos de tudo que fizemos contra ele, e a verdade é que eu estou muito feliz por ele ter decidido ir embora. É uma boa coisa notar que ele não está interessado no sítio, não seria bom ter ele como nosso "chefe" aqui. Ele pode levar o dinheiro dela.
- Você não vai manter o lugar?- perguntei.

- Ah, sim. Tivemos gastos com a morte de minha mãe, mas muito do dinheiro de meu pai continua aqui, e Lawrence ficará conosco por enquanto.

Nós devemos nos desequilibrar um pouco no início, claro, pois como eu disse a você tenho minhas dificuldades financeiras. Mas de um jeito ou de outro meus negócios terão que esperar.

Com a partida do Sr. Inglethorp nós tivemos o melhor café da manhã desde a tragédia. Todos pareciam muito alegres, inclusive Cynthia, que deixava transparecer seu espírito juvenil. No entanto Lawrence era uma exceção e mantinha se nervoso, mesmo com a abertura de um novo e esperançoso futuro.

Os jornais, claro, noticiavam a tragédia na primeira página; com uma pequena biografia de cada pessoa da casa e comentários sobre as evidências policiais. Nada parecia poupar-nos. A guerra tinha dado uma trégua, e os jornais comentavam com avidez o caso. "O Misterioso Caso de Styles" era o tópico do momento.

Naturalmente isso aborrecia muito, os Cavendish que tinham sempre a casa rodeada de repórteres que, mesmo tendo sua permanência negada, continuavam lá com câmeras à espera de que os membros da casa saíssem para que conseguissem fotos inéditas. Todos nós vivíamos no topo da publicidade. Os detetives da Scotland Yard iam e vinham, examinando, questionando, e conversando em seu próprio idioma.

Mas para que eles estavam trabalhando, nós não sabíamos. Eles tinham alguma desconfiança ou o caso seria encaixado na categoria de crimes não resolvidos?

Após o café Dorcas foi até meu quarto e perguntou se poderia ter algumas palavrinhas comigo.

- Sim. O que é?

- Por acaso o senhor verá seu pequeno amigo belga hoje?

- Sim.

- Bem, senhor, você lembra como ele me perguntou de uma forma tão particular se a Sra. Inglethorp ou outra pessoa tinha um vestido verde?

- Sim, sim, você encontrou algo verde?- perguntei muito interessado.

- Não, não é isso, senhor. Mas há uma grande caixa de vestidos velhos da Sra Inglethorp no sótão da frente, lá pode haver um velho vestido verde entre outras roupas, então me ocorreu que talvez seria do interesse do seu amigo...

- Sim, sim, irei dizer a ele com certeza! - prometi.

- Muito obrigado senhor. Ele é um homem muito gentil, muito diferente dos dois detetives de Londres que ficam rodando a casa e enchendo todos de perguntas. Pelo que eu vejo nos jornais, senhor, o serviço deles pouco adianta.

O seu amigo é com certeza muito mais inteligente e educado do que eles.

Enquanto ela permanecia lá parada eu pensei que fiel criada ela havia sido de sua senhora, até a hora em que ela partiu.

Decidi ir até a casa de Poirot para contar a ele o que Dorcas me disse, mas o encontrei no meio do caminho. Imediatamente passei a mensagem a ele.

- Ah, a velha Dorcas! Nós iremos olhar esta caixa, apesar de - bem, não importa.

Vamos olhar a caixa.

Encontramos a caixa. Era na verdade um fino baú de madeira cuidadosamente entalhado, que parecia pertencer ou ter pertencido a alguém de gosto refinado.

Poirot começou a jogar as coisas para fora.

Encontrou uma ou duas peças verdes, mas elas pareciam não satisfazê-lo. Ele parecia descontente com a procura, quando de repente soltou uma exclamação.

- O que foi Poirot?

- Olhe só!

O baú já estava praticamente vazio quando ele retirou de seu interior uma barba postiça preta. Examinou-a com todo o cuidado.

- É nova! Com certeza é nova!

Após momentos de hesitação ele recolocou-a de volta no baú jogando todas as outras roupas por cima. Descemos rapidamente as escadas e fomos até a copa onde encontramos Dorcas.

Poirot deu seu bom dia com a típica polidez gauleza e continuou:

- Nós andamos olhando aquela caixa, Dorcas, e eu estou muito agradecido por tê-la mencionado. Há, com certeza, uma fina coleção de roupas lá. Elas por acaso são usadas freqüentemente?

- Bem senhor, não muito freqüentemente devo dizer, apenas nas noites em que nós nos divertíamos com brincadeiras e bobagens. O Sr. Lawrence freqüentemente vestia-se como príncipe da Pérsia, com uma longa faca de papelão na mão, e freqüentemente fingia que a Srta. Cynthia era a princesa e que estava sendo ameaçada. Ela se vestia de tal forma que era difícil reconhecê-la.

- Aquelas noites deveriam ser muito divertidas. Suponho que o Sr. Lawrence usava aquela barba escura enquanto representava.

- Ah, sim, senhor. O Sr. Lawrence sempre nos fazia rir muito, e freqüentemente a Srta. Cynthia também. Uma vez ele vestiu-se como um velho rei, com uma barba que o tornava quase irreconhecível; e a Srta. Cynthia vestiu-se como uma escrava negra. Foi realmente uma noite muito divertida.

- Então Dorcas não sabe sobre a barba. - disse Poirot enquanto nos dirigíamos para a sala.

- Você acha que foi essa a barba usada na segunda?

- Sim. Você notou que ela foi aparada?

- Não.

Ela foi cortada exatamente no formato da barba do Sr. Inglethorp e eu achei um ou dois fiapos comprovando que ela foi mesmo aparada. Hastings, esse acontecimento é muito mais profundo e complexo do que imaginamos.

- Mas quem poderia ter colocado a barba naquele baú?

- Não sei, mas alguém com uma ótima inteligência.

Você notou que aquelas roupas são usadas como fantasias? Sendo assim aquela barba não poderia levantar grandes suspeitas se fosse encontrada lá. Mas não se espante; a pessoa é inteligente, mas nós também somos. Nós devemos ser tão inteligentes a ponto de ele não suspeitar de nossa inteligência.

Eu concordei.

- Agora, mon ami, você será de grande ajuda para mim.

Eu fiquei satisfeito. Notava que Poirot pela primeira vez reconhecia meu valor.

- Sim, - ele continuou - você me será indispensável.

Estas palavras eram gratificantes, mas suas próximas palavras não foram tão bem vindas:

- Eu preciso de um aliado na casa. - ele observou.

- Você tem a mim! - protestei.

- Verdade, mas você não é suficiente.

Eu estava triste, e demonstrei isso. Poirot apressou-se em se explicar.

- Você não entendeu o que eu quis dizer, meu amigo. Você está conhecido por trabalhar comigo, o que eu preciso é de alguém que seja desligado de mim e de você.

- Ah, sim. Que tal John?

- Não, acho que não.

- Você não parece ter muitas opções. - disse a Poirot.

- Acho que devemos tentar a Srta. Howard. Eu estou em sua lista negra por ter livrado a pele de Alfred, mas mesmo assim vamos tentar.

A Srta. Howard concordou em conversar com Poirot por alguns minutos.

Entramos numa sala e Poirot fechou a porta.

- Bem, Sr. Poirot, - disse a Srta. Howard impaciente - o que é?

Eu estou muito ocupada.

- Você se lembra, mademoiselle, quando eu pedi a sua ajuda?

- Sim, eu disse que o ajudaria com prazer a pegar Alfred Inglethorp.

- Ah! - Poirot estudou-a cuidadosamente - Srta. Howard peço a você para encarar este problema verdadeiramente.

- Eu nunca menti. - replicou ela.

- Você continua acreditando que a Sra. Inglethorp foi assassinada pelo seu marido?

- O que você quer dizer? Não pense que suas explicações baratas me convenceram do contrário; pode até ser que ele não tenha comprado a estricnina na farmácia, mas ele tinha arsênico.

- Arsênico não é estricnina. - disse Poirot.

- O que importa? Arsênico poderia derrubar Emily como estricnina.

Se eu estou convencida de que ele fez isso, ele fez. Não importa como.

- Exatamente. - disse Poirot - se você realmente está convencida de que ele fez isso, vou colocar minha pergunta de uma outra forma: você realmente acredita de coração que o Sr. Inglethorp envenenou sua esposa?

- Deus do céu!- exclamou a Srta. Howard - Eu não tenho dito a você que o homem é um vilão? Não tenho dito que ele a iria matar em sua própria cama? Eu não o odiei sempre como se ele fosse um veneno?

- Exatamente. - disse Poirot - Isso ilustra então a minha pequena idéia.

- Que pequena idéia?

- Srta. Howard, você lembra da conversa no dia em que meu amigo chegou aqui?

Ele a repetiu para mim, e uma de suas sentenças me deixou muito impressionado.

Você lembra de ter dito que se alguém que você amasse fosse assassinado você saberia por instinto quem era o criminoso, mesmo que não tivesse como provar isso?

- Sim, lembro. Suponho que o Sr. pense que isso é uma loucura.

- De jeito nenhum.

- E mesmo assim você não deu atenção para meu instinto contra Alfred Inglethorp?

- Não. - disse Poirot secamente - Porque seu instinto não é contra o Sr. Inglethorp.

- O quê?

- Você quer acreditar que ele cometeu o crime. Você acha que ele é capaz de ter cometido o crime. Mas seu instinto diz que ele não fez isso.

E diz mais, devo continuar?

Ela observava-o, assustada, e fez um sinal para que ele continuasse.

- Devo dizer por que você é tão veemente contra o Sr. Inglethorp?

É porque você quer acreditar no que você acha que deve acreditar. No entanto você está fugindo de seu instinto, que indica um outro nome...

- Não, não, não! - gritou a Srta. Howard - Não diga isso! Oh, não diga isso. Não é verdade, não pode ser verdade! Eu não sei como uma idéia louca como essa veio parar na minha cabeça!

- Eu estou certo, não estou? - perguntou Poirot.

- Sim, sim; você deve ser um bruxo para ter adivinhado isso! Mas isso é muito monstruoso; impossível! Tem que ser Alfred Inglethorp!

Poirot balançou a cabeça negativamente.

- Não me pergunte nada sobre isso, - continuou a Srta. Howard - porque eu não direi nada. Eu devo estar ficando louca para pensar numa coisa dessas.

Poirot concordou como se estivesse satisfeito.

- Eu não vou pedir nada. Isso é suficiente para mim. Eu também tenho um instinto, e nós estamos trabalhando juntos para chegarmos em um fim harmônico.

- Não me peça para ajudá-lo, porque eu não vou. Eu não vou mover um dedo para... Para...- ela gaguejou.

- Não peço nada a você, mas você terá que ser minha aliada. Você não está pronta para esclarecer-se por si própria, então peço para fazer a única coisa que lhe peço.

- E o que é?

- Você deve vigiar; observar!

- Sim, mas isso eu faço sempre. Estou sempre vigiando e esperando que eu esteja errada.

- Se nós estivermos errados ninguém ficará mais feliz do que eu, mas se nós estivermos certos? Se estivermos certos, Srta. Howard, de que lado você está?

- Eu não sei, eu não sei...

- Vamos em frente.

- Isso poderia ser encoberto.

- Mas não deve ser encoberto.

- Mas Emily mesmo.. - ela hesitou.

- Srta. Howard, isso não requer nada de você.

Repentinamente ela levou as mãos ao rosto.

- Sim, não foi Evelyn Howard quem falou - ela levantou a cabeça decididamente - Esta é Evelyn Howard! E ela está do lado da justiça, custe o que custar!

- Após estas palavras ela retirou-se firmemente da sala com a cabeça erguida.

- Lá vai uma pessoa que tem o cérebro tão maravilhoso quanto um coração. - disse Poirot após ela ter saído.

Eu não repliquei.

- Instinto é uma coisa assustadora, - disse Poirot - não pode ser explicado nem ignorado.

- Você e a Srta. Howard pareciam saber do que falavam, Poirot, mas você não percebeu que eu estou no escuro?

- Verdade? Tanto assim, meu amigo?

- Sim. Clareie-me, por favor.

Poirot estudou-me por alguns instantes, depois disse decididamente:

- Não, meu amigo.

- Por que não?

- Dois é suficiente para um segredo.

- Bem, pelo visto você quer manter os fatos longe de mim.

- Não estou mantendo os fatos, longe. Tudo o que eu sei você sabe.

Você pode tirar suas próprias conclusões disso, é hora de você ter idéias.

-assim mesmo, seria interessante saber.

Poirot olhou para mim e mais uma vez balançou a cabeça.

- Veja só, você não tem instintos.

- O que você exigia até agora era inteligência!

- Os dois trabalham juntos. - disse Poirot enigmaticamente.

O comentário pareceu tão irrelevante que eu nem perdi tempo para replicar.

Decidi que se descobrisse algo não contaria a Poirot até que chegasse ao resultado final.

Era hora de cada um investigar por si mesmo.

Dr. Bauerstein

Até o momento eu não tinha tido a oportunidade de dar o recado de Poirot para Lawrence. Desci as escadas e fui até o pátio, onde avistei Lawrence ocupado em algumas tarefas. Pareceu-me uma boa oportunidade para lançar o enigma.

Na verdade eu não fazia idéia de seu significado e não fazia sequer idéia do que Lawrence iria responder, mas mesmo assim cumpri a tarefa da qual era encarregado.

Animei-me ao pensar que talvez sua resposta pudesse me esclarecer em algo. Aproximei-me vagarosamente.

- Lawrence?

- Sim? Oh, olá, Hastings!- disse ele observando-me.

- Eu tenho uma mensagem para você. De Poirot.

- É?

- Ele me disse para esperar que nós estivéssemos sozinhos. - disse eu baixando a voz e fitando-o com o intuito de criar uma atmosfera.

- Bem?

Não houve nenhum tipo de mudança em seu semblante. Será que ele Realmente não fazia idéia do que eu estava para dizer?

- Essa é a mensagem: "Encontre a xícara de café extra e você poderá descansar em paz".

- Mas que Diabos isso significa? - disse Lawrence mantendo-se inabalável.

- Você não sabe?

- Nem faço idéia. E você?

Com um sinal respondi que não.

- Que xícara extra de café é essa?

- Eu não sei.

- Seria melhor ele perguntar a Dorcas se ele quer saber de xícaras de café, esse é o trabalho dela e não o meu. Eu não sei nada sobre xícaras de café, exceto que nós temos umas de porcelana chinesa, conhecidas como Worcester, que são muito raras e valiosas. Você conhece algo sobre porcelana chinesa, Hastings?

- Não.

- Que pena. São realmente maravilhosas, você se encantaria apenas de olhar para elas.

- Bem, o que eu digo para Poirot?

- Diga que eu não sei sobre o que ele está falando, isso parece grego para mim.

- Tudo bem.

Eu me dirigia de volta a casa quando ele me chamou.

- Hastings, pode repetir a mensagem de novo?

- "Encontre a xícara de café extra e você poderá descansar em paz". Tem certeza que não sabe o que isso significa?

- Não, não sei. Mas gostaria de saber.

Ouvimos o chamado para o lanche e nos dirigimos para a casa.

Poirot havia sido convidado por John para ficar para o café, e já estava sentado à mesa.

Todos os comentários sobre a tragédia haviam sido deixados de lado, falávamos sobre a guerra e outros tópicos. Mas após o biscoito e o queijo terem sido servidos e Dorcas ter se retirado Poirot repentinamente dirigiu-se a Sra. Cavendish.

- Perdoe-me, madame, por trazer de volta memórias tristes, mas eu tive algumas pequenas idéias - as famosas "pequenas idéias de Poirot" - e gostaria de fazer-lhe uma ou duas perguntas.

- Para mim? Claro.
- Obrigado por ser compreensiva. O que eu quero lhe perguntar é o seguinte: você disse que a porta entre o quarto da Sra. Inglethorp e o quarto de Cynthia estava trancada, não?

- Certamente estava trancada, - disse Mary surpresa. - eu havia dito isso no depoimento!

- Trancada?

Ela o olhou perplexa.

- Explico-me: você tem certeza de que ela estava trancada e não apenas fechada?

- Ah, sim. Bem, eu não sei. Eu disse trancada porque ela estava provavelmente emperrada, e eu não conseguiria abri-la. Eu parti do pressuposto de que todas as portas haviam sido encontradas trancadas por dentro.

- Então, pelo que eu entendi, a porta poderia estar apenas fechada?

- Bem, acho que sim.

- Você não chegou a perceber, quando entrou no quarto da Sra. Inglethorp, se a porta estava trancada ou não?

- Bem, eu acho que estava.

- Mas você não checkou isso?

- Não. Eu nunca prestei atenção naquela porta.

- Mas eu sim, - interrompeu Lawrence - e posso afirmar que ela estava trancada.

- Bem, então isso sela o assunto. - disse Poirot aborrecido.

Eu não iria ajudar comentando isso, mas umas de suas pequenas idéias haviam falhado.

Após o lanche Poirot convidou-me para acompanhá-lo até sua casa.

- Você está aborrecido, não?- perguntou-me ele ansioso enquanto passávamos pela garagem dos carros.

- Não muito. - eu respondi como se nem me importasse com o assunto.

- Que bom isso tira uma grande carga de minhas costas.

Eu esperava que ele notasse que eu estava ansioso e me contasse algo, mas isso não aconteceu. Não quis dar o braço a torcer e não perguntei nada.

- Eu passei a mensagem para Lawrence. - eu disse.

- E o que ele disse? Ele pareceu confuso?

- Não. Eu tenho plena certeza de que ele não sabia do que você estava falando.

Eu esperava um desapontamento por parte de Poirot, mas, para minha surpresa, isso era realmente o que ele esperava ouvir, e estava muito satisfeito. Meu orgulho impediu-me de fazer qualquer pergunta sobre isso.

Poirot puxou outro assunto.

- A Srta. Cynthia não estava no lanche hoje, onde ela estava?

- Ela está no hospital novamente. Retomou as atividades hoje.

- Ah, ela é uma menina muito trabalhadora, e bonita também. É como os quadros que vi na Itália. Eu gostaria de conhecer o almoxarifado onde ela trabalha, será que ela se incomodaria em mostrá-lo para mim?

- Tenho certeza de que ela adoraria a sua visita.

É um lugarzinho muito interessante.

- Ela está lá todos os dias?

- Tem folga as quartas, e aos sábados vem para o lanche. São seus únicos momentos de folga.

- Vou lembrar disso. As mulheres estão trabalhando muito hoje em dia, e conseguindo cargos de confiança. Cynthia é um exemplo disso, e isso se deve ao fato de ela ter uma boa cabeça.

- Sim, tenho certeza de que ela passaria muito fácil por um teste rijo.
-sem dúvida. Apesar de contas, é um trabalho que requer muita responsabilidade.
Suponho que existam muitos venenos poderosos lá, não?

- Sim. Ela mostrou-os para nós. Eles permanecem trancados dentro de um pequeno armário. Acredito que elas sejam muito cuidadosas quanto a isso. Elas sempre o trancam e levam a chave antes de deixarem a sala.

- E este armário fica próximo a janela?
- Não. Fica do outro lado da sala, por quê?
- Poirot passou a mão nos cabelos.
- Apenas curiosidade, mais nada. Você vai entrar?
Nós havíamos chegado na casa onde Poirot estava.

- Não, vou voltar. Tenho um longo caminho através do campo.
O caminho arborizado ao redor do sítio era realmente bonito.
Após passar pelo parque encontrava-se um campo aberto de onde se podiam avistar muitos pássaros que voavam alegremente, mesmo com o vento um pouco forte. Caminhei até me deparar com uma grande árvore, e ao observá-la me desliguei de todos os fatos reais e problemas. Estava meio à natureza. Depois voltei a mim. Pensei sobre o crime e meus pensamentos começaram a criar asas. Acordei novamente.
Pensei que isso não havia acontecido. Claro! Tudo não passava de um sonho! Na verdade foi Lawrence que assassinou Alfred Inglethorp, mas isso era um absurdo para John. Palavras voavam em meu sonho: "Eu não vou tolerar isso". Acordei assustado.
Percebi que estava num mau lugar, pois a uns quatro ou 5 metros de mim John e Mary discutiam. Antes que eu pudesse dizer algo John repetiu as palavras que voaram em meus sonhos.

- Eu estou dizendo, Mary. Eu não vou tolerar isso! A voz de Mary veio fria e direta:
- Você acha que tem algum direito de criticar minhas ações?
- Isso vai ser o comentário da vila! Minha mãe foi cremada no sábado e você já está saindo para passear por aí com um amigo?
- Ah, então são apenas os mexericos que lhe preocupam?
- Isso não é tudo. Eu já tive o suficiente para desconfiar dele.
Ele é um Polonês
Judeu, de qualquer forma.

- Um pouco de sangue Judeu não é uma má coisa.
Ele fermenta a tremenda estupidez Inglesa.
Fogo em seus olhos, gelo em sua voz. Percebi que o sangue de John estava à flor da pele.

- Mary!
- Bem?-seu tom não se alterou. A voz de John tornou-se autoritária.
- Devo entender então que você continuará vendo o Dr. Bauerstein mesmo sem meu consentimento?
- Se eu quiser...
- Você está me desafiando?
- Não, mas você não tem o direito de criticar minhas ações. Você não tem nenhum amigo que eu deveria desaprovar?
John deu um passo para trás. Seu rosto perdia a cor vagarosamente.

- O que você quer dizer?- ele disse numa voz trêmula.
- Quero dizer que você não tem direito algum de querer escolher os amigos para mim. Muito menos de criticar os meus amigos!

John aproximou-se dela, seu rosto ganhava uma expressão indagadora.

- Não tenho direito? Eu não tenho direito, Mary? - ele levou as mãos à cabeça - Mary... Por um momento ele desvaneceu, mas logo voltou a si.

- Não, de jeito nenhum!

Ela já se distanciava quando John a alcançou e a reteve pelo braço.

- Mary, - sua voz agora tinha um tom seguro - por acaso você está se apaixonando pelo seu amigo Bauerstein?

Ela hesitou, e repentinamente uma estranha expressão cruzou sua face. Uma expressão que lembrava uma esfinge Egípcia. Ela olhou para trás sobre seus ombros:

- Quem sabe - ela disse, depois se afastou e deixou John plantado no lugar como uma pedra.

Segui adiante, e fiz certo barulho ao pisar em alguns galhos secos. John, para meu alívio, pensou que eu tinha acabado de chegar, e saudou-me.

- Olá, Hastings. Levou seu amigo são e salvo para casa? É um ótimo sujeito, e acho que um competente profissional.

- Sim, ele é considerado um dos mais competentes detetives da atualidade.

- Bem, então ele deve gostar muito disso, pois eu acho um mundo detestável.

- Você acha isso?

- Ah, sim! Pense em pessoas como nós, que temos homens da Scotland Yard entrando e saindo de nossas casas como se vivessem lá. E pense em como uma família estará na boca do povo, como todo mundo ficará comentando sobre esse acontecimento e fazendo suposições ridículas sobre quem seria o assassino. Isso nos marcará, Hastings.

- Anime-se, meu amigo, - disse eu tentando confortá-lo - dias melhores virão.

- Será, Hastings? Parece um longo e doloroso caminho a ser trilhado até que consigamos levantar nossas cabeças novamente.

- Não, não, você está sendo pessimista.

- É suficientemente aborrecedor para um homem ser observado, julgado, e perseguido por jornalistas idiotas que na verdade querem vender jornal usando o seu nome. Você já pensou, Hastings, que isso tem sido um verdadeiro pesadelo para mim?

Não ajudaria a ilusão de que tudo tenha sido um acidente, mas quem teria feito isso?

Não sei em que acreditar. Agora Alfred está longe, e ninguém mais teria razão para fazer isso exceto um de nós.

Realmente isto era um pesadelo para qualquer homem. Sim, realmente só poderia ser um de nós, mas quem? A não ser...

Uma nova idéia surgiu em minha mente. Pelo mistério feito por Poirot em revelar o que pensava, deveria ser uma coisa que fugia um pouco à lógica. Minha idéia se classificava exatamente assim, e eu me perguntei por que não havia pensado nisso antes. Seria um alívio para todos nós.

- Não, John, - eu disse - talvez não seja um de nós. Quem poderia ser?

- Não sei, mas quem estava lá?

- Você não adivinha? Olhei cuidadosamente para os lados, e baixei minha voz:

- O Dr. Bauerstein!- sussurrei.

- Impossível!

- Nem tanto.

- Mas em que ele seria beneficiado com a morte de minha mãe?

- Isso eu não sei, - confessei - mas vou lhe dizer uma coisa:

Poirot também pensa assim!

- Poirot? Ele pensa assim? Mas o que ele sabe?

Eu contei a ele da surpresa de Poirot ao ouvir que o Dr. Bauerstein havia estado na mansão naquela noite, e disse:

- Ele disse duas vezes: "Isso muda tudo!", e eu estive pensando.

Você sabe que Alfred disse ter deixado o café na sala? Bem, isso foi quando o Dr. Bauerstein chegou.

Não seria possível que o Dr. Bauerstein, ao passar pela sala, deixasse cair algo dentro do café?

- Bem, - disse John- isso seria muito arriscado.

- Sim, mas é possível.

- Mas como ele iria saber que aquele café era dela? Não, meu amigo, essa é uma idéia muito absurda. Mas eu lembrei de algo.

- Sim, você está certo. Não foi assim que tudo foi feito. Ouça. - então contei a ele sobre a amostra do coco que Poirot havia mandado analisar. John interrompeu assim que acabei de falar.

- Mas o Dr. Bauerstein já não havia analisado um amostra?

- Sim, sim, esta é a questão. Se o Dr. Bauerstein é mesmo o assassino, não teria problema algum em substituir uma amostra por outra, e assim não seria encontrada estricnina alguma na amostra! Mas ninguém iria suspeitar do Dr. Bauerstein nem retirar outra amostra, a não ser Poirot.

- Sim, mas o gosto do veneno não seria reconhecido?

- Bem, por enquanto é só o que eu tenho a dizer.

Mas existem muitas outras possibilidades, e o Dr. Bauerstein é realmente um grande toxicólogo.

- É realmente um grande o quê?

- Ele conhece mais sobre venenos do que qualquer um, - expliquei - então não teria grande dificuldade para ocultar o gosto característico da estricnina. Ou talvez ele tenha usado outra droga não tão identificável, mas que tivesse efeito similar.

- Bem, poderia ser. - disse John - Mas como ele poderia ter colocado isso no coco? Ele não subiu as escadas!

- Sim, isso é verdade. - admiti.

Repentinamente uma outra possibilidade ocorreu em minha mente.

Rezei para que não ocorresse o mesmo a John. Para meu alívio John permanecia pensativo, e isso garantia que ele não pensou nisso: o Dr. Bauerstein tem um cúmplice.

Mas com certeza não poderia ser! Uma mulher tão bonita quanto Mary não seria uma assassina, mas de qualquer forma uma mulher tão bonita quanto Mary saberia envenenar...

E repentinamente lembrei da conversa na hora do chá no dia em que cheguei, e o brilho em seus olhos disseram-me que o veneno é a arma feminina. E quão agitada ela estava naquela fatal noite de terça! Não teria a Sra. Inglethorp descoberto algo entre ela e o Dr. Bauerstein e ameaçara contar a John? Foi para evitar essa denúncia que o crime havia sido cometido?

Depois lembrei daquela conversa enigmática entre Poirot e Evelyn Howard. Era isso o que eles queriam dizer? Seria essa a possibilidade na qual a Srta. Howard negava-se a acreditar? Bem, pelo menos tudo isso encaixava.

Não me surpreendi da Srta. Howard ter usado a palavra "encoberto". Também encaixava a sentença "Mas Emily mesmo..." Com certeza a Sra. Inglethorp iria

procurara encobrir tudo, pois não queria uma desonra tão grande para os Cavendish.

- Há uma outra coisa, - disse John tão de repente que me deixou preocupado - algo que me deixa em dúvida se o que você diz é verdade.

- O quê?- disse eu aliviado por ele ter esquecido de como o veneno havia sido introduzido no coco.

- Por que então o fato de o Dr. Bauerstein querer fazer a autópsia? O velho Dr. Wilkins mesmo havia afirmado que teria sido um ataque do coração.

- Sim, - eu disse pensativamente - mas nós não sabemos. Talvez ele quis se prevenir. Talvez a coisa toda viria à tona posteriormente, e ele queria uma proteção. Ninguém suspeitava de um homem respeitável como ele, ainda mais porque teria sido ele mesmo quem realizou a autópsia. Um homem com sua reputação não iria acreditar facilmente em um ataque do coração.

- Sim, isso é possível. - admitiu John - mesmo assim, não vejo qual o motivo que ele poderia ter.

"Paul Prys": Desconhecido do tradutor. Provavelmente um personagem da época, famoso pela sua bisbilhotice.

- Escute, - disse eu - eu posso estar enganado, então mantenha isso em segredo.

- Ah, sim, não se preocupe.

Quando entramos no portão do jardim ouvimos o chamado para o chá, que seria embaixo da mesma árvore em que tomamos chá no dia de minha chegada.

Cynthia já havia voltado do hospital. Sentei-me ao seu lado e contei a ela das pretensões de Poirot de visitar seu trabalho.

- Claro! Eu adoraria receber a visita dele. Ele pode ir à hora do chá, assim posso mostrar tudo a ele com calma. Ele é um homem muito engraçado, outro dia ele tirou meu broche de identificação e o colocou de novo só porque ele estava um pouco torto. Soltei uma gargalhada.

- É, ele é assim mesmo. Tem mania de perfeccionismo.

Ficamos em silêncio por algum tempo. Cynthia deu um certo olhar na direção de Mary e disse:

- Sr. Hastings.

- Sim?

- Depois do chá eu preciso falar com você.

O fato de ela ter olhado para Mary enquanto falava deixou-me pensativo. As duas davam-se bem. Pela primeira vez ocorreu-me sobre o futuro dela. A Sra. Inglethorp não havia feito provisões para ela, mas com certeza John fazia questão de que ela continuasse morando com eles, pelo menos até que a guerra acabasse.

John, que havia ido até o interior da casa, agora estava de volta. Seu rosto demonstrava uma não costumeira irritação.

-aqueles detetives estão me irritando. Não sei o que eles querem, só sei que ficam bisbilhotando em todas as partes da casa e virando de ponta cabeça tudo o que vêm pela frente. Da próxima vez que encontrar Japp vou falar com ele sobre isso.

- Monte de Paul Prys! - disse a Srta. Howard.

Lawrence disse que eles deveriam fazer alguma coisa. Mary não disse nada.

Após o chá convidei Cynthia para um passeio, e nos dirigimos ao belo bosque de grandes árvores.

- E então?- perguntei assim que entramos no bosque.

Com um olhar, Cynthia sentou-se ao pé de uma árvore e tirou o chapéu. Os raios de sol que penetravam através dos galhos faziam seu cabelo brilhar como ouro.

- Sr. Hastings, você é sempre tão ponderado, e sabe das coisas. Acho que o Sr. pode me ajudar.

Percebi que Cynthia, além de bonita, era muito meiga e agradável. Muito mais do que Mary.

- O que foi?- perguntei delicadamente, enquanto ela hesitava.

- Preciso de um conselho seu. O que eu devo fazer?

- Fazer?

- Sim. A tia Emily sempre me disse que iria deixar algo para mim.

Eu suponho que ela tenha esquecido, ou não pensou que um dia ela iria morrer. Eu não sei o que fazer, você acha que eu devo ir embora de uma vez?

- De jeito nenhum! Tenho certeza de que eles não querem que você vá embora.

Cynthia hesitou um momento, passando os dedos vagarosamente sobre a grama.

Depois disse:

- A Sra. Cavendish quer. Ela me odeia.

- Odeia você?- disse eu surpreso.

- Sim. Ela não me suporta, e ele tampouco.

- Não, agora você está errada. Eu sei que John adora você.

- Ah, sim, John. Refiro-me a Lawrence. De qualquer forma, é horrível viver num lugar onde as pessoas não gostam de você.

- Mas eles gostam!- disse eu carinhosamente - Veja só John e a Srta. Howard!

- Sim, John gosta de mim, e a Srta. Howard também.

Mas Lawrence nunca conversou comigo sem que fosse estritamente necessário, e Mary nunca foi muito simpática e nem mesmo educada comigo. Ela quer Evelyn para morar com eles, mas... Mas... Ela não me quer. Eu não sei mais o que fazer. -a pequena criança derreteu-se em lágrimas.

Eu não sei o que tomou conta de mim. Talvez sua beleza realçada pelos poucos raios de sol que a alcançavam, talvez seu jeito meigo e afetivo; abaixei-me, segurei sua mão, e disse carinhosamente:

- Case-se comigo, Cynthia.

Eu havia dado um soberano remédio para suas lágrimas. Ela levantou-se, recolheu sua mão, e disse com certa aspe reza:

- Não seja bobo! Fiquei um pouco aborrecido.

- Eu não estou sendo bobo! Estou pedindo que você me dê à honra de se tornar minha esposa.

Para minha surpresa Cynthia soltou uma gargalhada, e chamou-me de "amigo brincalhão".

- Muito amável de sua parte, - disse ela - mas você sabe que não quer realmente isso!

- Sim, eu quero. Eu tenho tentado...

- Não importa o que você tem tentado. Você realmente não quer, e eu também não.

- Bem, então isso sela o assunto. - disse eu formalmente - Mas eu não vejo nada para rir em uma simples proposta.

- Sim, sem dúvida. - disse Cynthia - Numa outra oportunidade alguém poderá aceitar seu pedido. Tchou, você animou-me muito.

E, após uma última gargalhada de divertimento, ela sumiu entre as árvores.

Pensando sobre o passeio, cheguei ao resultado de que fora extremamente insatisfatório.

Ocorreu-me que eu deveria descer até a vila e vigiar o Dr. Bauerstein. Alguém deveria manter o olho nele. No mesmo momento, lembrei que ele poderia perceber que estava sendo vigiado. Lembrei de algumas coisas que Poirot havia me dito, e

decidi dar uma de Araponga e talvez pôr tudo a perder. Dirigi-me a casa onde havia a placa "Quartos para alugar" e bati na porta. Uma velha senhora atendeu-me.

- Boa tarde, - disse, eu - o Dr. Bauerstein está? Ela olhou-me seriamente.

- Você não soube?

- Do quê?

- Sobre ele.

- O que sobre ele?

- Ele foi levado.

- Levado? Ele morreu?- disse eu assustado.

- Não, levado pela polícia.

- Pela polícia? - repeti surpreso - Você quer dizer que ele foi preso?

- Sim, é isso, e...

Não esperei que ela terminasse a frase, parti à procura de Poirot.

A Detenção

Para minha surpresa Poirot não estava em casa, e o velho Belga que me atendeu achava que ele tinha ido até Londres.

Eu estava confuso. Que Diabos estaria Poirot fazendo em Londres?

Por que essa decisão tão repentina de ir a Londres?

Voltei lentamente para Styles. Com Poirot longe, eu não sabia o que fazer. Será que foi ele quem comandou essa detenção? Em meio a um monte de idéias lembrei - me de Mary. Não teria sido um terrível choque para ela? Momentaneamente eu havia deixado de lado minhas suspeitas contra ela.

Claro que não teria lógica querer esconder o fato dela, pois todos os jornais deveriam anunciar pesadamente o assunto assim que soubessem. Mas de qualquer jeito Poirot não estava por perto, e eu não iria fazer nada sem pedir seus conselhos. Voltei a pensar no que teria levado Poirot até Londres; era um caminho longo e estafante.

Poirot era mesmo um homem muito sagaz. Nunca na minha vida eu iria imaginar que Poirot suspeitasse do Dr. Bauerstein. Sim, decididamente ele era um homem muito inteligente. Após um pouco de reflexão, decidi contar tudo a John e deixar ele decidir se tornaria ou não o fato público. Ele ficou imensamente surpreso quando eu dei a notícia:

- Grande homem! Eu nunca iria imaginar uma coisa dessas: Poirot está de parabéns!

- Agora que soubemos disso, todos os fatos parecem encaixar.

Claro que amanhã isso já será de conhecimento público. John refletiu.

- Não importa, - disse John finalmente - não devemos dizer nada por enquanto.

Não é necessário, pois como você disse, isso será de conhecimento público amanhã.

Mas para minha imensa surpresa, não encontrei uma só palavra no jornal no dia seguinte. Havia uma pequena coluna intitulada "O Caso de Envenenamento de Styles", mas nada de novo ou sobre a detenção do Dr. Bauerstein. Isso era muito estranho, mas supus que por uma razão ou outra Japp havia mantido isso longe dos repórteres.

Isso me deixou um pouco ansioso, pois poderia significar que haveria mais prisões.

Após o café da manhã, resolvi ir até a vila para ver se Poirot havia voltado; mas para minha surpresa, ele apareceu em uma das janelas e disse:

- Bon jour, mon ami!

- Poirot! - exclamei com profundo alívio. Fiz sinal para que ele entrasse - Nunca fiquei tão contente em ver alguém. Só falei sobre isso para John. Fiz bem?

- Meu amigo, - replicou Poirot - sobre o que você está falando?
- Da detenção do Dr. Bauerstein, é claro.
- Ah, então ele foi preso?
- Você não sabia disso?
- Nem imaginava. - mas, passado um momento, ele adicionou:
- Mas de qualquer forma isto não me surpreende. Apesar de tudo, nós estamos a apenas 7 km da costa.
- Da costa?- perguntei, perplexo-o que isso tem a ver com o fato?
- Poirot passou a mão no cabelo.
- Com certeza isso é óbvio.
- Não para mim. Sei que sou muito desligado, mas para mim à distância até; e a costa nada tem a ver com o assassinato da Sra. Inglethorp.
- Nada tem a ver, com certeza. - Poirot sorriu - Mas nós estamos falando da prisão do Dr. Bauerstein.
- Bem, ele foi preso pelo assassinato da Sra. Inglethorp...
- O quê? - disse Poirot surpreso -o Dr. Bauerstein preso pelo assassinato da Sra. Inglethorp?
- Sim.
- Impossível! Isso tudo é uma farsa! Quem disse isso a você?
- Bem, ninguém exatamente disse - eu confessei - mas que ele foi preso, isso foi.
- Ah, sim, mas por espionagem.
- Espionagem?
- Isso mesmo, espionagem.
- Não por ter envenenado a Sra. Inglethorp?
- Não, a não ser que Japp tenha enlouquecido. - disse Poirot seriamente.
- Mas eu achei que você também pensava assim...
- Poirot olhou-me seriamente, não compreendendo como eu pude pensar uma coisa dessas.
- Você quer dizer - disse eu tentando me adaptar à nova idéia - que o Dr. Bauerstein é um espião?
- Poirot concordou.
- Você nunca havia desconfiado dele?
- De maneira alguma!
- Você nunca achou um pouco estranho que um médico tão renomado se embrenhasse numa cidadezinha dessas e andasse por aí até tarde da noite?
- Não, - confessei - na verdade eu nunca iria imaginar uma coisa dessas.
- Ele é alemão de nascimento, mas está no país há um bom tempo, e ninguém imaginava que ele fosse mais do que um simples cidadão inglês. Na verdade ele é naturalizado há 15 anos.
- BlackGuard! 5- disse eu.
- De jeito nenhum. Ele é, ao contrário, um homem patriota que nada tinha a perder ao ajudar seu país.
- Eu mesmo o admiro.
- Mas eu não pensava da mesma forma que Poirot.
- E esse é o homem com o quem a Sra. Cavendish desfilava por toda a cidade. - comentei.
- Sim. Devo dizer que ele a usava. A não ser o fato de ele se preocupar em manter seus nomes juntos, tudo era perfeitamente normal.
- Então ele nunca esteve interessado nela?
- Com certeza eu não sei, mas posso dar a você minha opinião particular?

- Com certeza.
- Bem, a Sra. Cavendish não está e nunca esteve interessada no Dr. Bauerstein! - será mesmo?

- Tenho certeza disso, e vou lhe dizer porque: ela está interessada em uma outra pessoa, mon ami.

O que será que ele quis dizer? Um agressivo calor percorreu meu corpo. Eu não era um homem daqueles pelos quais as mulheres se apaixonavam assim fácil, nunca foi assim. Com certa relutância surgiram-me lembranças de algumas situações das mais diversas, e que envolviam as mais diversas pessoas. Tudo parecia indicar...

Meus pensamentos foram instantaneamente interrompidos pela súbita entrada da Srta. Howard. Ela olhou rapidamente ao redor para certificar-se de que ninguém mais estava na sala, após isso retirou um velho pedaço de papel do bolso e passou-o a Poirot, murmurando:

- Em cima do guarda-roupa. - ela deixou a sala com a mesma pressa com a qual chegou.

Poirot pacientemente desdobrou o papel e soltou uma exclamação.

- Venha cá, Hastings, isso aqui é uma inicial "J" ou "L"?

Era um pedaço de papel médio, surrado como se tivesse estado perdido por muito tempo. No topo vinha o endereço: "(a inicial controvertida) Cavendish, sítio Styles, Styles St. Mary, Essex".

- Isto pode ser um "T" ou um "L", mas com certeza não é um "J".

- Eu sou da mesma opinião. - disse Poirot - É com certeza um "L".

- De onde isso veio?- perguntei em vívida curiosidade - Isso é importante?

- Nem tanto. Isso apenas confirma uma pequena suspeita minha. Desconfiava de que isso existia, então pedi para a Srta. Howard procurar por isso, e aqui está!

- O que ela quis dizer com "em cima do guarda-roupa?"

- Ora! Foi onde ela encontrou isso.

- Um lugar esquisito para se guardar cartas. - comentei.

- Nem tanto. Um ótimo lugar para se guardar cartas e caixas de papelão. Eu guardo as minhas lá.

Perfeitamente arrumadas, não são capazes de degradar o ambiente.

- Poirot - perguntei - você tem pensado muito sobre o crime?

- Sim. Para dizer a verdade, acho que sei como ele foi cometido.

- Muito bem!

- Infelizmente eu não tinha nada para provar minha teoria, até que...- subitamente ele agarrou-me pelo braço e me arrastou escada abaixo. Ele começou a chamar Dorcas desesperadamente.

Dorcas, muito assustada, veio correndo.

- Minha querida Dorcas, eu tenho uma leve suspeita e gostaria que você a confirmasse: por acaso ocorreu algo de errado com o sino da Sra. Inglethorp na segunda feira - não terça - antes da tragédia?

Dorcas o olhou muito surpresa.

- Sim senhor, agora que mencionou, realmente aconteceu algo de errado; um rato ou outro animal deve ter roído o pêndulo do sino, mas na terça de manhã um homem veio e o consertou.

Com uma expressão de satisfação, Poirot arrastou-me de volta escada acima.

- Veja só, eu não preciso mais de provas externas, pois isso deve ser suficiente. Mas como eu quero provas mais concretas, isso servirá apenas de consolo ao indicar que estamos no caminho certo. Ah, meu amigo, me sinto como se tirasse um grande peso de minhas costas!

Após dizer isso Poirot saiu pulando e cantarolando pela grande janela francesa 6.

- O que o seu notável amigo está fazendo? - perguntou uma voz às minhas costas, virei-me e dei de cara com Mary Cavendish - Isso tudo por causa de quê?

- Na verdade eu não sei. Ele fez uma pergunta a Dorcas sobre um sino, assim que recebeu a resposta ficou tão feliz quanto uma criança que ganha um brinquedo novo.

Mary sorriu.

- Que ridículo! Ele já está saindo pelo portão. Ele volta hoje aqui?

- Não sei. Às vezes eu penso que ele está louco, mas tempos depois descubro que é o seu método de descobrir as coisas.

Não contando a sua risada, Mary parecia pensativa durante toda a manhã. Ela parecia séria ou triste, não sei dizer ao certo.

Ocorreu-me que deveria ser uma boa oportunidade para falar sobre Cynthia. Comecei a preparar o terreno taticamente, e toquei no assunto. Ela autoritariamente cortou a conversa.

- Você é um excelente advogado, não tenho dúvidas, Sr. Hastings, mas nesse caso sua intervenção é dispensável. Não tenho qualquer tipo de antipatia por Cynthia.

Comecei vagarosamente a dizer que ela não pensava dessa forma, mas novamente fui interrompido.

Suas palavras foram tão inesperadas que me fizeram esquecer de Cynthia e seus problemas.

- Sr. Hastings, - ela disse - você acha que eu e meu marido somos felizes juntos?

Eu estava um tanto surpreso, e respondi que esse assunto nunca tinha passado pela minha cabeça.

- Bem, - disse ela calmamente - tendo ou não você pensado nisso eu lhe digo que não somos felizes juntos.

Não disse nada, pois sabia que ela ainda não havia terminado.

Ela caminhava nervosamente de um lado a outro da sala, e seu semblante mudava conforme ela caminhava. Ela parou bruscamente e olhou para mim.

- Você não sabe de nada sobre mim. Não sabe de onde vim, como eu era antes de me casar com John, nada. Bem, eu vou dizer a você. Vou fazer de você meu confidente.

Mas de qualquer forma eu não estava tão feliz quanto deveria estar por alguém estar confiando em mim, lembrei que Cynthia iniciou suas confidências da mesma forma. Acho que eu era ainda muito jovem para ser uma espécie de conselheiro.

- Meu pai era inglês, - ela disse - mas minha mãe era russa.

- Ah, - disse, eu - agora eu entendo.

- Entende o quê?

- É que sempre tive a impressão de que você tinha algo diferente.

- Minha mãe era muito bonita, eu acho. Eu não sei, porque eu nunca cheguei a conhecê-la. Ela morreu quando eu era apenas uma criança. A morte dela foi realmente uma tragédia, ela morreu acidentalmente por tomar uma dose a mais de um medicamento para dormir. Meu pai sofria do coração. Pouco depois de sua morte ele foi trabalhar no serviço diplomático, e nós viajavamos muito. Fui com ele para toda à parte, e conheci muita coisa. Aos 23 anos eu já conhecia praticamente o mundo todo, a minha vida era realmente muito excitante.

Ela tinha um sorriso no rosto. Parecia reviver os bons e velhos tempos.

- Então meu pai morreu e eu tive que ir morar com uma tia em Yorkshire. Então eu morri. Minha vida era monótona, e eu estava ficando enlouquecida. - ela parou por um instante, depois adicionou em um tom de voz diferente - Então encontrei John

Cavendish. Minha tia achava que seria bom para mim, mas não foi isso que me levou a ficar com ele. Ele era apenas uma fuga da monotonia que era a minha vida. Eu permanecia calado. Ela continuou:

- Não me entenda errado, por favor. Eu sempre fui honesta com ele. Eu disse que gostava dele, mas que não estava apaixonada. Ele declarou que isso o satisfazia, e então nós casamos.

Ela calou-se por um longo tempo. Sua testa franziu-se e ela parecia estar relembando os velhos tempos.

- No início até que ele gostou de mim, mas ele enjoou muito cedo. Bem, mas isso não importa agora. Não no ponto a que nós chegamos.

- O que você quer dizer?

Ela respondeu calmamente:

- Eu quero dizer que estou deixando Styles.

- Você e John não vão morar aqui?

- John pode viver aqui, mas eu não devo.

- Você vai deixá-lo?

- Sim.

- Mas por quê?

Ela pensou por um longo tempo, depois disse:

- Porque... Eu quero ser livre!

Quando ela falou isso, passaram-se pela minha mente figuras de florestas verdejantes, lugares místicos, cidades movimentadas... Tudo que condizia com os pensamentos de uma mulher selvagem que havia sido domesticada, e que agora estava com saudades de sua liberdade. Um pequeno sussurro saiu de seus lábios:

- Você nem imagina o quanto esse lugar odiável tem sido uma prisão para mim.

- Eu entendo. - eu disse - Mas você não deve fazer nada precipitadamente.

- Oh, precipitação!- ela retrucou.

Depois eu disse uma coisa que não deveria ter saído de minha boca.

- Você sabe que o Dr. Bauerstein foi preso?

Uma frieza instantânea percorreu seu rosto, apagando qualquer outra expressão.

- John teve a consideração de me contar essa manhã.

- Bem, e o que você acha?

- Do quê?

- De prisão!

- O que eu deveria achar? Aparentemente ele é um espião alemão, pelo menos foi o que o jardineiro disse a John.

Sua face e sua voz eram absolutamente frias e sem expressão. Ela importava-se ou não?

Ela aproximou-se de um vaso de flor, e tocou-o com o dedo.

- Elas estão mortas. Com licença Sr. Hastings, vou trocá-las. - ela saiu carregando o vaso. Seu rosto mantinha uma expressão de desengano.

Não, com toda a certeza ela não se importava com o Dr. Bauerstein. Nenhuma mulher representaria tão bem um teatro desses.

Poirot não apareceu na manhã seguinte, e não havia sinal em parte alguma do homem da Scotland Yard.

Mas, na hora do lanche, uma nova evidência (ou melhor uma ausência de pista) surpreendeu-nos. Nós tínhamos tentado, em vão, descobrir para quem teria sido endereçada a 4ª carta que a Sra. Inglethorp havia escrito na manhã que antecedia sua morte. Recebemos a resposta. Uma carta de uma empresa musical russa agradecia o esforço da Sra. Inglethorp, mas dizia que ela não havia conseguido

identificar canções folclóricas russas entre outras. Foi-se pelos ares a última esperança de resolvermos o mistério. A carta não continha nada que nos ajudasse. Antes do chá eu resolvi ir até a cidade para contar o fato a Poirot, e uma vez mais ele não se encontrava.

- Foi a Londres novamente?

- Oh, no, monsieur. - disse o velho Belga que me atendeu - Ele foi até Tadminder visitar uma moça que trabalha em um almoxarifado. É o que sei.

- Mas eu disse a ele que às quartas feiras ela não estava lá! Bem, diga-lhe para ir até a mansão Styles amanhã cedo, tudo bem?

- Certamente, monsieur.

Mas no dia seguinte Poirot não apareceu. Eu já estava ficando furioso, pois ele estava nos tratando de um modo insensível.

Após o lanche Lawrence chamou-me a um lado e perguntou se eu iria ver Poirot.

- Não, acho que não devo. Ele pode vir até aqui se quiser nos ver.

- Ah, sim. - Lawrence parecia indeciso. Algo diferente em seu jeito atiçou minha curiosidade.

- Mas do que se trata? - perguntei-se for algo importante eu poderia ir.

- Bem, não é muito. - ele confidenciou-se você ir, diga a ele que eu encontrei a xícara de café extra.

Eu havia esquecido desta mensagem de Poirot, mas agora minha curiosidade havia voltado.

Lawrence não precisou dizer mais nada. Decidi ir até a cidade e vasculhá-la à procura de Poirot.

Desta vez ele estava em casa. Estava sentado à mesa com as mãos no rosto como se estivesse para decidir algo.

- O que aconteceu? - perguntei - Você está doente?

- Não, não, meu amigo. Mas estou para tomar uma importante decisão.

- Como prender o criminoso ou não?

Para minha surpresa Poirot concordou.

- Falar ou não falar, como Shakespeare dizia, "eis a questão".

- Fala sério, Poirot?

- Tão sério quanto todos os acontecimentos tristes que aconteceram.

- Diz respeito a quê?

- A felicidade de uma mulher, mon ami. - disse ele gravemente.

Eu não sabia o que dizer.

- O momento está chegando, - disse Poirot - e eu não sei o que fazer. Veja só, este é um grande desafio para ser vencido, e na hora de dar uma importante cartada eu, Hercule Poirot, estou indeciso! - ele voltou a envolver a face com as mãos.

Após uma longa pausa, eu dei a ele a mensagem de Lawrence.

- Ahá! Então ele encontrou a xícara extra! Ele é um sujeito bem mais inteligente do que parece.

Não comentei nada com Poirot sobre a inteligência de Lawrence. Perguntei a ele se ele havia esquecido que às quartas feiras Cynthia não estava no almoxarifado.

- É verdade, eu esqueci. Mesmo assim a outra moça foi muito gentil, ela mostrou-me todo o departamento.

- Oh, bem, mesmo assim você poderá ir um outro dia para tomar um chá com ela.

Eu contei a ele sobre a carta.

- Sinto por isso. - disse Poirot - Eu sempre tive a esperança de que aquela carta pudesse elucidar algo. - ele apontou para a própria cabeça com o dedo - Estas

pequenas celulazinhas cinzentas do cérebro! Isso é muita coisa para elas. -
repentinamente ele perguntou:

- Você tem facilidade para identificar marcas de dedos iguais?

- Não. - eu disse surpreso - Mas por que você perguntou isso? Acho que no máximo consigo dizer se são parecidas.

Ele destrancou uma pequena caixa e tirou de lá algumas impressões, que colocou sobre a mesa.

- Eu numerei-as, você pode descrevê-las para mim?

Eu estudei as marcas cuidadosamente.

- Bem, Poirot, o que consigo identificar é isso:

Nº. 1-) uma marca grande e firme, deve ser de um homem.

Nº. 2-) pequena e muito diferente da anterior, sugere a delicadeza de uma mulher.

Nº. 3-) um pouco confusa, parece a mistura de várias impressões. A que mais aparece entre elas assemelha-se à Nº. 1.

- Tem certeza?

- Ah, sim, elas são idênticas!

Poirot concordou. Tomou as impressões e trancou-as novamente.

- Suponho que, como de costume, você não irá explicar.

- Desta vez você se enganou. A Nº 1 é de Lawrence, a Nº 2 é de Cynthia. Mas essas duas não são importantes. Eu as descobri por comparação. Mas a Nº 3 é um pouco mais complicada!

- É?

- Sim, meu amigo. O processo que eu utilizei para torná-las mais visível é bem conhecido da polícia, então não irei explicá-lo a você; basta saber que ele é simples, rápido, e eficiente. Bem, meu amigo, você já identificou as impressões digitais, agora nos resta relacioná-las com os objetos nos quais estão.

- Continue!- disse eu interessado.

- Eh, bien. A impressão Nº 3 estava em um pequeno frasco sobre o armário de venenos no almoxarifado do hospital da Cruz Vermelha, em Tadminder. O que soa como "a casa que Jack construiu".

- Nossa!- exclamei eu - o que as impressões de Lawrence fazem nele? Ele não se aproximou desse armário no dia em que estivemos lá!

- Ah, sim, ele aproximou-se!

- Impossível. Nós ficamos juntos o tempo todo.

- Não, meu amigo, por um momento ele afastou-se de vocês, ou o contrário para ser exato, e vocês o chamaram para que ele se juntasse a vocês.

- Eu havia esquecido disso, -admiti - mas foi só por um breve momento.

- Tempo suficiente.

- Suficiente para quê?

O sorriso de Poirot tornou-se enigmático.

- Suficiente para satisfazer o interesse natural de alguém que cursou medicina.

Nossos olhos encontraram-se. Poirot havia sido muito vago, e eu não havia entendido completamente o que ele queria insinuar.

- Poirot, o que você quer dizer com essa insinuação?

- No frasco estava escrito "Hidroclorato de estriquina".

Eu não fiquei muito surpreso, já esperava uma resposta dessas.

- O hidroclorato de estriquina é usado em alguns medicamentos, principalmente pílulas, mas não com frequência. Esta é a razão pelas quais as marcas permaneceram intactas desde então.

- O quê você fez para conseguir esta digital?

- Visitantes não são permitidos, então pedi para a amiga de Cynthia trazer o frasco para mim.

- E você sabia o que iria encontrar?

- Não. Eu apenas supus que isso seria possível e fui tirar minha dúvida. Era sim ou não.

- Poirot, sua esperteza às vezes me surpreende. Essa é realmente uma pista evidência importante.

- Eu não sei. - disse Poirot - Há uma coisa nessa história que me intriga, e deveria intrigar você também.

- O quê?

- Há muita esticnina neste caso. Essa é a 3ª vez que nos deparamos com ela. Há a esticnina do medicamento da Sra. Inglethorp, a comprada na farmácia, e agora essa. Isso tudo é muito confuso, e eu não gosto de confusão.

Antes que eu tivesse tempo de replicar, um dos velhos Belgas abriu a porta e pôs a cabeça para dentro.

- Há uma senhora lá embaixo, ela procura pelo Sr. Hastings.

- Uma senhora?

Eu levantei. Poirot acompanhou-me até a porta e descobrimos que a senhora que me aguardava era Mary Cavendish.

- Eu vim visitar uma velha senhora na vila, - explicou Mary - e como Lawrence me disse que você estava aqui, pensei que poderia voltar em sua companhia.

- Oi, madame! - disse Poirot - Penso que a senhora veio honrar-me com a sua visita.

- Talvez um outro dia, se você me convidar. - disse Mary sorrindo.

- Muito bem. Se você precisar de alguém algum dia, madame, lembre-se de que monsieur Poirot está sempre ao seu dispor.

Ela fitou-o fixamente durante algum tempo, como que procurando algum outro sentido em suas palavras. Depois ela virou-se abruptamente e retirou-se.

- O senhor não voltará com a gente, monsieur Poirot?

- Encantado, madame.

Durante todo o caminho para Styles Mary falava fervorosamente. Isso me levou a pensar que ela estava preocupada com o olhar de Poirot.

Soprava um característico vento de outono. Mary tremeu um pouco, e abotoou o agasalho esportivo que usava. O vento entre as árvores fazia um forte ruído, e isso nos soava como o canto das árvores.

Caminhamos até a porta da mansão, e descobrimos que algo estava errado.

Dorcas correu para encontrar-nos. Ela chorava, os outros empregados cochichavam a um canto.

- Oh, eu não sei como lhes dizer...

- O que aconteceu, Dorcas?- disse eu impacientemente - Diga de uma vez.

- Foram aqueles detetives perversos! Eles o prenderam! Eles prenderam o Sr. Cavendish...

- Prenderam Lawrence?- perguntei.

Dorcas olhou-me.

- Não, senhor. Prenderam o Sr. John.

Às minhas costas ouvi o choro desesperado de Mary e, quando virei-me para consolá-la, encontrei o olhar triunfante de Poirot.

O Julgamento

O julgamento de John Cavendish pelo assassinato de sua madrasta aconteceu dois meses mais tarde.

Nas semanas que antecederam o julgamento deixei transparecer minha afeição e consideração por Mary. Ela manteve-se forte ao lado de seu marido o tempo todo, tentou libertá-lo e lutou por ele com unhas e dentes.

Eu expressei meus elogios a Poirot, ele agradeceu pensativamente.

- Sim, ela é uma daquelas mulheres que mostram as garras contra o adversário. Isso tudo trouxe à tona o caráter fiel e batalhador de Mary. Seu orgulho e sua cobiça foram...

- Cobiça?- indaguei.

- Sim. Você não percebeu que ela é uma mulher um tanto ciumenta? Bem, como eu ia dizendo, seu orgulho e sua cobiça foram deixados de lado. Ela não pensou em mais nada a não ser em seu marido, e na terrível acusação que pesa contra ele.

Ele falou muito sentimentalmente, e eu lembrei daquela tarde em que ele decidia entre falar ou não, inclusive porque disse "a felicidade de uma mulher". Percebi que a decisão de fazer justiça partira de suas mãos.

- Mas até agora, - eu disse - eu custo a acreditar nisso. Veja só, até o último minuto eu acreditava que o culpado era Lawrence!

Poirot sorriu maliciosamente.

- Eu sei que você acha isso.

- Mas John! Meu velho amigo John!

- Todo assassino é provavelmente um velho amigo, -observou Poirot filosoficamente

- você não deve misturar sentimento e razão.

- Bem, você poderia ter me dado uma sugestão.

- Poderia, meu amigo, mas eu não fiz isso justamente porque vocês eram velhos amigos.

Senti-me encabulado por isso, pois disse a John que Poirot acreditava que o culpado era o Dr. Bauerstein. Ele, de qualquer forma, percebera a brusca reviravolta no caso assim que o Dr. Bauerstein fora preso por espionagem.

Perguntei a Poirot se ele pensava que John seria condenado e ele disse que não,; pelo contrário, John teria boas chances de ser absolvido.

- Mas Poirot...- eu protestei.

- Ah, meu amigo, existem alguns fatos que eu não contei a você, e eu ainda não tenho provas para eles.

Pode ser que sirva apenas para confirmar sua culpa, mas pode revelar-nos algo novo. O problema é que falta um ela nesta corrente, e eu não consigo encontrá-lo... - disse Poirot preocupado.

- Quando você começou a suspeitar de John?

- Você não suspeitou dele antes de tudo?

- Não, de jeito nenhum.

- Nem mesmo depois de ter ouvido aquele pedaço de conversa entre a Sra. Cavendish e sua sogra, e sua subsequente insegurança no inquérito?

- Não.

- Você não somou dois e dois e concluiu que se não foi Alfred quem discutiu com a Sra. Inglethorp naquela tarde então só poderia ter sido John ou Lawrence? Se fosse Lawrence com certeza a conduta da Sra. Cavendish seria inexplicável, mas, mudando-se para John, a coisa toda estava completamente natural e explicável. Não concorda, mon ami?

- Então - exclamei como se uma lâmpada acendesse em minha mente - foi John quem discutiu com a Sra. Inglethorp naquela tarde?

- Exatamente.

- E você sempre soube disso?

- Claro, a conduta da Sra. Cavendish explicava-se quando eu pensava dessa forma.
- E você acredita numa possível absolvição?

Poirot refletiu.

- Sim, eu acredito. Pelos procedimentos policiais nós devemos ouvir os dois lados da moeda, e isso inclui a chance de John defender-se. Provavelmente essa chance será dada no julgamento. A propósito: meu nome não deve aparecer no caso, Hastings.

- Como assim?

- Não credite nada a mim. Pelo menos não oficialmente, até que eu encontre o último elo que une a corrente. A Sra. Cavendish deve pensar que eu estou trabalhando por seu marido, não contra ele.

- Mas isso seria jogo sujo, não?

- De forma alguma. Nós estamos lidando com um homem perverso, inescrupuloso e, o que é pior, inteligente. Devemos usar de todos os métodos para pegá-lo, caso contrário ele escapará entre nossos dedos. Todas as descobertas foram feitas por Japp, e ele levará todo o crédito. Se eu for chamado para depor- ele deu um sorriso malicioso- provavelmente será como testemunha de defesa.

Eu mal podia acreditar no que ouvia.

- Sei que é estranho, mas meu depoimento deverá destruir um ponto importante da acusação.

- Qual?

- A destruição do testamento. Não foi John quem o destruiu.

Poirot tinha um tom profético. Não entrarei em detalhes sobre os procedimentos policiais adotados, mas John obteve seu direito de defesa, e foi levado a julgamento. Em setembro encontramos-nos todos em Londres. Mary estava em uma casa em Kensington, Poirot permanecia ao lado da família.

Eu havia conseguido um emprego no Departamento de Guerra, então os via continuamente.

Enquanto as semanas passavam o estado de nervos de Poirot piorava mais e mais. O tal "último elo da corrente" do qual ele havia falado continuava desaparecido. Particularmente eu achava que ele não iria aparecer. Seria uma grande felicidade para Mary se John fosse absolvido.

No dia 15 de setembro John apareceu no banco dos réus do Old Bailey como "o selvagem assassino de Emily Agnes Inglethorp", e logo abaixo aparecia em letras destacadas: "Ainda em liberdade".

Sir Ernest Heavywether, um famoso advogado, ofereceu-se para defendê-lo.

O Sr Phillips abriu o caso.

O assassino, ele disse, foi o mais frio e calculista possível. Aproveitou-se da confiança da mulher em seu enteado e a envenenou sem o menor escrúpulo. Ela o havia criado e suportado desde garoto, e ele e sua esposa viviam na mansão Styles com muito conforto, cercados pelo seu carinho e atenção. Ela havia sido a mais generosa benfeitora, sem sombra de dúvidas.

Ele propôs que fossem chamadas testemunhas para provar como o acusado estava em sérias dificuldades financeiras, e que também carregava uma intriga com uma certa Sra. Raikes, esposa de um fazendeiro vizinho. Isso chegou aos ouvidos de sua madrasta que o repreendeu; assim a briga aconteceu, e parte dela foi ouvida. No dia anterior, o acusado havia comprado estricnina na farmácia da vila, trajado de tal forma a se passar pelo marido da Sra. Inglethorp. Felizmente o Sr. Inglethorp possuía um álibi inquestionável. Na tarde do dia 17 de julho, continuou Cunsel, imediatamente após a briga, a Sra. Inglethorp fez um novo testamento. Este foi

encontrado destruído na manhã seguinte na lareira do quarto da Sra. Inglethorp, de acordo com evidências ele favorecia seu marido, o Sr Inglethorp. A falecida havia feito um testamento em seu favor antes de casar-se, mas, pelo que parece, o prisioneiro não estava ciente disso. O que levou a falecida a fazer um novo testamento enquanto o anterior ainda existia, ele não poderia dizer. Ela era uma velha senhora e poderia provavelmente ter esquecido do testamento ou - o que parecia mais sensato - através de alguma conversa ela descobrira que ele havia sido revogado no momento de seu casamento. As senhoras nunca sabem direito como funciona a lei. Ela tinha um ano antes, feito um testamento em favor do prisioneiro. Ele quis chamar testemunhas para provar que o prisioneiro foi quem levou o café até o quarto de sua madrastra na noite fatal. Mais tarde da noite ele havia entrado no quarto e nessa ocasião, sem dúvida, tratou de destruir o testamento o mais rápido possível e assim tornar aquele em seu favor válido.

O prisioneiro foi preso em razão de o detetive Japp ter encontrado em seu quarto a nota fiscal da compra da estricnina, que havia sido feita supostamente pelo Sr Inglethorp. Ficou nas mãos do júri, então, a decisão de se aqueles fatos bastavam para a detenção do acusado.

E, percebendo que o júri não estava tão decidido, o Sr Phillips dirigiu-se até o banco, sentou-se, e permaneceu de cabeça erguida.

As testemunhas chamadas para o depoimento foram praticamente às mesmas ouvidas no inquérito, o depoimento médico abriu a sessão.

Sir Ernest era famoso por toda a Inglaterra pela maneira com que desafiava as testemunhas, mas na oportunidade fez apenas duas perguntas.

- Suponho que a estricnina, Dr. Bauerstein, sendo uma droga, atue rapidamente.

- Sim.

- E também suponho que o senhor não saiba explicar como nesse caso ela teve seu efeito retardado.

- Não.

- Obrigado.

O Sr Mace, chamado logo após, confirmou que o frasco apresentado a ele pelo promotor era o frasco que ele havia vendido na farmácia para o "Sr Inglethorp". Pressionado, ele admitiu que só conhecia o Sr. Inglethorp de vista, e que nunca havia conversado com ele.

Alfred Inglethorp foi chamado, e negou ter comprado o veneno. Também negou ter discutido com sua esposa. Várias testemunhas comprovaram seu depoimento.

Ouviu-se o depoimento do jardineiro, e após Dorcas foi chamada.

Dorcas, crente da inocência de seu chefe, negou energicamente que a voz que ouvira naquela tarde fosse de John, e declarou firme e decididamente que era o Sr Inglethorp quem estava no escritório com a Sra. Inglethorp. Um sorriso malicioso passou pela face do prisioneiro, ele percebeu que seu poder de persuasão no momento de nada adiantaria. A Sra. Cavendish, claro, não poderia ser chamada para depor contra seu próprio marido.

Após várias perguntas sobre outros assuntos, o Sr. Phillips perguntou:

- Você lembra se em junho passado chegou um pacote para o Sr Lawrence remetido pela empresa Parkson?

Dorcas balançou a cabeça.

- Eu não lembro senhor. Pode ter chegado, mas o Sr Lawrence encontrava-se fora de casa em meados de junho.

- E se o pacote chegasse enquanto ele estivesse fora, o que seria feito dele?

- Seria posto em seu quarto ou enviado até ele.

- Por você?
 - Não senhor, eu o deveria deixar sobre a mesa da sala. Quem decidiria o que fazer seria a Srta. Howard.
- Evelyn Howard foi chamada e, após ser questionada sobre outros assuntos, perguntou-se sobre o embrulho.
- Não lembro. Muitos pacotes chegam, não lembro de nenhum em especial.
 - Você não lembra se este pacote foi enviado para o Sr Lawrence em Wales, ou se foi deixado em seu quarto?
 - Acho que não foi enviado a ele. Se tivesse sido enviado eu lembraria.
 - Suponhamos que o pacote endereçado ao Sr Lawrence chegasse e após algum tempo desaparecesse, você acha que sentiria a sua falta?
 - Não, acho que não. Eu iria pensar que alguém o teria mudado de lugar.
 - Eu acredito, Srta Howard, que foi a senhora quem encontrou este pedaço de papel de embrulho, não?
 - Ele passou a ela o mesmo pedaço de papel que eu e Poirot havíamos examinado tempos atrás.
 - Sim, fui eu.
 - E como você veio a procurar por ele?
 - O detetive Belga que estava envolvido no caso pediu-me para procurar por isso.
 - E onde você o encontrou?
 - Em cima de um... Um guarda-roupa.
 - O guarda-roupas do acusado?
 - Sim... Acho que sim.
 - Não foi você quem encontrou isso?
 - Então você deve saber onde a encontrou.
 - Sim, estava sobre o guarda-roupa do acusado.
 - Assim está melhor.

Um assistente da loja Parkson Fantasias Teatrais afirmou que no dia 29 de junho, eles haviam enviado uma barba postiça preta para o Sr L. Cavendish; conforme pedido. O pedido havia sido enviado por carta juntamente com o dinheiro. Não, eles não tinham guardado a carta; toda a transação estava registrada apenas em seus livros. Eles haviam enviado a barba, conforme pedido, para o Sr L. Cavendish, Sítio Styles, Styles St. Mary.

- E de onde a carta foi remetida?
- Do sítio Styles.
- O mesmo endereço para onde você enviou o pacote?
- Sim.
- E a carta, veio de lá?
- Claro!
- Como você sabe? Viu o carimbo do correio?
- Não, mas...
- Ah, então você não viu o carimbo do correio? E como continua afirmando que a carta veio mesmo de Styles se não viu nem mesmo o carimbo do correio?
- Bem...
- Sendo assim a carta poderia ter sido portada de qualquer lugar; de Wales, por exemplo?

A testemunha disse que poderia ser o caso, e o Sr Ernest sentou-se satisfeito. Elizabeth Wells, segunda caseira em Styles, disse que após ter ido para a cama lembrou que havia trancado a porta da frente ao invés de deixá-la apenas no trinque, como o Sr Inglethorp havia pedido.

Quando ia descer as escadas ouviu um discreto ruído na asa direita, e deteve-se por um momento. Ela viu o Sr John Cavendish batendo na porta da Sra Inglethorp. O Sr Heavywether fez pouco caso dela, e a pressionou até que ela se contrariasse desesperadamente.

Após isso se sentou com um olhar de satisfação.

Após o depoimento de Annie sobre a cera de vela encontrada no carpete, o caso foi adiado até o dia seguinte.

Enquanto voltávamos para casa Mary pronunciou seu descontentamento com o moderador do caso.

- Que homem detestável! Só pode estar querendo armar uma rede contra meu pobre John! Como ele manipula cada pequeno fato até que pareça o que não é!

- Bem,- disse eu tentando consolá-la - amanhã pode ser diferente.

- Sim.- disse ela pensativamente. Depois, baixando a voz:- Sr Hastings, você não acha... Oh, não, com certeza não pode ter sido Lawrence!

Mas eu mesmo estava em dúvida, e assim que fiquei a sós com Poirot perguntei-lhe onde ele achava que o Sr Ernest pretendia chegar.

- Bem, tudo o que sei é que ele é um homem muito esperto.

- Você acha que ele acredita na culpa de Lawrence?

- Eu não acho que ele queira alguma coisa, na verdade ele está tentando criar uma confusão no júri. Ele está tentando embaralhar as coisas para que todos percebam que existem fatos tanto contra Lawrence como contra John.

O detetive inspetor Japp foi chamado na reabertura do julgamento, e deu seu depoimento de forma resumida. Após relatar os acontecimentos anteriores, ele continuou:

- Agindo de acordo com informações recebidas, o superintendente Summerhaye e eu demos uma busca no quarto do acusado enquanto ele estava fora. Na sua cômoda, escondido entre algumas roupas, encontramos:

1º) um par de anéis similares àqueles que o Sr Inglethorp usa;- eles foram exibidos.

2º) este frasco.

O frasco era aquele que o farmacêutico reconheceu ter vendido ao "Sr Inglethorp". Era um pequeno vidro azul com os seguintes dizeres: "Hidroclorato de estricnina-**VENENO**"

Uma nova prova descoberta pelos detetives dizia respeito a um velho pedaço de papel carbono. Ao ser colocado frente ao espelho podia-se ler claramente: "... tudo que possuí deixo para meu amado esposo Alfred Ingl...". Isto confirmava o fato de que o testamento destruído era mesmo em favor de Alfred. A barba encontrada no sótão e o fragmento encontrado na lareira do quarto da Sra Inglethorp reforçavam ainda mais a afirmativa.

Mas o Sr Ernest ainda não tinha se dado por vencido.

- Em que dia você vasculhou o quarto do acusado?

- Na terça feira, dia 24 de julho.

- Exatamente uma semana após a tragédia?

- Sim.

- Você disse que encontrou esses dois objetos na cômoda, ela estava destrancada?

- Sim.

- Nunca lhe passou pela cabeça que um homem que cometesse um crime manteria as evidências em uma cômoda trancada, para que ninguém pudesse achar?

- Ele poderia tê-las colocado lá na pressa.

- Mas você mesmo disse que isso foi uma semana inteira depois do crime. Ele já não teria tido tempo para destruí-las?

- Talvez.
- Não há um talvez aqui. Ele teve tempo ou não?
- Sim.
- As roupas sob as quais você encontrou as evidências eram pesadas ou leves?
- Pesadíssimas.
- Em outras palavras, eram roupas de inverno. Obviamente o acusado não se dirigia muito àquela cômoda por aqueles tempos. Estou certo?
- Talvez.
- Por favor, ouçam minha colocação: iria por acaso o prisioneiro numa semana quentíssima dirigir-se à cômoda das roupas de inverno? Nesse caso, então, não seria possível que uma terceira pessoa as tivesse colocado lá, e assim o prisioneiro desconhecesse a presença delas?
- Não acho que isso tenha acontecido.
- Mas é possível, não?
- Sim.
- Isso é tudo.

Mais depoimentos seguiram-se. Depoimentos sobre as dificuldades financeiras pelas quais o prisioneiro passava, sobre a rixa com a Sra Raikes, etc. A pobre Mary ouvia tudo calada, sentindo seu orgulho ferido.

Evelyn Howard foi sensata em seu depoimento, parecia que sua animosidade contra Alfred havia sumido, e ela pensava enfim que ele era um dos mais inocentes da história.

Lawrence Cavendish foi chamado. Em um fraco tom de voz respondeu à pergunta do Sr Phillips, ele negou ter feito qualquer tipo de pedido à loja Parkson em junho. De fato no dia 29 de junho ele estava em Wales, portanto longe de casa.

Repentinamente o Sr Ernest levantou-se e perguntou:

- Você nega ter feito um pedido de uma barba escura para a loja Parkson em 29 de junho?

- Sim.

- Ah, no caso de acontecer algo a seu irmão, quem herdaria o sítio?

A brutalidade da pergunta desafiou Lawrence. O júri deu um murmuro de desaprovação, e o acusado levantou-se da cadeira furiosamente. Heavywether não deu importância a nenhum desses fatos.

- Responda à minha pergunta, por favor.

- Eu suponho - disse Lawrence calmamente - que seria eu.

- O que você quer dizer com "suponho"? O seu irmão não tem filhos. Você iria herdar o sítio, não iria?

- Sim.

- Ah, assim está melhor. - disse Heavywether com extrema genialidade - E você também iria herdar uma boa soma em dinheiro, não?

- Na verdade Sr Ernest, - protestou o júri - estas questões não são relevantes.

O Sr Ernest assentiu, e finalizou o procedimento direto.

- Na terça feira, dia 17 de julho, você e um hóspede da casa visitaram o almoxarifado da Cruz Vermelha em Tadminder, não foi?

- Sim.

- E você, enquanto sozinho por alguns momentos, destrancou o armário de venenos e o examinou?

- Eu... Eu... Posso ter feito isso.

- Fez ou não fez?

- Sim.

O Sr Ernest lançou a próxima pergunta.

- Você examinou algo em particular?

- Não, acho que não.

- Seja cuidadoso, Sr Lawrence. Refiro-me a um pequeno frasco de hidrocloreto de estricnina.

- Não! Tenho certeza que não!

- Então como você explica o fato de sua impressão digital estar claramente gravada no frasco?

Lawrence agora apresentava crescente nervosismo.

- Acho que eu posso ter pegado o vidro.

- O Sr supõe muita coisa, Sr Lawrence. Você estava lendo o conteúdo dos frascos?

- Certamente que não.

- Então por que você tomou um deles?

- Bem, eu cursei faculdade de medicina, algumas coisas naturalmente me interessam.

- Ah, então os venenos naturalmente "interessam" você. De qualquer jeito, você esperou ficar sozinho para satisfazer este seu "interesse".

- Isso foi obra do acaso. Se os outros estivessem lá, eu teria feito o mesmo.

- Então, pelo que parece, os outros não estavam lá?

- Não, mas...

- Durante a tarde toda Sr Lawrence, o Sr esteve sozinho por apenas 2 minutos, e parece - digo parece - ter sido exatamente nesses dois minutos que você demonstrou interesse por hidrocloreto de estricnina.

- Eu... Eu...

Com uma expressão satisfatória o Sr Heawywether concluiu.

- Não tenho nada mais a perguntar, Sr Cavendish.

Toda a corte espantou-se com esse interrogatório. Surgiu um grande murmuro entre os espectadores, e o júri ameaçou colocar todos para fora se não ficassem em silêncio imediatamente.

Houve mais alguns pequenos depoimentos. Peritos foram chamados para confirmar que a assinatura de "Alfred Inglethorp" no livro da farmácia era ou não do próprio, todos eles declaravam que, com toda a certeza, a assinatura não foi feita pelo proprietário. Pressionados, afirmaram que a assinatura poderia ter sido feita pelo acusado.

O Sr Ernest iniciou a defesa. Nunca, disse ele durante toda a sua vida profissional, vira um caso de assassinato ser resolvido a partir de pequenas evidências que na verdade não têm nada de concreto. Tudo parecia ser envolvido por circunstâncias, e todas elas duvidosamente provadas. A estricnina foi encontrada no quarto do acusado. A cômoda onde o frasco de estricnina se encontrava não estava trancada. Não há como provar que foi o acusado quem pôs o frasco. A acusação foi incapaz de provar que o acusado houvesse pedido uma barba escura à loja Parkson. A briga entre o acusado e sua madrasta bem como suas dificuldades financeiras haviam sido exageradamente descritas.

O seu colega-o Sr Ernest olhou atenciosamente para o Sr Phillips - havia colocado que se o acusado era mesmo inocente, ele haveria levantado no inquérito e explicado que foi ele, e não o Sr Inglethorp, quem discutiu com a vítima. Ele alegou que os fatos estariam mal representados, e que o que aconteceu na verdade foi isso: o prisioneiro voltando para casa na terça à noite ficou sabendo da briga entre o Sr e a Sra Inglethorp. Ele naturalmente pensou que a Sra Inglethorp então havia tido duas brigas.

A acusação afirmou que na segunda feira, dia 16 de julho, o acusado entrou na farmácia da cidade passando-se por Alfred Inglethorp. O acusado, pelo contrário, estava sozinho em um lugar chamado Martson's Spinney, para onde havia sido chamado por uma carta anônima, que ameaçava revelar certas coisas para sua esposa a menos que ele satisfizesse algumas exigências. O acusado foi então até o lugar, onde ficou esperando em vão. Após uma hora e meia de espera, ele voltou para casa. Infelizmente ele não se encontrou com ninguém na caminhada de ida ou volta que pudesse confirmar sua história; por sorte manteve o bilhete que recebeu, e isso poderia ser uma prova.

Quanto à declaração sobre a destruição do testamento, o prisioneiro estava ciente de que o testamento em seu favor, feito um ano antes, tinha sido automaticamente revogado pelo casamento de sua madrasta.

Ele gostaria de tomar alguns depoimentos para provar quem destruiu o testamento, e assim abrir uma nova visão do caso.

Finalmente ele lembrou ao júri que haviam tantas evidências contra outras pessoas quanto para John, e remarcou que o fato apontado contra Lawrence era grave, se não mais grave que os fatos contra John.

Ele gostaria agora de chamar o acusado.

John sentou-se agora no banco das testemunhas. Confirmou toda a história contada por seu advogado, e alcançou o bilhete ao júri para que pudesse ser examinado. Negou o fato de que suas dificuldades financeiras eram tão sérias assim, e também que a briga com sua madrasta fosse tão violenta.

Ao término da sua explicação, ele disse:

- Devo deixar uma coisa clara: eu desaprovo totalmente a insinuação do Sr. Heavywether contra seu irmão. Lawrence tem tanto a ver com esse crime quanto eu tenho.

O Sr Ernest sorriu, pois notou que o protesto de John causou uma boa impressão no júri.

- Sr John, não lhe surpreende o fato de que as testemunhas no inquérito poderiam estar possivelmente confundindo sua voz com a do Sr Inglethorp?

- Não. Soube que houve uma briga entre Alfred e minha mãe, e nunca pensei que este não seria o caso.

- Nem mesmo quando Dorcas repetiu alguns fragmentos da conversa? Você não os reconheceu?

- Não, eu não os reconheci. Nós estávamos furiosos, e falávamos mais coisas do que devíamos; sendo assim não dei importância às palavras de minha mãe.

O Sr Phillips demonstrou incredulidade ao fato. Passaram então ao assunto do bilhete.

- Este bilhete apareceu em hora bem conveniente. Digo-lhe uma coisa: não há nada de familiar na escrita dele?

- Não, nada que eu perceba.

- Você não acha que se parece muito com a sua caligrafia, só que um pouco destorcida?

- Não, eu não acho.

- Eu digo que é sua própria letra!

- Não.

- Eu afirmo que você, ansioso para conseguir um álibi, forjou toda a história e escreveu você mesmo o bilhete!

- Não.

- Não é verdade que você estava realmente na farmácia disfarçado de Alfred Inglethorp na hora em que afirma que estava sozinho em um lugar retirado?

- Não, isso é mentira!

- Eu afirmo que você, disfarçado de Alfred Inglethorp, entrou na farmácia de Styles St Mary, comprou a estricnina, e assinou "Alfred Inglethorp" no livro de registros.

- Não, isso é tudo mentira!

- Então vou pedir que o júri analise a similaridade entre a caligrafia do bilhete, a sua, e a do livro de registros. - disse o Sr Phillips, depois se sentou com ar de quem cumpre o seu dever.

Depois disso, como já estava ficando tarde, o caso foi adiado até segunda feira.

Poirot percebi, parecia um tanto desiludido, e eu sabia o que isso significava.

- O que foi, Poirot?- perguntei.

- Ah, meu amigo, as coisas estão indo mal, muito mal.

Particularmente tive um grande alívio, pois isso poderia significar uma chance de absolvição para John.

Quando entramos em casa, Mary ofereceu um chá para Poirot.

- Não, obrigado madame, vou para o meu quarto.

Eu o segui. Ainda pensativo, ele dirigiu-se até a escrivaninha e pegou uma caixa de cartas de baralho.

Para minha surpresa, ele sentou-se e começou a fazer um castelo de cartas!

Não sabia o que pensar, finalmente ele disse:

- Não, mon ami, eu não estou em minha segunda infância! Estou apenas tentando acalmar os nervos.

Este trabalho requer precisão dos dedos. Com a precisão dos dedos segue a precisão do cérebro, e eu nunca precisei mais dele do que agora.

- Qual é o problema?

Com uma pancada na mesa, Poirot pôs abaixo seu empreendimento.

- O problema é, mon ami, que eu não consigo - uma pancada na mesa - encontrar-mais uma pancada - aquele último elo do qual eu lhe falei!

Eu não sabia ao certo o que dizer, então tentei acalmá-lo até que ele recomeçasse sua obra.

- Está feito! Uma carta sobre a outra com precisão matemática!

- Você tem uma bela precisão nas mãos, Poirot, acho que só o vi tremendo uma vez. Foi quando você descobriu que a fechadura da caixa roxa havia sido forçada. Você estava muito nervoso, suas mãos tremiam, e você tentava se acalmar arrumando os objetos no aparador da lareira...

Parei instantaneamente ao ver que Poirot agora assemelhava-se à uma vela.

- Poirot! O que houve? Você está passando bem?

- Sim, sim!- ele gaguejou - É que eu tive uma idéia!

- Mais uma de suas pequenas idéias?

- Não, mon ami, dessa vez é uma grande idéia, gigantíssima!!

Repentinamente ele me deu um beijo na testa e, antes que eu recobrasse os sentidos, saiu voando do quarto.

Mary entrou naquele exato momento.

- O que houve com monsieur Poirot? Ele passou por mim gritando "A garagem, madame, por favor me mostre onde fica a garagem!" E, antes que eu pudesse responder, ele já havia alcançado a rua.

Eu corri até a janela. Lá ao longe ia ele, costurando a rua como se fosse só dele. Gesticulava de forma desordenada e esquisita.

- Ele vai ser parado por um policial a qualquer instante. Lá vai ele, dobrando a esquina.

Nossos olhos encontraram-se, e ficamos nos observando por um bom tempo.

- O que aconteceu?

Eu balancei a cabeça.

- Eu não sei. Ele estava construindo um castelo de cartas, quando de repente teve uma idéia e saiu correndo como se estivesse fugindo do Diabo.

- Bem,- disse Mary- espero que ele esteja de volta para o jantar.

Mas a noite caiu, e Poirot não deu o ar das graças.

O Último Elo.

A súbita partida de Poirot deixou-nos intrigados. Já era domingo ao meio dia, e nada do nosso amigo aparecer. Mas às 3 horas da tarde um ruído de motor fez-nos correr até a janela, lá estava Poirot acompanhado de Japp e Summerhaye. O pequeno homem estava transformado, sorria e demonstrava um ótimo humor. Cumprimentou Mary com exagerado respeito.

- Madame, tenho sua permissão para uma pequena reunião na sala? Isso se faz necessário para que fatos sejam esclarecidos.

Mary sorriu.

- Você sabe, monsieur Poirot, que o senhor tem carta branca aqui.

- Você é muito amável, madame.

Ainda sorrindo Poirot pediu para que todos se dirigissem para a sala de visitas, distribuindo cadeiras até que todos estivessem acomodados.

- Srta Howard, mademoiselle Cynthia, monsieur Lawrence, Dorcas e Annie. Bem, todos aqui! Vamos aguardar um momento até que o Sr Inglethorp chegue. Eu enviei um recado a ele.

A Srta Howard levantou-se imediatamente.

- Se esse homem entrar nessa casa, eu vou embora!

- No, no!- Poirot acalmou-a em uma voz doce.

Finalmente a Srta Howard concordou em retornar à sua cadeira. Poucos minutos depois Alfred Inglethorp chegou.

Uma vez que estavam todos presentes, Poirot levantou-se como se fosse um palestrante e iniciou a reunião.

- Messieurs, mesdames; como todos sabem eu fui convocado pelo Sr John Cavendish para investigar este caso. Eu examinei o quarto da falecida que, por ordem médica, havia ficado trancado; portanto eu o encontrei exatamente como estava na noite da tragédia. Eu encontrei:

1) um fragmento de um material verde;

2) uma mecha no carpete, ainda úmida;

3) uma caixa vazia de comprimidos de brometo.

- Começando pelo fragmento de material verde, eu o encontrei preso na fechadura da porta de passagem que dava para o quarto da Srta Cynthia. Eu passei o fragmento à polícia, que não o considerou de grande valor. Nem mesmo admitiram que aquele era um fragmento rasgado de uma manga.

Todos pareciam interessados.

- Mas a porta estava trancada por dentro! - indaguei.

- Bem, quando eu examinei a sala, sim. Mas em primeiro lugar nós temos apenas a palavra de uma pessoa para isso, pois foi ela quem nos afirmou que a porta estava trancada e, no meio da confusão, teria tido tempo suficiente para fechá-la. Eu tive a oportunidade de verificar que o fragmento encontrado bate exatamente com o

rasgado de um dos braceletes da Sra Cavendish. Assim mesmo no inquérito, a Sra Cavendish declarou que ouviu o barulho da mesa que caiu de seu próprio quarto, o que na verdade é impossível. Eu constatei isso quando pedi para meu amigo Hastings permanecer na asa esquerda da casa e, acompanhado do detetive Japp e do inspetor Summerhaye, fui até o quarto da falecida onde derrubei a mesa aparentemente por acidente. Monsieur Hastings afirma não ter ouvido nada. Isso confirmou minha idéia de que a Sra Cavendish não falava a verdade quando disse que vestia a roupa em seu quarto na hora da tragédia. De fato eu acreditava que a Sra Cavendish estava bem longe de seu quarto na hora da tragédia, ela estava na verdade no quarto da falecida quando o alarme foi dado.

Todos olhavam para Mary. Ela estava pálida, mas sorrindo.

- Passei então para a razão deste fato. A Sra Cavendish, podemos dizer, estava procurando algo que não encontrava. De repente a Sra Inglethorp acorda sentindo-se mal, começa a se debater e derruba a mesa; depois começa a tocar o sino. A Sra Cavendish, assustada, toma seu candelabro rapidamente e assim derruba a cera no carpete. Ela passa rapidamente para o quarto de Cynthia, fechando a porta de comunicação. Ela sai correndo pelo corredor antes que os servos cheguem, pois eles não a podem ver lá; mas é tarde demais... Já ouviam-se passos próximo, a curva do corredor. O que ela poderia fazer? Pensando rapidamente ela retorna ao quarto da Srta Cynthia, e começa a chacoalhá-la para que ela acorde. Todos estavam ocupados batendo à porta da Sra Inglethorp, assim ninguém sentiu sua falta. Não ocorreu a ninguém que a Sra Cavendish não havia vindo de seu quarto, mas por outro lado ninguém havia visto ela vindo da outra asa. - Poirot olhou para Mary - Estou certo, madame?

Ela acenou com a cabeça.

- Totalmente certo, monsieur Poirot. Mas saibam que se de algum modo estes fatos ajudassem meu marido, eu já os teria revelado; mas nada há nisso que reforce sua inocência ou culpa.

- Sim, isto é verdade, madame. Mas por outro lado isso teria desembaralhado muita coisa em minha cabeça, e assim esclarecido a verdade.

- O testamento! - disse Lawrence - Então foi você, Mary, quem destruiu o testamento?

Tanto Mary como Poirot acenaram com a cabeça em sinal de negação.

- Não - disse Poirot - Existe apenas uma pessoa que poderia ter destruído o testamento: a Sra Inglethorp mesmo!

- Impossível! - eu exclamei - Ela o havia feito naquela mesma tarde!

- De qualquer modo, mon ami, foi a Sra Inglethorp. Você nunca notou nada de estranho no fato de que, em um dos dias mais quentes do ano, a Sra Inglethorp tenha mandado atear fogo na lareira em seu quarto?

Fiquei extremamente surpreso. Como pude eu ser tão idiota a ponto de nunca ter questionado isso?

Poirot continuou:

- A temperatura naquele dia, messieurs, era de aproximadamente 27 °C, e assim mesmo a Sra Inglethorp manda acender a lareira! Por quê? Porque ela desejava destruir algo importante, e não pensou em nenhum outro modo tão eficaz. Lembrem-se que, com a guerra, nenhum papel era destruído; tudo era reaproveitado de alguma forma. Havia por acaso uma outra forma tão segura e discreta de destruir aquele testamento? Quando ouvi que a Sra Inglethorp havia mandado atear fogo na lareira, instantaneamente cheguei à conclusão de que ela desejava destruir algum documento importante; então não fiquei surpreso ao encontrar aquele fragmento

entre as grades. Eu ainda não sabia que aquele testamento havia sido feito naquela tarde e, quando descobri, pensei que havia cometido um grave erro. Pensei que a Sra Inglethorp havia decidido destruir o testamento por conseqüência direta da briga que havia ocorrido, e que desta forma então, a briga havia ocorrido depois do testamento ser feito, e não antes.

- Mas isso, como todos sabemos, estava errado, e vi-me forçado a abandonar a idéia. Eu encarei o problema por outro ponto de vista. Vamos lá: às 4 horas da tarde Dorcas ouviu sua senhora dizer furiosamente: "Você não pense que qualquer tipo de publicidade ou escândalo entre marido e mulher irá me deter". Eu supus então - e corretamente, que estas palavras não se dirigiam para seu marido, mas sim para John Cavendish. Às 5 horas, uma hora mais tarde, ela usa as mesmas palavras, mas de modo diferente. Ela comenta com Dorcas: "Eu não sei o que fazer, escândalo entre marido e mulher é uma coisa dramática".

Assim às 4 horas ela estava furiosa, mas completamente confiante em si mesma; mas às 5 horas ela apresentava-se violentamente angustiada e falava em ter tido "um grande choque".

- Olhando para os fatos psicologicamente, cheguei a uma conclusão que achei estar correta. O segundo "escândalo" de que ela falara não era o mesmo que o primeiro, e ele a deixou angustiada!

- Reconstruiremos os fatos, então. Às 4 horas a Sra Inglethorp discute com seu filho, e trata de entregá-lo à sua esposa que já havia ouvido grande parte da conversa. Às 04h30min a Sra Inglethorp, em conseqüência da conversa sobre validade de testamento, faz um novo testamento em favor de seu marido, no qual os dois jardineiros servem de testemunhas. Às 5 horas, Dorcas encontra sua senhora em estado de considerável agitação, abalada emocionalmente, com um pedaço de papel - "uma carta", pensa Dorcas - na mão, e é então que ela ordena o fogo em seu quarto. Obviamente algo ocorreu entre 4:30 e 5 horas para que acontecesse uma completa revolução de sentimentos, visto que agora ela estava ansiosa para destruir um testamento que tinha praticamente acabado de fazer.

- Como todos sabemos, ela permaneceu totalmente sozinha durante aquela meia hora. Então o que ocasionou aquela repentina mudança de sentimentos?

- Podemos apenas supor, mas acho que minha suposição é correta: a Sra Inglethorp não tinha selos em sua mesa, nós sabemos disso porque mais tarde ela pediu para Dorcas trazer-lhe alguns. No outro lado da sala estava a mesa de seu marido; trancada. Ela estava ansiosa para conseguir alguns selos e, de acordo com a minha teoria, tentou abrir a gaveta da mesa de seu marido com suas próprias chaves. Que uma delas serve, eu sei. Ela começa então a procurar os selos, e encontra um papel que nunca esteve em suas mãos: o papel que ela segurava quando falou com Dorcas. Mary pensa que aquela é uma prova escrita da infidelidade de seu marido e pede para vê-lo. A Sra Inglethorp afirma que aquele papel nada tem a ver com o assunto, e nega-se a mostrá-lo. Mary está agora obcecada e decide tomar aquele papel de qualquer forma, e pensa em como poderia consegui-lo. Ela encontra a chave da caixa roxa da Sra Inglethorp que havia sido perdida naquela manhã, e sabe que é lá onde sua sogra guarda os papéis importantes.

- Mary, então, faz os planos que apenas uma mulher desesperada teria coragem de fazer. Em alguma hora após o cair da noite ela destranca a porta, onde já havia colocado anteriormente óleo nas dobradiças conforme eu e meu amigo Hastings constatamos. Ela decide executar então o seu plano nas horas da manhã em que os empregados estão acostumados a ouvir seus movimentos, assim não levantaria

suspeitas. Ela colocou sua roupa de serviço e, caminhando discretamente, passou pelo quarto da Srta Cynthia e entrou no quarto de sua sogra.

Ele parou por um momento, Cynthia interrompeu:

- Mas eu não iria acordar se alguém passasse pelo meu quarto?

- Não se tivesse sido drogada, mademoiselle.

- Drogada?

- Mais oui!

- Vocês lembram que mesmo com todo aquele tumulto mademoiselle Cynthia permanecia dormindo?

Admiti então duas possibilidades: ou seu sono era fingido -o que particularmente eu não acreditava - ou sua inconsciência havia sido induzida por meios artificiais.

- Com essa idéia na mente, eu examinei cuidadosamente todas as xícaras de café, lembrando que foi a Sra Cavendish quem serviu o café para mademoiselle Cynthia na noite anterior. Eu recolhi uma amostra de cada xícara, e mandei analisá-las. Sem resultado. Conte-as novamente na esperança de que alguma delas houvesse sido removida, mas não. Seis pessoas, seis xícaras. Achei que estivesse enganado.

- Mais tarde percebi que eu havia feito olho grosso para uma coisa: havia 7 pessoas, e não 6 como eu havia contado. O Dr. Bauerstein esteve aqui naquela noite, e isso mudava tudo; havia com certeza uma xícara supostamente extraviada. Os empregados nada perceberam; Annie trouxe 7 xícaras, mas no outro dia Dorcas recolheu apenas 6. Annie não percebeu que o Sr Inglethorp não tomou o seu café, e Dorcas na verdade não percebeu que havia 5 xícaras na manhã seguinte. E a sexta, onde estava? Quebrada no quarto da Sra Inglethorp.

- Eu tinha quase certeza que a 7ª xícara, a supostamente extraviada, era aquela que estava no quarto de mademoiselle Cynthia. Eu firmei base no ponto de que toda a casa usava açúcar no café, menos mademoiselle Cynthia. O "sal" na bandeja do coco que Annie levou à Sra Inglethorp chamou-me a atenção, então tomei uma amostra daquele coco e enviei para análise.

- Mas isso já havia sido feito pelo Dr. Bauerstein!- disse Lawrence rapidamente.

- Não exatamente. Ao analista foi perguntado se havia ou não estriçnina na amostra, nada se pediu sobre a presença de narcóticos.

- Narcóticos?

- Sim. Aqui está o relatório do analista. A Sra Cavendish administrou um fraco, mas eficiente narcótico tanto para a Sra Inglethorp quanto para mademoiselle Cynthia. Imagine o remorso que ela sentiu quando sua sogra de repente sente-se mal e morre, e logo depois ela ouve "Veneno!". Ela pensava que o calmante usado era inofensivo, mas de repente enche-se de pânico e pensa que ela pode ter sido a responsável pela morte de sua sogra! O que ela faz? Desce correndo as escadas e joga a xícara usada por mademoiselle Cynthia dentro de um grande jarro de bronze, onde mais tarde foi descoberta por monsieur Lawrence. Na amostra de coco ela não ousa tocar. Finalmente suspira de alívio quando a estriçnina é mencionada, e descobre depois de tudo que não é ela a responsável pela tragédia.

- Dessa forma descobrimos por que os efeitos da estriçnina tardaram a aparecer. Um narcótico consumido com a estriçnina irá tardar seus efeitos por algumas horas. Poirot fez uma pausa. Mary olhou-o, seu rosto lentamente tornou-se rosado.

- Tudo o que você disse é a mais pura verdade, monsieur Poirot. Aquela foi a hora mais angustiante de minha vida. Você foi sensacional, agora eu entendo...

-...Entende por que deveria ter confiado no velho Poirot, não? Eu disse a você que confiasse, mas você não me deu ouvidos...

- Agora eu vejo tudo!- disse Lawrence - o coco com calmante tomado antes do café com estricnina causou esse retardamento!

- Quase. O café estava envenenado ou não? Aqui encaramos outro problema, visto que a Sra Inglethorp jamais tomou aquele café.

- O quê? - a surpresa foi geral.

- Sim. Lembrem-se de que eu falei sobre uma mancha fresca no carpete? Havia alguns pontos peculiares referentes àquela mancha. Ela não havia secado e exalava um forte odor de café, e encontrei também pedaços de porcelana chinesa. O que havia acontecido agora estava claro para mim, pois há alguns minutos atrás eu havia colocado minha pequena maleta sobre a mesa e, ao balançá-la, ela derrubou minha maleta exatamente sobre a mancha de café e os fragmentos. Da mesma forma a Sra Inglethorp colocou sua xícara sobre a mesa ao chegar no quarto na noite anterior, e a traiçoeira mesa pregou nela a mesma peça.

- O que aconteceu depois é mera curiosidade, mas eu devo dizer que a Sra Inglethorp juntou os pedaços da xícara quebrada e os colocou na mesa próximo à cama. Sentindo a necessidade de algum estimulante, ela tomou o seu coco. Encaramos então outro problema. Sabemos que o coco não continha estricnina e o café nunca chegou a ser bebido, mesmo assim a estricnina foi consumida entre 7 e 9 horas da noite. Que terceira substância foi consumida e era capaz de esconder o forte gosto da estricnina?- Poirot olhou ao redor da sala e finalizou triunfantemente-seu remédio!

- Você quer dizer que o assassino introduziu a estricnina no tônico dela?

- Bem... Não havia a necessidade de introduzi-la. A estricnina já estava presente naturalmente na mistura. A estricnina que matou a Sra Inglethorp foi à estricnina prescrita pelo seu médico, o Dr. Wilkins. Para tornar tudo mais claro, vou ler um trecho de um livro que encontrei no hospital da Cruz Vermelha em Tadmindster: Sulfeto de Estricnina gr. I Brometo de Potássio 3 VI Aqua Ad 5 VIII Mistura Homogênea "Esta solução deposita em poucas horas a maior parte do sal da estricnina em forma de cristais de brometo insolúveis."

- A Sra Inglethorp perdeu sua vida ao tomar uma mistura similar: a estricnina nesta solução precipitou-se ao fundo, e a Sra Inglethorp ao tomar a última dose tragou-a quase que totalmente!

- Sabemos que não há brometo na prescrição do Dr. Wilkins, mas vocês devem lembrar que eu mencionei a existência de uma caixa vazia de brometo. Um ou dois desses comprimidos introduzidos ao vidro cheio de tônico causariam essa precipitação, assim a estricnina seria consumida quase que totalmente na última dose. Exatamente como o livro descreve. Consideremos então que a pessoa que levava o medicamento até a Sra Inglethorp o fazia de modo cauteloso para que os cristais permanecessem depositados ao fundo.

- Pensando no caso, percebi que a tragédia deveria ter acontecido na segunda à noite. Naquele dia o sino da Sra Inglethorp estava quebrado e Cynthia estava fora com uns amigos. A Sra Inglethorp estava então sozinha na asa direita e completamente isolada da ajuda de alguém, e morreria antes que o antídoto pudesse ser administrado. Mas na pressa em chegar no horário para os acontecimentos da vila a Sra Inglethorp esqueceu de tomar seu medicamento, e no próximo dia ela comeu fora de casa. Desta forma a última- e fatal- dose foi tomada apenas 24 horas após o esperado pelo assassino. Agora comunico a vocês que o último elo da corrente está em minhas mãos!

Demonstrando pequena ansiedade ele retira do bolso 3 pequenos pedaços de papel.

- Uma carta escrita pela própria mão do assassino, mes amis! Nela está claro que a Sra Inglethorp, avisada a tempo, poderia ter escapado. Como aqui está, a Sra Inglethorp sabia que corria perigo, mas não sabia como corria perigo.

Frente a um silêncio mortal Poirot juntou os pedaços de papel e, limpando a garganta, leu:

"Querida Evelyn: Você deve estar ansiosa por não ter ouvido nada. Está tudo certo, só que será atrasado em uma noite. Você sabe que é bom de uma vez por todas a mulher morta e fora do caminho. Ninguém associará o crime a mim. Aquela idéia sua sobre o brometo foi uma cartada de mestre! Mas devemos ser muito cuidadosos, um passo em falso...".

- Aqui, meus amigos, a carta termina. Sem sombra de dúvidas o autor foi interrompido, mas aqui está claro a sua identidade. Nós todos conhecemos esta letra e...

Um grito de indignação cortou o silêncio dos espectadores:

- Seu Demônio! Como você conseguiu isso?!!

Uma cadeira foi derrubada. Poirot apenas virou-se para o lado e disse:

- Messieurs, mes dames,- disse Poirot explodindo de orgulho - apresento-lhes o assassino: Alfred Inglethorp!

Poirot Explica

- Poirot, seu espertalhão!- disse eu brincando - Por que você não disse o que pensava?

Nós estávamos na biblioteca, haviam se passado alguns dias. John e Mary abraçavam-se e suspiravam aliviados pelo pesadelo ter acabado. Alfred Inglethorp e Evelyn Howard estavam agora sob custódia.

Finalmente Poirot estava disponível para satisfazer minha imensa curiosidade.

Poirot manteve-se calado por um momento, depois disse:

- Eu não menti para você, mon ami. Eu apenas permiti que você próprio se enganasse.

- Sim, mas por quê?

- Bem, é difícil explicar. Você tem uma natureza muito honesta, e se deixa guiar muito por sentimentos compulsivos; se você soubesse de tudo você iria possivelmente jogar tudo na cara de Alfred... Poderíamos dar tchauzinho às chances de agarrá-lo!

- Mas eu acho que poderia ter sido mais útil do que fui.

- Não, meu amigo, não poderia. Você foi de extrema importância nesse caso; teve tanta serventia quanto honestidade, e nisso eu o admiro.

- Bem, Poirot, você poderia pelo menos ter dado uma pista.

- Mas eu fiz isso muitas vezes, meu amigo! Você que nunca notou. Pense bem: alguma vez eu disse que John deveria ser preso? Pelo contrário, eu disse que ele mais certamente seria absolvido.

- Sim, mas...

- E eu mais tarde não falei da dificuldade de trazer o criminoso à justiça? Você não percebeu que eu falava de duas pessoas diferentes?

- Não, - eu disse - eu nunca havia percebido isso.

- E em outra oportunidade, no início de tudo, eu não disse a você que não queria o Sr Inglethorp preso no momento? Isso não sugeriu nada a você?

- Você quer dizer que suspeitava dele desde aquela época?

- Sim. Começando por quem seria o maior beneficiado pela morte da Sra Inglethorp. Não havia como fugir disso! Desde a primeira vez que estive no sítio com você não

tive dúvidas de como o crime havia sido cometido; o difícil era achar algo que conectasse Alfred a ele. Desde que eu cheguei à mansão, eu não tinha dúvidas de que o testamento havia sido queimado pela própria falecida; por isso eu fazia o possível para que você percebesse por si mesmo a importância daquele fogo em pleno verão.

- Sim, sim, - eu disse impacientemente - prossiga.

- Bem meu amigo, como eu disse, minhas visões sobre como prender o Sr Inglethorp eram muito confusas. Havia tantas evidências contra ele que eu cheguei a balançar em favor de sua inocência.

- E quando você teve certeza de que havia sido ele?

- Quando percebi que quanto mais eu me esforçava para livrá-lo, mais esforço ele fazia para ser preso.

Depois, quando descobri que era John e não Alfred quem estava interessado na Sra Raikes, eu tive total certeza.

- Mas por quê?

- Porque se fosse Alfred quem estivesse interessado na linda esposa do fazendeiro, seu silêncio estava explicado. Mas quando descobri que era John quem estava atraído por ela, seu silêncio ganhou uma interpretação totalmente diferente. Seria ignorância fingir que ele estivesse com medo de um escândalo, pois esse escândalo nada tinha a ver com ele! Esta atitude da parte dele me fez pensar furiosamente que ele desejava ser preso. Eh, bien! Daquele momento em diante decidi que ele não deveria ser preso de maneira alguma.

- Espere um momento. Eu ainda não percebi por que ele desejava ser preso!

- Porque, mon ami, pela lei de seu país um homem uma vez acusado e absolvido nunca mais poderá ser acusado do mesmo fato. Com certeza ele é um homem muito esperto! Ele sabia que era suspeito, então ele teve a brilhante idéia de forjar um monte de provas contra ele mesmo. Depois ele iria revelar seu inquestionável álibi e, como num passe de mágica, iria se safar pela vida toda!

- Mas eu ainda não entendi como ele conseguiu um álibi inquestionável, e foi até a farmácia ao mesmo tempo.

- Poirot olhou-me surpreso.

- O quê? Meu pobre amigo! Você ainda não percebeu que foi a Srta Howard quem foi até a farmácia?

- Evelyn Howard?

- Claro. Quem mais? Isso era extremamente fácil para ela. Ela era bem encorpada, sua voz era profunda e tinha um tom masculino; lembre-se também que ela e Alfred eram primos, então tinham certa semelhança facial.

- Eu estou um pouco em dúvida sobre como o negócio do brometo foi feito.

- Bem, então irei reconstruir os fatos à medida do possível. Eu fui levado a pensar que a Srta Howard era o cérebro chefe nesse caso. Lembra-se uma vez em que ela mencionou que seu pai era médico?

Possivelmente ela soube da receita através dele, ou talvez a tirou de algum dos livros que Cynthia utilizava para estudar. De qualquer forma, ela tinha conhecimento de que o brometo adicionado à mistura contendo estricnina iria causar sua precipitação. Provavelmente a idéia ocorreu-lhe de repente. A Sra Inglethorp possuía uma caixa de comprimidos de brometo, que tomava ocasionalmente. Seria muito fácil dissolver um ou dois desses comprimidos no grande frasco de tônico da Sra Inglethorp assim que ele chegasse da farmácia; se alguém os visse mexendo no remédio, possivelmente esqueceria isso nos 40 dias a seguir; já que o frasco apresentava 40 doses. Evelyn Howard iria forçar a briga e abandonar a casa. O

efeito do tempo e o fato de que ela estivesse longe iria livrá-la de qualquer suspeita. Sim, foi uma idéia muito inteligente. Se eles houvessem deixado tudo como estava possivelmente não seriam de modo algum ligados ao caso, mas eles tentaram parecer inteligentíssimos. Então aconteceu o erro.

Poirot fumava, seus olhos estavam presos no teto.

- Eles planejavam jogar a suspeita sobre John ao comprar a estricnina e assinar o livro de registros imitando sua caligrafia.

- Na segunda a Sra Inglethorp iria tomar a última dose de seu tônico. Nesse dia, às seis horas da tarde, Alfred trata de ser visto por um grande número de pessoas em um lugar retirado da vila. Evelyn havia previamente inventado uma história sobre ele a Sra Raikes. Às 6 horas ela entra na farmácia vestida de Alfred Inglethorp, compra a estricnina com a desculpa de envenenar um cachorro, e assina "Alfred Inglethorp" no livro de registros com a caligrafia de John.

- Também poderia ter sido ela quem escreveu aquele bilhete intimando John até um lugar distante. Ela pretendia com isso evitar que John conseguisse um álibi, e também tentar incriminá-lo, pois todos iriam pensar que foi ele mesmo quem escreveu o bilhete.

- Tudo acabaria bem. A Srta Howard retornaria para Middlinghan, Alfred Inglethorp retornaria para Styles. Nada havia que comprovasse a ligação de um com o outro e nada os ligava ao caso, pois a estricnina comprada apenas para acusar John estava com a Srta Howard. Esta estricnina nada teve a ver com a tragédia.

- Então tudo encaixa. A Sra Inglethorp não toma o remédio na noite de segunda. O sino quebrado, a ausência de Cynthia - arranjada por Alfred através de sua esposa. Todos estes fatos são perdidos. Então ele comete se deslize.

- A Sra Inglethorp não está em casa, então ele se senta para escrever para sua cúmplice que, pensa ele, está apavorada pelo não. - sucesso de seus planos. Provavelmente a Sra Inglethorp retorna antes do esperado, e ele é pego de surpresa; esconde o pedaço da carta na gaveta de sua mesa e a tranca. Ele teme que se permanecesse na sala teria de abri-la de novo, e assim a Sra Inglethorp descobriria tudo. Então ele sai e vai caminhar pelo campo, nem sonha que a Sra Inglethorp irá abrir sua gaveta e assim descobrir a carta.

- Mas isso, pelo que nós sabemos, foi justamente o que aconteceu. A Sra Inglethorp lê a carta e fica horrorizada ao saber que seu marido e Evelyn Howard planejavam sua morte. A frase do brometo nada significou para ela. Ela sabia que corria perigo, mas nem fazia idéia de onde ele estava. Ela decide não dizer nada a seu marido, senta e escreve ao seu advogado para que venha vê-la na manhã seguinte; decide destruir o testamento, mas mantém a carta fatal.

- Então foi para descobrir esta carta que Alfred forçou a fechadura do estojo roxo?

- Sim, mesmo sob o enorme risco de ser descoberto; assim percebe-se a importância que este documento tinha. Fora essa carta, nada havia que o ligasse ao caso.

- Tem uma coisa que eu não entendo: por que ele não destruiu a carta quando a pegou?

- Por várias circunstâncias. Falta de tempo, falta de coragem, etc.

- Não entendi o que você quis dizer.

- Então olhe para o caso pelo ponto de vista dele. Eu descobri que ele teve apenas 5 curtos minutos de tempo para pegá-la, os cinco minutos anteriores a nossa chegada à cena. Antes desse tempo Annie estava varrendo as escadas, e com certeza viria todas as pessoas que passassem para a asa direita da casa.

Imagine você mesmo nessa encruzilhada! Ele entra no quarto destrancando a porta com alguma outra chave - todas elas são parecidas. Corre para pegar a caixa roxa, mas a encontra trancada e não sabe onde estão as chaves. Um terrível choque para ele, pois ele sabe que agora sua presença no quarto já não será tão discreta como esperava. Mas ele sabe muito bem que deve fazer qualquer coisa para destruir aquela carta, então força a fechadura com uma caneta e começa a remover os papéis até que encontra o que quer.

- Então surge um pequeno dilema: ele não tem coragem para manter essa carta com ele para que pudesse destruí-la mais tarde. Se ele fosse visto deixando o quarto, com certeza seria revistado. Se o papel fosse encontrado com ele com certeza ele estaria com problemas. Provavelmente nesse momento ele houve John e o Sr Wells deixando o escritório. Ele precisa agir rápido. Onde ele pode esconder aquele terrível pedaço de papel? O conteúdo da lixeira seria investigado. Não havia meio de destruí-la, e ele não queria permanecer com ela. Ele olha ao redor, e vê... o que você acha que ele vê, mon ami?

- Não faço idéia.

- Bem, ele tem que manter essa carta longe das pistas, então ele a enrola e coloca dentro do vaso sobre o aparador da lareira. Ninguém iria pensar em olhar lá, e assim ele poderia retornar em uma outra ocasião, quando tudo esfriasse, e então destruí-la.

- Então a carta esteve o tempo todo no vaso sobre o aparador de lareira, bem sob nossos olhos?

- Exatamente! Foi lá onde eu descobri meu último elo, e eu devo isso a você.

- A mim?

- Sim. Lembra que você me disse que minhas mãos tremiam enquanto eu arrumava os ornamentos no aparador da lareira?

- Sim, mas eu não vejo...

- Bem... Se eu estava arrumando os ornamentos, era porque eles estavam desarrumados! E se eles estavam desarrumados, com certeza alguém havia mexido neles. Não faria sentido eu organizar alguma coisa já organizada. Através disso pensei que nesse meio tempo alguém havia mexido neles.

- Nossa! Então foi por isso que você saiu correndo feito um louco aquele dia?

- Sim. Era uma corrida contra o tempo.

- Mas eu continuo sem saber por que Alfred Inglethorp foi louco o suficiente para deixar a carta lá por tanto tempo se teve tantas oportunidades de destruí-la.

- Ah, mon ami, ele não teve oportunidade!

- Não?

- Não. Você lembra que brigou comigo porque eu não dizia o que pensava sobre cada um da casa?

- Sim.

- Bem, mon ami, admito que ele teve uma única chance. Eu não tinha certeza se Alfred era o criminoso ou não, mas se fosse eu sabia que ele não tinha o papel com ele, mas o havia deixado em algum lugar. E através de fatos que observava pude prevenir a destruição dela. Ao não tornar público o fato de que Alfred Inglethorp era suspeito eu economizei o trabalho de 10 jovens detetives que teriam que vigiá-lo durante 24 horas. Ele sabia que era observado, então foi obrigado a deixar a mansão e abandonar a carta no vaso.

- Mas com certeza a Srta Howard teve plena oportunidade de destruí-la.

- Sim, mas a Srta Howard não sabia da existência desse papel. De acordo com seus planos eles nunca conversariam, tanto que eram supostamente inimigos mortais. Até

que John não fosse preso eles não iriam se encontrar. Claro que eu sempre mantinha um olho em Alfred esperando que mais cedo ou mais tarde ele me levasse até o esconderijo, mas ele era muito esperto para isso. O papel estava seguro onde estava, se ninguém olhou lá na primeira semana não iriam olhar depois. Por sorte nunca houve prova alguma para levá-lo à justiça.

- Tudo bem, mas quando você começou a suspeitar da Srta Howard?

- Quando descobri que ela mentiu sobre a carta que recebeu da Sra Inglethorp.

- Sobre o quê ela mentiu?

- Você viu a carta? Notou sua aparência?

- Mais ou menos.

- Você deve ter notado que a Sra Inglethorp escreveu de forma bem distinta, deixando grandes espaços entre as palavras. E se você notar a data no topo verá que a data "17 de julho" está escrita de forma bem particular. Entende o que eu quero dizer?

- Não. – confessei - eu não.

- Você não percebeu que a carta não foi escrita no dia 17, mas sim no dia 7? Um dia depois da partida da Srta Howard! O 1 foi colocado na frente do 7 para transformá-lo em 17.

- Mas por quê?

- Isso foi exatamente o que eu me perguntei. Por que a Srta Howard escondeu a carta escrita no dia 17?

Porque ela não poderia mostrar esta carta! Você lembra que eu disse a você para ter cuidado com as pessoas que não diziam a verdade?

- Assim mesmo - eu estava indignado - você me deu duas razões que provavam a inocência da Srta Howard!

- E eram boas razões. Por um longo tempo eram foram um estorvo para mim, até que lembrei de uma coisa: eles eram primos. Ela não poderia ter cometido o crime diretamente, mas nada a impedia de ser cúmplice. E além disso houve aquela repentina briga entre eles! Havia, sem dúvida, um velho envolvimento entre os dois antes de eles virem a Styles. Eles haviam discutido sobre o assunto: ele viria a Styles, casaria-se com a velha senhora, e a induziria a fazer um testamento em seu favor; depois tudo chegaria ao fim com um crime minuciosamente planejado. Se tudo tivesse corrido como o esperado, eles teriam deixado a Inglaterra e vivido gastando o dinheiro da pobre vítima.

- Eles formavam um par muito esperto e inescrupuloso. Enquanto as suspeitas estavam contra ele, ela tratou de fabricar todas as provas. Ela chega de Middlingham com tudo arrumado. Não há suspeitas contra ela, ninguém nota por onde ela anda na casa. Ela esconde a estricnina e o frasco no quarto de John, e coloca a barba no sótão. Ela sabe que mais cedo ou mais tarde alguém a encontraria.

- Eu não consigo entender por que eles tentaram jogar a culpa para cima de John. Seria muito mais fácil jogar a culpa sobre Lawrence!

- Sim, mas muitas coisas foram coincidências. Todos os fatos provados contra Lawrence foram por mero acidente. Com certeza os criminosos aborreceram-se com isso.

- Seu comportamento foi estranho.

- Sim, e com certeza você sabe o que está por trás disso.

- Não.

- Ele pensava que Cynthia seria presa pelo crime.

- Impossível!

- Nem tanto. Eu inicialmente pensava assim, por isso perguntei ao Sr Wells sobre o testamento. Havia aquela caixa de comprimidos de brometo que foram feitos por ela, também sua representação nos pequenos teatros, como Dorcas nos contou. Na verdade haviam mais evidências contra ela do que contra qualquer outro.

- Você está brincando, Poirot!

- Não. Devo dizer a você o que deixou Lawrence tão impressionado ao entrar no quarto de sua madrasta na madrugada mortal? Ele sabia que ela havia morrido por envenenamento e viu, sobre sua cabeça, que a porta de ligação para o quarto de Cynthia estava entreaberta.

- Mas ele disse que viu a porta fechada!

- Exatamente. Isso apenas confirmou minhas suspeitas: ele estava protegendo ela.

- Mas por que ele a estava protegendo?

- Porque ele está interessado nela.

Eu graciei.

- Nisso, Poirot, você está enganado. Eu afirmo que, longe de amá-la, ele não a suporta.

- Quem disse isso a você, mon ami?

- Cynthia.

- la pauvre petite! E ela estava certa disso?

- Ela disse que não tinha dúvidas.

- Então com certeza ela não pensou muito.

- O que você disse sobre Lawrence é uma grande surpresa para mim.

- Mas por quê? Isso era totalmente óbvio. Monsieur Lawrence não ficou de cara trancada o tempo todo enquanto Cynthia conversava e ria com seu irmão? Ele havia colocado na cabeça que Cynthia estava interessada em John. Quando ele entrou no quarto de sua mãe e a viu obviamente envenenada, ela chegou à conclusão de que mademoiselle Cynthia sabia algo sobre o fato. Ele estava quase ficando louco.

Primeiramente ele esmigalhou a xícara de café com os pés, pois se Cynthia havia subido com a Sra Inglethorp para o quarto, o conteúdo dessa xícara não poderia ser testado. E ainda após isso ele levantou a teoria de "morte por causas naturais".

- E sobre a xícara de café extra?

- Eu tinha certeza de que tinha sido a Sra Inglethorp quem a escondeu, mas eu precisava ter certeza disso. Monsieur Lawrence de imediato não sabia do que eu falava, mas ele pensou que se encontrasse essa tal xícara extra, livraria Cynthia. Ele estava certo.

- Uma coisa mais: o que a Sra Inglethorp quis dizer com suas últimas palavras?

- Elas foram, sem dúvida, uma acusação contra seu marido.

- Bem, Poirot acho que você já explicou tudo. Estou contente que tudo isso tenha chegado ao fim. Até John e Mary estão reconciliados.

- Graças a mim.

- Como assim?

- Meu velho amigo, você não notou que foi o julgamento o único responsável pela sua reconciliação?

Que John e sua esposa se amavam isso eu sabia, mas eles estavam afastados. Isso foi causado por um desentendimento. Ela casou com ele sem amor, ele sabia disso; por isso ele não a forçava a amá-lo sem que ela quisesse. Mas enquanto ele esteve afastado, o amor dela despertou. A gente só sente falta do que realmente falta, mon ami. Eles estavam aborrecidos. John interessou-se pela Sra Raikes, enquanto Mary cultivou a amizade do Dr. Bauerstein. Você lembra do dia da prisão de John, quando eu estava por tomar uma grande decisão?

- Sim, eu entendo o porquê.

- Pardon, mon ami, mas você não entende. Eu tentava decidir se livrava John de uma vez por todas ou não. Eu poderia tê-lo livrado - isso poderia ser uma falha para prender os verdadeiros criminosos. Eu arrastei a coisa até o último momento, e esse foi o segredo do meu sucesso.

- Você quer dizer que poderia ter evitado que John fosse a julgamento?

- Sim, mon ami. Mas eu decidi em favor da "felicidade de uma mulher". Nada a não ser o grande perigo pelos quais eles passaram poderia unir novamente aquelas duas almas descontentes.

Eu olhei para Poirot em silêncio. Como ele poderia ter imaginado que um julgamento viria a unir John e Mary novamente?

- Eu percebo seus pensamentos, mon ami. Seu amigo Poirot decidiu por uma coisa, e você está errado em condená-lo. A coisa mais importante nesse mundo é a felicidade de um homem e uma mulher.

Suas palavras levaram-me de volta aos eventos anteriores. Eu lembrei que Mary permanecia o tempo todo jogada no sofá, totalmente desligada. A campainha tocou, ela atendeu. Poirot disse: "Sim madame, eu o trouxe de volta para você!" John logo chegou e a tomou nos braços.

- Acho que você está certo, Poirot. É a coisa mais importante do mundo.

Cynthia entrou na sala.

- Eu... Eu... Apenas...

- Entre! - disse eu.

Ela entrou, mas não sentou.

- Eu... Apenas queria dizer uma coisa a você...

- Sim?

Cynthia observou-nos por alguns instantes, depois disse:

- Vocês são uns anjos!

Deixou a sala após beijar eu e Poirot.

- O que isso significa?- perguntei surpreso.

Foi muito bom ser beijado por Cynthia, mas a publicidade que isso causou quase tirou o prazer.

- Significa que ela descobriu que monsieur Lawrence não a odeia tanto assim.

- Mas...

- Aqui está ele.

Lawrence passou pela porta naquele momento.

- Eh, monsieur Lawrence, nós devemos parabenizá-lo.

Lawrence sorriu. Um homem apaixonado é triste de se ver. Cynthia estava muito atraente.

Eu a observei.

- O que foi, mon ami?

- Nada. - eu disse aborrecido - são duas belas mulheres...

...E nenhuma com você. - finalizou Poirot - Não importa, mon ami. Nós ainda caçaremos juntos, e então quem sabe...

FIM

A AUTORA E SUA OBRA

Excelente cozinheira, amante da vida doméstica, Agatha Christie detestava publicidade e as ocasiões em que tinha que aparecer em público. Construía seus mistérios caminhando pelos parques ou devorando maçãs durante seus banhos de

imersão. Lia muita poesia moderna, tendo aversão pelo punhal e pelo revólver: "Prefiro as mortes por envenenamento", costumava dizer.

Natural de Torquay, Inglaterra, onde nasceu em setembro de 1891, Agatha Mary Clarissa Miller era filha de mãe inglesa e pai americano, que morreu quando ela era ainda bem criança. Passou a infância e a adolescência num ambiente quase recluso, pois sua mãe se encarregou de lhe dar formação cultural, proibindo-a de freqüentar escolas. Seus autores prediletos eram Charles Dickens e Conan Doyle, o autor de Sherlock Holmes. Tinha trinta anos quando conseguiu publicar seu livro de estréia, "O Misterioso Caso de Styles"(1920).

"A participação do leitor é essencial. Ele deve desvendar o mistério lentamente, como se estivesse sendo envenenado." Tão traduzida quanto Shakespeare, com 400.000.000 de exemplares vendidos, a Dama do Crime é a responsável pela quarta tiragem mundial de todos os tempos: à sua frente estão apenas Júlio Verne, Lênin, e Liev Tolstói.

Agatha Christie criou 2 tipos inesquecíveis: o detetive Poirot, com suas "celulazinhas cinzentas do cérebro", e Miss Marple, uma solteirona simpática e observadora tão sagaz quanto o ilustre detetive Belga.

Antes de morrer, em 12 de janeiro de 1976, cuidou também de preparar a morte de Miss Marple; e voltou para a mansão Styles, cena de seu primeiro livro, para encerrar a carreira de Poirot em "Cai o Pano".

Mas, para imensa surpresa de seus fãs, após sua morte publicaram-se mais dois livros inéditos; que foram outro estouro de vendas.

Traduzido e digitado por Germani Conceição

Colaboração: Jaldecir P. Mazzorana e Grasiãni da Ré dos Santos

Sugestões devem ser enviadas para concenco@bol.com.br

Versão corrigida por Renata Garcia Wyse

Este texto integral é de público domínio